



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

ELIAS JOSÉ DE LIMA JÚNIOR

**PERCEPÇÃO DE AGRESSÃO SOCIAL ENTRE
ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO E SUA RELAÇÃO
COM O DESENGAJAMENTO MORAL**

**CAMPINAS
2016**

ELIAS JOSÉ DE LIMA JÚNIOR

**PERCEPÇÃO DE AGRESSÃO SOCIAL ENTRE
ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO E SUA RELAÇÃO
COM O DESENGAJAMENTO MORAL**

Dissertação de Mestrado apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade Estadual de Campinas
para obtenção do título de Mestre em
Educação, na área de concentração de
Educação

Orientadora: Profa. Dra. Roberta Gurgel Azzi

ESTE EXEMPLAR CORRESPONDE À
VERSÃO FINAL DA DISSERTAÇÃO
DEFENDIDA PELO ALUNO ELIAS JOSÉ DE
LIMA JÚNIOR E ORIENTADA PELA PROFA.
DRA. ROBERTA GURGEL AZZI

**CAMPINAS
2016**

Agência(s) de formento e nº(s) de processo(s): Não se aplica

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca da Faculdade de Educação
Rosemary Passos - CRB 8/5751

L628p Lima Júnior, Elias José de, 1964-
Percepção de agressão social entre estudantes do ensino médio e sua relação com o desengajamento moral / Elias José de Lima Júnior. – Campinas, SP : [s.n.], 2016.

Orientador: Roberta Gurgel Azzi.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

1. Desengajamento moral. 2. Agressão - Aspectos sociais. 3. Ensino médio. 4. Violência escolar. I. Azzi, Roberta Gurgel, 1956-. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: Perception of social aggression among high school students and its relation to moral disengagement

Palavras-chave em inglês:

Moral disengagement

Aggression - Social aspects

High school

School violence

Área de concentração: Educação

Titulação: Mestre em Educação

Banca examinadora:

Roberta Gurgel Azzi [Orientador]

Telma Pileggi Vinha

Luciene Regina Paulino Tognetta

Data de defesa: 28-07-2016

Programa de Pós-Graduação: Educação

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

**PERCEPÇÃO DE AGRESSÃO SOCIAL ENTRE
ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO E SUA RELAÇÃO
COM O DESENGAJAMENTO MORAL**

Autor: Elias José de Lima Júnior

COMISSÃO JULGADORA

Orientadora Profa. Dra. Roberta Gurgel Azzi

Profa. Dra Telma Pileggi Vinha

Profa. Dra Luciene Regina Paulino Togneta

A Ata de defesa com as respectivas assinaturas
dos membros encontra-se no processo de vida
acadêmica do aluno.

**CAMPINAS
2016**

*À minha amada esposa Darci,
companheira, guerreira e presente de Deus
para minha vida, e aos meus filhos Matheus
e Raphaela dedico esta obra.*

AGRADECIMENTO

Agradeço a Deus pela vida, pela paz no coração e pela força para vencer os desafios e superar obstáculos de uma jornada tão transformadora e recompensadora.

Agradeço a minha família, esposa e filhos, pelo apoio, incentivo e compreensão em deixar o convívio com eles para me dedicar a esse empreendimento.

Agradeço a Roberta Gurgel Azzi pela oportunidade, confiança, orientação e apoio em todo esse processo de mestrado.

Agradeço aos meus colegas do NEAPSI, especialmente o Warley, por compartilhar comigo seus conhecimentos, experiências de vida e apoio nessa caminhada acadêmica.

Agradeço a Comissão Examinadora, pelo tempo dedicado à leitura e pelos preciosos comentários e incentivos visando o aprimoramento dos meus conhecimentos acadêmicos e a qualidade dessa dissertação.

“O valor de uma teoria psicológica não é julgado apenas por seu poder explicativo e preditivo, mas por seu poder prático para promover mudanças no funcionamento humano” (BANDURA, 2008, p.18).

RESUMO

Esta investigação faz parte de um estudo maior denominado: “Agressão Social no Ensino Médio: Um Estudo Exploratório” tendo a presente pesquisa como objetivo geral identificar, descrever e analisar a percepção sobre a ocorrência da agressão social entre estudantes do Ensino Médio e sua relação com o desengajamento moral. A agressão social, tem como objetivo provocar dano nas amizades, status social ou autoestima da vítima, podendo se expressar de forma direta ou indireta, por meio da manipulação de relacionamento, espalhar boatos e exclusão social verbal e não verbal. E o desengajamento moral, um dos construtos básicos da Teoria Social Cognitiva, é formado por um conjunto de mecanismos psicossociais, pelos quais as pessoas podem se desprender ou se desengajar dos próprios padrões morais, para cometer atos condenáveis sem se censurarem. Essa pesquisa foi de delineamento não experimental transversal exploratório, com enfoque misto, envolvendo concomitantemente a análise quantitativa e qualitativa. Os participantes foram 320 estudantes, entre 14 e 20 anos, do 1º ao 4º ano do Ensino Médio, de 2 escolas públicas, uma municipal e outra estadual, de 2 municípios da Região Metropolitana de Campinas-SP, Brasil. Os resultados principais verificados foram: (1) as mulheres sinalizaram mais o testemunho, a ajuda às vítimas e o sofrimento como vítimas da agressão social do que os homens, e estes assinalaram mais que agrediram socialmente do que as mulheres; (2) os estudantes com 14 e 15 anos e cursando o 1º ano do Ensino Médio, indicaram mais que sofreram a agressão social, e os de 19 e 20 anos e cursando o 4º ano do Ensino Médios, apontaram mais que agrediram socialmente; (3) os homens justificaram mais a pratica da agressão social com mecanismos de desengajamento moral do que as mulheres; (4) o mecanismo de desengajamento moral mais utilizado para justificar a pratica da agressão social por homens e mulheres, em todas as faixas de idade e em todos os 4 anos do Ensino Médio, foi o de atribuição de culpa à vítima; (5) Mais de 80% dos estudantes pesquisados indicaram que agrediram e testemunharam a mesma agressão social; mais de 55%, assinalaram que agrediram e foram vítimas da mesma agressão social; e mais de 53%, apontaram que agrediram e ajudaram às vítimas da mesma agressão social. Esses e demais resultados desse estudo são relevantes para a compreensão da agressão social e sua relação com desengajamento moral no contexto escolar, visando oferecer subsídios para projetos de intervenção que melhorem a convivência escolar.

Palavras-chave: agressão social; desengajamento moral; Ensino Médio; violência escolar.

ABSTRACT

This research is part of a larger study called: "Social Aggression in High Schools: An Exploratory Study" with this research as a general objective to identify, describe and analyze the perception of the occurrence of social aggression among high school students and its relationship with the disengagement moral. Social aggression, aims to cause damage friendships, social status or the victim's self-esteem, being able to express directly or indirectly, through the relationship of manipulation, spreading rumors and verbal and nonverbal social exclusion. And the moral disengagement, one of the basic constructs of Cognitive Social Theory, is formed by a set of psychosocial mechanisms by which people can loosen or disengage own moral standards, to commit reprehensible acts without censor. This research was not exploratory cross experimental design, with mixed approach, simultaneously involving quantitative and qualitative analysis. Participants were 320 students, between 14 and 20 years, from 1st to 4th year of high school, 2 public schools, municipal and other state, 2 the Metropolitan Region of Campinas-SP, Brazil. The key findings were: (1) women more signaled the testimony, aid to victims and suffering as victims of social aggression than men, and they noted that more socially assaulted than women; (2) students with 14 and 15 years and attending the 1st year of high school, indicated that more experienced social aggression, and of 19 and 20 years attending the 4th year of Average Education, pointed out that more socially assaulted; (3) men justified more the practice of social aggression with moral disengagement mechanisms than women; (4) the moral disengagement mechanism more used to justify the practice of social aggression by men and women in all age groups and in all four years of high school, was the attribution of blame to the victim; (5) More than 80% of the surveyed students indicated that attacked and witnessed the same social aggression; more than 55%, they indicated that attacked and were victims of the same social aggression; and more than 53% indicated that attacked and helped victims of the same social aggression. These and other results of this study are relevant to the understanding of social aggression and its relation to moral disengagement in schools, aiming to offer subsidies for intervention projects to improve school life.

Keywords: social aggression; moral disengagement; High school; school violence

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Formas de Agressão Social. Social.....	32
Figura 2 - Mecanismos pelos quais o comportamento é desengajado das conseqüências auto-avaliativas em diferentes pontos do processo comportamental.	40
Figura 3 - Comparação das frequências de respostas dos que indicaram terem testemunhado, ajudado a vítima, agredido ou sofrido como vítima da agressão social.....	74
Figura 4 - Comparação das frequências de respostas dos que indicaram terem testemunhado a agressão social em relação ao sexo dos participantes.....	76
Figura 5 - Comparação das frequências de respostas dos que indicaram terem ajudado as vítimas da agressão social em relação ao sexo dos participantes.	77
Figura 6 - Comparação das frequências de respostas dos que indicaram que praticaram a agressão social em relação ao sexo dos participantes.....	77
Figura 7 - Comparação das frequências de respostas dos que indicaram terem sofrido a agressão social em relação ao sexo dos participantes.....	78
Figura 8 - Comparação das frequências de respostas dos que indicaram terem testemunhado os 8 subtipos de agressão social com a idade dos participantes.	80
Figura 9 - Comparação das frequências de respostas dos que indicaram terem ajudado as vítimas de 8 subtipos de agressão social com a idade dos participantes	81
Figura 10 - Comparação das frequências de respostas dos que indicaram terem praticado os 8 subtipos de agressão social com a idade dos participantes.	81
Figura 11 - Comparação das frequências de respostas dos que indicaram terem sofrido como vítimas dos 8 subtipos de agressão social com a idade dos participantes.	82
Figura 12 - Comparação das frequências de respostas dos que indicaram terem testemunhado os 8 subtipos de agressão social com o ano em curso dos participantes.	83
Figura 13 - Comparação das frequências de respostas dos que indicaram terem ajudado as vítimas de 7 subtipos de agressão social com o ano em curso dos participantes.	85
Figura 14 - Comparação das frequências de respostas dos que indicaram terem praticado os 8 subtipos de agressão social com o ano em curso dos participantes.	85

LISTA DE FIGURAS – CONTINUAÇÃO

Figura 15 - Comparação das frequências de respostas dos que indicaram terem sofrido como vítimas dos 8 subtipos de agressão social com o ano em curso dos participantes.	86
Figura 16 - Distribuição das justificativas dos participantes que indicaram a pratica da agressão social, categorizadas como mecanismos de desengajamento moral.	88
Figura 17 - Distribuição das justificativas com os mecanismos de desengajamento moral dos que indicaram a pratica da agressão social.....	89
Figura 18 - Comparação das justificativas com desengajamento moral de acordo com a idade dos participantes e a agressão social indicada como praticada.	92
Figura 19 - Comparação dos mecanismos de desengajamento moral para justificar a pratica da agressão social com a idade dos pesquisados.	92
Figura 20 - Comparação das justificativas com desengajamento moral de acordo com o ano em curso dos participantes e a agressão social indicada como praticada.	95
Figura 21 - Comparação das justificativas com mecanismos de desengajamento moral de acordo com o ano em curso dos participantes.	97
Figura 22 - Comparação das frequências de respostas dos que indicaram a prática da agressão social e também testemunharam a mesma agressão.	99
Figura 23 - Distribuição dos mecanismos de desengajamento moral dos que justificaram a pratica da agressão social e testemunharam a mesma agressão.	101
Figura 24 - Comparação das frequências de respostas dos que indicaram a prática da agressão social e também foram vítimas da mesma agressão.	104
Figura 25 - Distribuição dos mecanismos de desengajamento moral dos que justificaram a pratica da agressão social e sofreram como vítimas da mesma agressão.	106
Figura 26 - Comparação das frequências de respostas dos que indicaram a prática da agressão social e também ajudaram as vítimas da mesma agressão...	109
Figura 27 - Distribuição dos mecanismos de desengajamento moral dos que justificaram a pratica da agressão social e ajudaram as vítimas da mesma agressão.	111

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Caracterização com base na idade dos pesquisados comparando a frequência com escola, período de estudo, ano cursado e sexo dos participantes.	52
Tabela 2 - Caracterização com base no sexo dos pesquisados comparando a frequência com escola, período de estudo, ano cursado e idade dos participantes.	53
Tabela 3 - Caracterização com base no ano cursado dos pesquisados comparando a frequência com escola, período de estudo, idade e sexo dos participantes.	54
Tabela 4 - Frequência de missing e dúvidas apresentadas pelos juízes.....	68
Tabela 5 - Média de concordância entre os juízes.	69
Tabela 6 - Comparação das frequências de respostas dos que indicaram terem testemunhado, ajudado a vítima, agredido ou sofrido como vítima da agressão social.	73
Tabela 7 - Comparação das frequências de respostas dos que indicaram terem testemunhado, ajudado, agredido e sofrido como vítima da agressão social com o sexo dos participantes.	75
Tabela 8 - Comparação das frequências de respostas dos que indicaram terem testemunhado, ajudado, agredido e sofrido como vítima da agressão social com a idade.	79
Tabela 9 - Comparação das frequências de respostas dos que indicaram terem testemunhado, ajudado à vítima, praticado e sofrido como vítima dos 8 subtipos de agressão social com o ano curso dos participantes no Ensino Médio.	84
Tabela 10 - Comparação das frequências de respostas dos que indicaram a prática da agressão social e a justificaram com mecanismos de desengajamento moral.	87
Tabela 11 - Comparação das frequências de respostas dos que justificaram a prática da da agressão social com e sem desengajamento moral.	89
Tabela 12 - Comparação das frequências de respostas dos que indicaram a prática da agressão social e a justificaram com os mecanismos de desengajamento moral e o sexo dos participantes.	90
Tabela 13 - Comparação das frequências de resposta das justificativas com e sem desengajamento moral dos que indicaram a prática da agressão social com a idade dos pesquisados.	91
Tabela 14 - Comparação das frequências de respostas dos que indicaram da agressão social e a justificaram com mecanismos de desengajamento moral com a idade dos pesquisados.	93
Tabela 15 - Comparação das frequências de respostas das justificativas com e sem desengajamento moral dos que indicaram a prática da agressão social com o ano em curso dos pesquisados.	94

LISTA DE TABELAS - CONTINUAÇÃO

Tabela 16 - Comparação das frequências de respostas dos que indicaram a prática da agressão social e a justificaram com os mecanismos de desengajamento moral com o ano em curso dos participantes.	96
Tabela 17 - Comparação das frequências de respostas entre os que indicaram a pratica da agressão social e também testemunharam a mesma agressão	98
Tabela 18 - Comparação das frequências de respostas dos que indicaram terem praticado a agressão social e também testemunharam a mesma agressão com o sexo dos participantes.	99
Tabela 19 - Comparação das frequências de respostas dos que indicaram terem praticado a agressão social e também testemunharam a mesma agressão com a idade dos participantes.	100
Tabela 20 - Comparação das frequências de respostas dos que indicaram terem praticado a agressão social e também testemunharam a mesma agressão com o ano em curso dos participantes.	101
Tabela 21 - Comparação das frequências de respostas dos que indicaram terem praticado a agressão social e também testemunharam a mesma agressão com o mecanismo de desengajamento moral utilizado pelos participantes para justificá-la.	102
Tabela 22 - Comparação das frequências de respostas entre os que indicaram a pratica da agressão social e também sofreram como vítimas da mesma agressão.	103
Tabela 23 - Comparação das frequências de respostas dos que indicaram terem praticado a agressão social e também sofreram como vítimas da mesma agressão com o sexo dos participantes.	104
Tabela 24 - Comparação das frequências de respostas dos que indicaram terem praticado a agressão social e também sofreram como vítimas da mesma agressão com a idade dos participantes.	105
Tabela 25 - Comparação das frequências de respostas dos que indicaram terem praticado a agressão social e também sofreram como vítimas da mesma agressão com o ano em curso dos participantes.	106
Tabela 26 - Comparação das frequências de respostas dos que indicaram terem praticado a agressão social e também sofreram como vítimas da mesma agressão com o mecanismo de desengajamento moral utilizado pelos participantes para justificá-la.	107
Tabela 27 - Comparação das frequências de respostas entre os que indicaram a pratica da agressão social e também ajudaram as vítimas da mesma agressão.	108
Tabela 28 - Comparação das frequências de respostas dos que indicaram terem praticado a agressão social e também defenderam as vítimas da mesma agressão com o sexo dos participantes.	109

LISTA DE TABELAS – CONTINUAÇÃO

Tabela 29 - Comparação das frequências de respostas dos que indicaram terem praticado a agressão social e também defenderam as vítimas da mesma agressão com a idade dos participantes.	110
Tabela 30 - Comparação da frequência de resposta dos que indicaram terem praticado a agressão social e também defenderam as vítimas da mesma agressão com o ano em curso dos participantes.....	111
Tabela 31 - Comparação das frequências de respostas dos que indicaram terem praticado a agressão social e também defendeu as vítimas da mesma agressão com o mecanismo de desengajamento moral utilizado pelos participantes para justificá-la.	112

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Subtipos de Agressão Social e perguntas relacionadas.	56
Quadro 2 – Comparação da frequência de respostas dos que indicaram que testemunharam, ajudaram, agrediram a foram vítimas da agressão social.	113
Quadro 3 – Comparação da frequência de respostas dos que indicaram que praticaram a agressão social e sua relação com o desengajamento moral.	114
Quadro 4 – Comparação entre a frequência de respostas dos que indicaram que praticaram a agressão social e testemunharam, ajudaram e foram vítimas da mesma agressão.	115

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

APAC - Associação de Proteção e Assistência ao Condenado.

GPEM - Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Moral

ERD - Espalhar Rumores Diretamente.

ERI - Espalhar Rumores Indiretamente.

ESVD - Exclusão Social Verbal Direta.

ESVI - Exclusão Social Verbal Indireta.

ESNVD - Exclusão Social Não Verbal Direta.

ESNVI - Exclusão Social Não Verbal Indireta.

MRD - Manipulação de Relacionamento Direto

MRI - Manipulação de Relacionamento Indireto

NEAPSI – Núcleo de Estudos Avançados em Psicologia Cognitiva e Comportamental

ONG – Organização não Governamental

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura.

UDEM - Sindicato de Especialistas em Educação do Magistério Oficial do Estado de São Paulo.

SUMÁRIO

Apresentação.....	19
1. Violência Escolar: Breve descrição sobre incidências.....	23
2. Agressão Social.....	29
2.1 A formação do conceito de Agressão Social.....	30
2.2 Comportamentos que expressam a agressão social.....	32
2.3 Agressão Social e Bullying Social.....	34
2.4 Agressão Social e Teoria Social Cognitiva.....	35
3. Desengajamento Moral.....	37
3.1 Do pensamento para ação moral através da autorregulação.....	38
3.2 Ativação seletiva e desengajamento do controle moral	40
3.3 Desengajamento Moral Gradual	46
4. Objetivos e hipóteses desta pesquisa	48
5. Método.....	51
5.1 Participantes.....	51
5.2 Procedimentos éticos.....	54
5.3 Instrumento	55
5.4 Procedimentos de coleta de dados.....	59
5.5 Categorização das justificativas para a Agressão Social.....	62
5.6 Validação Interna da categorização das justificativas para Agressão Social	67
5.7 Procedimento de análise dos Dados	70
6. Resultados	72
6.1- Comparação das frequências de respostas sobre a agressão social com o sexo, idade e ano em curso no Ensino Médio.....	72
6.2- Comparação da agressão social com os mecanismos de desengajamento moral utilizados para justificar a prática da agressão.....	86
6.3- Comparação das frequências de respostas entre os estudantes que indicaram que testemunharam, ajudaram, agrediram e foram vítimas da agressão social.	94
6.4- Síntese dos resultados.....	112

SUMÁRIO - CONTINUAÇÃO

7. Discussão	117
7.1- A percepção dos estudantes do Ensino Médio sobre a ocorrência da agressão social, nas interações presenciais face a face no contexto escolar, e sua relação com o sexo, idade e ano em curso dos participantes.....	117
7.2- Relação entre as frequências de respostas dos que indicaram terem praticado a agressão social e os mecanismos de desengajamento moral utilizados para justificá-la, levando em consideração o sexo, idade e ano cursado dos participantes.....	120
7.3- A relação das frequências de respostas dos alunos pesquisados do Ensino Médio que indicaram terem praticado a agressão social e também testemunhado, ajudado a vítima e sofrido como vítima do mesmo tipo de agressão.	122
8. Considerações Finais	128
Referências.....	132
Anexos.....	141
Anexo I - Categorização das justificativas para prática da Agressão Social de acordo com os Mecanismos de Desengajamento Moral	142

APRESENTAÇÃO

A escola, na legislação brasileira, é definida como um lugar privilegiado de aprendizagem e interação social, que inspirada nos princípios de liberdade e solidariedade humana, tem como finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (BRASIL. Lei 9.394, 1996, art. 2).

Entretanto, episódios como o de Realengo, no Rio de Janeiro, no qual o jovem Wellington Menezes de Oliveira, no dia 08 de abril de 2011, invade a escola onde estudou e tira a vida de doze adolescentes, sinalizam que a escola como instituição socializadora, tem encontrado sérias dificuldades no desenvolvimento pleno do educando e no seu preparo para o exercício da cidadania. Manchetes frequentes de violência escolar, como a de Realengo, não é um fenômeno exclusivamente brasileiro, em vários países os meios de comunicação noticiam situações semelhantes (WENDT et al., 2009).

No enfrentamento da violência escolar vários documentos e estratégias têm sido elaborados. Entre eles se destaca o do Estado de São Paulo, denominado de Manual de Proteção Escolar e Promoção da Cidadania (2009). Esse documento em sua concepção utiliza a definição de violência descrita pela Organização Mundial da Saúde (OMS) no “Relatório Mundial sobre a Violência e a Saúde”:

“Violência é o uso intencional da força física ou o poder, real ou por ameaça, contra a pessoa mesma, contra outra pessoa, ou contra um grupo ou comunidade que possa resultar em ou tenha alta probabilidade de resultar em morte, lesão, dano psicológico, problemas de desenvolvimento ou privação.” (SÃO PAULO (ESTADO). MANUAL DE PROTEÇÃO ESCOLAR E PROMOÇÃO DA CIDADANIA, 2009, p.11).

Esse conceito abrangente de violência envolve, além de danos físicos ou psicológicos, a intenção de provocá-los. Essa definição, contextualizada para o ambiente escolar, estabelece que a violência escolar deve ser considerada como um fenômeno complexo que pode se manifestar no relacionamento interpessoal (violência física, verbal e psicológica), em ações contra o patrimônio público e privado (depredações, pichações, ameaça de bomba, furtos e roubos) e no uso e tráfico de drogas. (SÃO PAULO. MANUAL DE PROTEÇÃO ESCOLAR E PROMOÇÃO DA CIDADANIA, 2009).

Apesar desse amplo leque de possibilidades de expressões da violência escolar, descritas no documento citado, para Camacho (2001), a violência que normalmente é combatida e controlada por sanções no ambiente escolar, se manifesta principalmente de

forma explícita por meio da agressão física. Entretanto, a violência entre pares disfarçada em ameaças, intimidações, discriminações, exclusões sociais e verbais, geralmente passa impune. Isso pode ocorrer, segundo a autora, pelo fato da mesma não ser percebida claramente pelos professores, gestores e funcionários da escola, ou por ser considerada em muitos casos como uma simples brincadeira, trazendo consigo o perigo de graves danos emocionais e psicológicos, incluindo o estopim de outras formas de violência.

Essa violência mascarada, para diferenciá-la da física, tem sido abordada por diversas definições como bullying, agressão indireta, relacional e social (UNDERWOOD, 2003). Neste estudo ela será abordada na perspectiva da agressão social.

Esta investigação faz parte de um estudo maior denominado: “*Agressão Social no Ensino Médio: Um Estudo Exploratório*”, com delineamento não experimental transversal exploratório, com enfoque misto, envolvendo concomitantemente a análise quantitativa e qualitativa. Tendo a presente pesquisa como objetivo geral identificar, descrever e analisar a percepção sobre a ocorrência da agressão social entre estudantes do Ensino Médio e sua relação com o desengajamento moral.

A agressão social, segundo Paquete e Underwood (1999), tem como objetivo provocar dano nas amizades, status social, ou autoestima dos outros. Podendo ser expressar de forma direta, na qual o agressor não se preocupa em esconder a autoria e a intenção de suas ações, e de forma indireta, quando o agressor, de maneira disfarçada ou por meio de terceiros, procura promover dano social a vítima. E o desengajamento moral, um dos construtos básicos da Teoria Social Cognitiva (BANDURA, 1991), é composto por um conjunto de mecanismos psicossociais, pelos quais as pessoas podem se desprender ou se desengajar dos próprios padrões morais, para cometer atos condenáveis sem se censurarem (BANDURA et al., 1996).

Este estudo, como descrito no objetivo geral, tem como foco o Ensino Médio. Esse nível de ensino tem sido objeto de estudo de diversos pesquisadores, como pode ser visto nas investigações do NEAPSI da UNICAMP sobre autoeficácia acadêmica de Azzi et al (2010), autoeficácia para usar tecnologias de informática no ensino de Alvarenga e Azzi (2010), crenças de eficácia de gestores e docentes de Guerreiro-Casanova et al. (2011), como nas investigações sobre a sociologia do Ensino Médio de Kyrawczyk (2014).

Escolhemos como estudo empírico e/ou como categoria de análise o Ensino Médio porque o consideramos um espaço particularmente sensível às mudanças ocorridas a partir da segunda metade do século XX. Nele, mais que em qualquer outro nível de ensino, expressaram-se de forma contundente as transformações de ordem social, econômica e cultural que afetaram profundamente toda a educação pública em diferentes países (KYRAWCZYK, 2014, p.15).

Considerando os estudos sobre a agressão social (PAQUETE e UNDERWOOD, 1999), o desengajamento moral (BANDURA, 1991) e a opção pelo foco de estudo no Ensino Médio, a presente pesquisa tem como pergunta problematizadora:

- Qual a percepção sobre a ocorrência da agressão social, nas interações presenciais face a face, entre estudantes do Ensino Médio, que indicaram terem agido como testemunhas, ajudadores das vítimas, agressores e vítimas dessa agressão e sua relação com o desengajamento moral?

Para responder a essa questão em consonância com o objetivo geral, indicado anteriormente, os objetivos específicos dessa investigação pretendem identificar, descrever e analisar:

- A percepção dos estudantes do Ensino Médio sobre a ocorrência da agressão social, nas interações presenciais face a face no contexto escolar, e sua relação com o sexo, idade e ano em curso dos participantes.
- A relação entre as frequências de respostas dos que indicaram terem praticado a agressão social e os mecanismos de desengajamento moral utilizados para justificá-la, levando em consideração o sexo, idade e ano cursado dos participantes.
- A relação das frequências de respostas dos alunos pesquisados do Ensino Médio que indicaram terem praticado a agressão social e também testemunhado, ajudado as vítimas e sofrido como vítima do mesmo tipo de agressão.

Este estudo está organizado em 8 capítulos. O capítulo 1, traz uma breve descrição sobre incidências de violência na escola, indicada nas pesquisas realizadas pelo Sindicato de Especialistas em Educação do Magistério Oficial do Estado de São Paulo (UDEMOMO), pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), pela Pesquisa Nacional sobre o Perfil e Opinião dos Jovens Brasileiros (2013), pelo Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Moral (GPEM) da UNESP e da UNICAMP, entre outros. Nesse capítulo, também são apresentados algumas investigações sobre a relação entre a violência escolar e desengajamento moral.

No capítulo 2, é estudado a agressão social, analisando como foi formado esse construto, quais os comportamentos que o expressam e sua relação com o bullying social e a Teoria da Aprendizagem Social da Agressão.

No capítulo 3, é analisado o desengajamento moral, na perspectiva da Teoria Social Cognitiva, como meio de se evitar a autocensura na prática de um comportamento contrário ao padrão moral pessoal e social.

No capítulo 4, são apresentados detalhadamente os objetivos, perguntas e hipóteses de pesquisa, além das variáveis que serão comparadas e analisadas.

No capítulo 5, é descrito o Método detalhado desta investigação, seus participantes, as variáveis de pesquisa analisadas, instrumentos, os procedimentos de coleta e análise de dados, e também os procedimentos éticos e de validação interna.

No capítulo 6, são apresentados os resultados dessa pesquisa de acordo com os objetivos, questões e hipóteses propostas. No capítulo 7, é feita a discussão desses resultados. E no capítulo 8, as considerações finais com as limitações de pesquisa e propostas de estudos futuros.

1. VIOLÊNCIA ESCOLAR: BREVE DESCRIÇÃO SOBRE INCIDÊNCIAS

Na pesquisa nacional sobre o Perfil da Juventude Brasileira de 2003, com jovens entre 15 e 24 anos, quando perguntado: Quais os problemas que mais lhe preocupam? Eles responderam indicando a violência e a segurança como a principal preocupação (27%), seguida por emprego e profissão (26%), drogas (8%) e educação (6%). Em pesquisa semelhante em 2013, com jovens entre 15 e 29 anos, a segurança foi novamente apontada como a principal preocupação (24%), seguida por emprego e profissão (19%), educação (9%) e drogas (8%). No Mapa da Violência 2015 (WAISELFISZ, 2015), os jovens entre 15 e 29 anos foram apontados como as maiores vítimas das armas de fogo, com uma taxa de 62,9 mortes por 100 mil jovens na idade de 19 anos.

A violência acomete o mundo contemporâneo em todas as suas instâncias e se manifesta de variadas formas. Ela está presente em toda sociedade e não se restringe a determinados espaços, a determinadas classes sociais, a determinadas faixas etárias ou a determinadas épocas. (CAMACHO, 2001, p.125)

Pesquisas, como as citadas acima, indicam que a escola não está imune a violência que se expressa na sociedade, entretanto, a mesma não é simplesmente transplantada para o contexto educacional sem qualquer alteração. No ambiente escolar as formas de convivência podem transformar ou opor-se a ela. Mas, também podem potencializa-la por meio do racismo, preconceito, discriminações e outras formas de agressão (SPOSITO, 2003).

É importante analisar que o que é considerado violência no ambiente escolar muda conforme a perspectiva dos observadores e o contexto histórico-cultural de cada sociedade em que é investigada (ABRAMOVAY, 2003).

Diversas perspectivas sobre a discriminação da violência escolar

Na França, as pesquisas fazem distinção entre violência, transgressão e incivildades. A violência é analisada como ato infracional, que deve ser punido conforme a legislação vigente, podendo se expressar no tráfico de drogas, agressões físicas, porte de armas, insultos graves, entre outros.. A transgressão, como um comportamento contrário ao regimento escolar, que deve ser tratada pelo conselho de disciplina da escola, sem necessidade de chamar a polícia, como não realizar atividades escolares, absentéismo, chegar atrasado e colar na prova. E as incivildades, como comportamentos que não ferem o regimento escolar e nem o código penal, mas

desafiam a autoridade docente, como movimentar-se pela sala de aula sem autorização, ficar falando enquanto o professor explica a matéria, jogar papel no chão, zombar dos colegas e professores e fazer atividades na aula que não correspondem à disciplina. Segundo Charlot (2002), essa distinção, apesar de útil, é limitada porque as expressões de violência no contexto escolar muitas vezes estão interligadas. Como no caso das incivildades rotineiras, que podem promover uma situação na qual os envolvidos se percebam de tal forma ofendidos, que a mesma deve ser considerada uma forma de violência.

Na perspectiva de Sposito (2002), a violência escolar deve ser discriminada entre a violência contra a escola, que se expressa através do prejuízo ao patrimônio físico escolar e a violência das relações interpessoais que envolvem alunos, professores e funcionários.

No primeiro semestre de 2010, a UDEMO realizou uma pesquisa sobre a violência nas escolas públicas do Estado de São Paulo, praticadas em 2009, na qual responderam 496 gestores de escolas estaduais. Nesse estudo, 84% das escolas pesquisadas indicaram que sofreram algum tipo de violência. Sendo que os principais atos de violência sinalizados foram: desacato a professores, funcionários ou direção (88%); briga, agressão física entre alunos (86%); depredação ao prédio, mobiliários e ambiente escolar (85%); pichação (82%); invasão da escola por elementos estranhos (67%); explosão de bombas (65%); arrombamentos de portas, janelas, portões e cadeados (63%); tráfico, porte ou consumo de drogas (61%); porte ou consumo de bebidas alcoólicas (58%); furto de torneiras, lâmpadas, extintores, TV, vídeo cassete, som, cantina e veículos (58%); ameaça de morte a alunos, professores, funcionários e direção (41%).

Segundo Avilés (2013), ao estudar a violência escolar é fundamental diferenciar o maltrato entre pares de outras formas de violência e processos perturbadores que ocorrem no ambiente escolar. A UNESCO, sob a coordenação de Abramovay (2003), realizou uma pesquisa sobre a violência em escolas públicas de cinco capitais do Brasil – Porto Alegre, Salvador, São Paulo, Rio de Janeiro e Belém, envolvendo 110 escolas públicas, da 6ª série ao Ensino Médio. Nessa pesquisa, considerando o maltrato entre pares, a maioria dos alunos (51,2%) indicou que a relação entre pares no contexto escolar é “mais ou menos ou ruim”, enquanto a maioria dos professores, gestores e funcionários apontou que essa relação entre alunos é “boa ou muito boa” (70,3%). Com relação as agressões verbais, os alunos do sexo masculino assinalaram serem mais

vítimas dessa agressão (75%) do que os do sexo feminino (55,4%). Considerando as ameaças ou intimidações, 29,7 % dos alunos informaram terem conhecimento de casos de ameaça no contexto escolar, sendo que 13,9% indicaram já terem sido ameaçados. Desses, 15,6% são do sexo masculino e 12,5% do sexo feminino. Com relação à agressão física, 19,8% dos alunos assinalaram terem batido em alguém na escola, contra 4,8%, que indicaram terem apanhado. Sendo a maior parte das agressões físicas, na faixa etária entre os 10 e 15 anos (46,9%), sendo praticadas mais pelo sexo masculino como agressores (23,6%) e vítimas (6,5%) do que pelas de sexo feminino, como agressoras (9,8%) e vítimas (3,4%).

Nessa investigação é revelada uma diferença entre a percepção de alunos e professores sobre a qualidade da relação entre pares. Enquanto, a maioria dos alunos (51,2%) indicou que a relação entre os pares é “mais ou menos ou ruim”, a maioria dos professores, gestores e funcionários assinalou que a mesma é “boa ou muito boa” (70,3%). Essa diferença pode sinalizar uma violência entre pares oculta aos olhos de professores, gestores e funcionários da escola.

Segundo Camacho (2001), as expressões de violência no contexto escolar podem ser divididas em dois grupos: as explícitas e as mascaradas. A explícita é assumida, combatida, criticada e controlada por meio de punições. Entretanto, a mascarada, que é expressa por segregação, exclusão, indiferença e agressão verbal entre os pares, por não trazer consequências visíveis e imediatas porque não machuca o corpo e faz verter sangue é considerada menos prejudicial e a maior parte delas é ignorada, promovendo graves danos emocionais e psicológicos nos envolvidos. Essa violência mascarada, muitas vezes, não passa despercebida aos olhos do adulto, mas o mesmo finge que não a está vendo e os alunos, por sua vez, agem como se o adulto não estivesse observando. Nesse teatro de fingimento, os alunos driblam a punição da violência explícita fazendo, geralmente, seus acertos de contas, que iniciaram com a violência mascarada dentro da escola, para fora dos seus muros, deixando para a mesma essa forma disfarçada de violência, mas não menos prejudicial.

Essa violência pode se tornar perigosa porque não é controlada por ninguém, não possui regras ou freios e porque passa a ocorrer constantemente no cotidiano escolar. De tanto acontecer, ela passa a ser banalizada e termina por ser considerada “naturalizada”, como se fosse algo “normal”, próprio da adolescência. A banalização da violência provoca a insensibilidade ao sofrimento, o desrespeito e a invasão do campo do outro. (CAMACHO, 2001, p.133)

Violência entre pares no contexto escolar

Essa violência mascarada entre pares no contexto escolar tem sido estudada sob diversas perspectivas, sendo o bullying a abordagem mais utilizada. Para Tognetta et al. (2014), o bullying é uma expressão de violência normalmente escondida aos olhos das autoridades, pela necessidade que o agressor tem de ser visto pelos pares. Ao agir fora do olhar de uma autoridade, o agressor procura evitar eventuais repreensões que poderiam prejudicar sua exposição. O bullying, do inglês bull (touro), simboliza a força daquele que agride, ao escolher um alvo frágil para ofender, intimidar, humilhar, menosprezar e diminuir.

Chamamos de bullying a intimidação e o maltrato entre escolares de forma repetida e mantida no tempo, sempre longe dos olhares dos adultos/as, com a intenção de humilhar e submeter abusivamente uma vítima indefesa por parte de um abusador ou grupo de valentões através de agressões físicas, verbais e/ou sociais com resultados de vitimização psicológica e rejeição grupal (Avilés, 2013, p.38)

Em um estudo iniciado por Olweus na Noruega, em 1983, concluiu-se que o Bullying afetava diretamente 15% dos estudantes do curso primário e secundário, dentre estes 9% se reconheciam como vítimas, 7% como agressores e 1,6% como agressores e vítimas. Sendo os agressores predominantemente do sexo masculino, normalmente justificando a agressão colocando a culpa na vítima (DÍAZ-AGUADO, 2015).

Com o objetivo de conhecer a violência entre pares no Brasil, em 2009, a Plan Brasil realizou a pesquisa “Bullying no Ambiente Escolar”. Nesse estudo 15,5% dos estudantes da região Sudeste indicaram que foram vítima de bullying, 11,7% no Centro-oeste, 8,4% no Sul, 6,2% no Norte e 5,4% no Nordeste (PLAN, 2010).

Em uma pesquisa realizada na Região de Campinas (SP), em 2006, coordenada por Tognetta e Vinha, com 824 estudantes, do 4º ao 9º ano do Ensino Fundamental e do 1º e 2º ano do Ensino Médio, 21% dos participantes indicaram terem praticado bullying e 53% afirmaram terem sido vítimas dessa violência no ambiente escolar (VICENTIN, 2014).

Violência entre pares no contexto escolar do Ensino Médio

Na Pesquisa Nacional sobre o Perfil e Opinião dos Jovens Brasileiros (2013), os jovens na faixa entre os 15 e 17 anos, que normalmente estão cursando o Ensino Médio, foram indicados como os mais sensíveis a violência, que foi sinalizada por 26% dos pesquisados, desta faixa etária, como a principal preocupação (BRASIL, SECRETARIA NACIONAL DE JUVENTUDE, 2013).

Com a finalidade de conhecer as investigações sobre a violência entre pares, no contexto escolar brasileiro, com foco exclusivo em alunos do Ensino Médio, os pesquisadores do NEAPSI da UNICAMP, realizaram um levantamento de artigos publicados em revistas científicas brasileiras, nas bases de dados eletrônicas nacionais da biblioteca virtual em saúde-psicologia Brasil (BVS-Psi Brasil). Através das palavras-chave: violência entre pares, violência na escola e assédio moral, selecionou-se nesta pesquisa 474 artigos, dos quais 15 que se referiam ao Ensino Médio, e apenas 5, tratavam da agressão entre pares especificamente no Ensino Médio brasileiro (AZZI et al., 2015), sinalizando a necessidade de ampliar as pesquisas sobre a agressão entre pares nesse nível de ensino.

Violência entre pares no contexto escolar na perspectiva da Teoria Social Cognitiva

O fenômeno da agressão entre pares no contexto escolar tem sido estudado sob a perspectiva de várias teorias. Na perspectiva piagetiana, se encontram pesquisas como a de Vinha e Tognetta (2014), Tognetta et al. (2013) e Araújo (2001). Na Vygotskiana, Rego (1996) e Aquino (1996). Na psicanálise, Lajonquière (1996). Na perspectiva social, Abramovay (2005), Charlot (2002), Debarbieux (2002), Trassi e Malvasi (2010). Nesta pesquisa, a agressão entre pares será analisada na perspectiva da Teoria Social Cognitiva (BANDURA, 1986).

Bandura, tem estudado a agressão desde a década de 1950, relatando seus estudos em livros como “Adolescent Agression”, (BANDURA e WALTER, 1959), e em diversos artigos como “Teoria da Aprendizagem Social da Agressão” (BANDURA, 1978), entre outras publicações. Segundo Bandura (1978), uma teoria completa da agressão deve estudar como os comportamentos agressivos são desenvolvidos, o que provoca essa agressão e como ela é sustentada após ter sido iniciada.

É importante destacar que algumas pesquisas fazem distinção entre violência e agressão. Concedendo a violência como o emprego intencional da agressão para fins destrutivos e a agressão como um impulso ou instinto comum ao ser humano direcionado a sobrevivência, sendo negativo ou positivo dependendo da circunstância (Oliveira, 2007). Na perspectiva da Teoria Social Cognitiva, o que é considerado agressão ou violência depende de julgamentos subjetivos de intenções e causalidade. Por exemplo, socar o rosto de um adversário no boxe é interpretado como habilidade

esportiva, o de uma pessoa na escola como um ato de extrema agressividade ou violência.

Na perspectiva da Teoria Social Cognitiva, as pessoas no exercício da agência moral, podem praticar atos prejudiciais contrários ao seu padrão moral sem se condenarem, por meio dos mecanismos de desengajamento moral, que possuem caráter facilitador desse comportamento (BANDURA, 1999).

A relação entre violência escolar e desengajamento moral tem sido estudada por diversos pesquisadores. Bandura et al. (1996), realizou um estudo com 799 adolescentes, entre 10 e 15 anos, nas proximidades de Roma, na Itália, analisando a relação entre desengajamento moral e a conduta prejudicial e pró-social. Caurcel e Almeida (2008), realizaram uma pesquisa com 1237 adolescentes, das cidades de Granada na Espanha e Braga em Portugal, analisando a relação entre as atribuições de emoções morais e o desengajamento moral em situações de bullying. Thornberg e Jungert (2012), realizaram uma pesquisa semelhante com 347 adolescentes, na Suécia, analisando além do desengajamento moral a autoeficácia da testemunha de bullying em defender a vítima.

Com o avanço da internet e das redes sociais, pesquisadores também tem analisado a relação entre a violência escolar e o desengajamento moral nas interações presenciais face a face e no ambiente virtual (PORNARI e WOOD, 2010; PERREN e GUTZWILLER-HELFENFINGER, 2012).

Para Avilés (2013), a agressão entre pares no contexto escolar pode ter diferentes formas de expressão, entre elas: Bullying físico, com agressões que ferem a integridade física das vítimas, seus bens materiais ou sua locomoção, com bloqueios físicos a sua liberdade de ir e vir; Bullying verbal, através de mensagens faladas ou escritas, que ridicularizam, insultam e ferem a vítima; Bullying social, que fere o status social da vítima nas suas relações interpessoais e grupais, com rejeições e isolamentos; Bullying gestual, transmitindo maltrato através de gestos, olhares e caretas; Bullying Mafioso; usando coações, ameaças, extorsão e chantagens contra a vítima; e o Cyberbullying, utilizando mensagens de sms, páginas da web, gravações ou e-mails para maltratar e caluniar a vítima.

Nesta investigação, será estudado a agressão social que se diferencia do bullying social, citado por Avilés (2013), por não haver necessidade de repetição para que a mesma ocorra.

2. AGRESSÃO SOCIAL

Underwood (2003), em seu livro *Social Aggression Among Girls*, afirma que a maioria das pesquisas sobre o comportamento agressivo se concentra na agressão física entre meninos, pelo fato de a mesma parecer ser mais drástica e preocupante. Entretanto, segundo a autora, as meninas podem expressar sua agressividade não apenas na forma física, mas também por meio do que denominou de agressão social.

Agressão social é um comportamento dirigido para prejudicar amizades de outros, status social, ou auto-estima, que pode assumir formas diretas, como a rejeição social com movimentos do corpo e expressões faciais negativas, ou formas indiretas, como calúnias, manipulação de relacionamento e exclusão social (GALEN e UNDERWOOD, 1999, p.589).

Segundo Underwood (2003), com a agressão social, as meninas resolvem o conflito de expressar sua raiva mantendo a aparência valorizada socialmente de serem boazinhas e agradáveis, consolando-se com a possibilidade de mais tarde, de forma disfarçada, poder agredir um desafeto prejudicando suas relações de amizade e status social. A eficácia desse comportamento está no dano significativo que pode produzir com a baixa probabilidade de ser punido, principalmente na forma mascarada. (ARCHER e COYNE, 2005). Para Underwood (2003), as meninas podem se envolver mais com a agressão social do que com a agressão física, mas isso não significa que se envolvam mais com a agressão social do que os meninos (CARD et al., 2008; KARRIKER-JAFFE et al., 2008).

Conforme Galen e Underwood (1977), a agressão social pode ser tão dolorosa quanto a física, com as seguintes diferenças: Enquanto na agressão física, a proximidade entre a vítima e o agressor é normalmente presencial face a face, na agressão social não é necessário a presença do agressor face a face para que a mesma ocorra; Se na agressão física, geralmente se sabe quem é o agressor e quando um ato específico de agressão é encerrado, na agressão social pode-se não saber quem é o agressor e se a agressão foi cessada ou não; A agressão física, costumeiramente, ocorre em um período curto de tempo, promovendo de imediato uma sensação de dor física, enquanto, a agressão social pode ocorrer por vários dias, meses ou anos, podendo gerar danos emocionais e psicológicos de longa duração; Finalmente, enquanto a agressão física ocorre normalmente de forma clara entre duas pessoas, a social pode envolver ações individuais ou grupais com diversas formas de agressão, sutis ou não. Na pesquisa desenvolvida por Paquette e Underwood (1999), quando as pessoas foram convidadas a relatarem suas experiências como vítimas da agressão física e social, as mesmas

afirmaram que a dor sofrida pela agressão social foi mais intensa do que a da agressão física.

Enquanto alvos de agressão física, pelo menos, sabem quem os atacou, a vítima de agressão social pode não saber quem é o agressor e muitas vezes deve lidar com sua vitimização com a sensação de que todo mundo está envolvido e trabalhando contra ela (UNDERWOOD, 2003, p.15)

2.1 A formação do conceito de agressão social

Os pesquisadores, no estudo das agressões que não são físicas ou verbais, e são direcionadas para prejudicar as amizades ou status social da vítima, propuseram três constructos distintos: agressão indireta, agressão relacional e agressão social.

O termo agressão indireta, segundo Underwood (2003) e Archer e Coyne (2005), foi utilizado pela primeira vez por A. H. Buss, em 1961, para conceituar as agressões que não se expressam diretamente de forma física e verbal. Para Buss (1961), a agressão indireta tem como característica principal o fato de ser encoberta, dificultando assim a identificação do agressor e o conseqüente contra-ataque da vítima. Podendo a mesma se expressar verbalmente por meio de fofocas e boatos desagradáveis ou fisicamente pela destruição do patrimônio da vítima. Feshbach (1969), acrescentou na definição da agressão indireta, o comportamento de exclusão ou rejeição social, após realizar um estudo experimental observando como as crianças se comportavam com novos membros, que tentavam se integrar no grupo do qual faziam parte. As crianças observadas, ao invés de acolherem o novato, o rejeitavam e excluía socialmente. As pesquisas de Lagerspetz et al. (1988), também fizeram um acréscimo na definição da agressão indireta, com o comportamento de manipulação de relacionamento, mantendo as características originais de comportamento encoberto ou pelas costas, no qual o agressor procura se esconder ou dificultar sua identificação pela vítima (UNDERWOOD, 2003; ARCHER e COYNE 2005).

O conceito de agressão relacional foi introduzido por Crick e Grotpeter (1995), definindo-a como “comportamentos que têm o objetivo de danificar significativamente as amizades ou os sentimentos de inclusão em um determinado grupo social” (CRICK e GROTPETER, 1995, p. 711). Segundo Archer e Coyne (2005), a ênfase da agressão relacional não está na forma como ela se expressa, mas na sua intencionalidade, que é prejudicar as amizades ou status social da vítima. O que distingue a agressão relacional da indireta é que, enquanto nesta o agressor procura esconder sua identidade da vítima, na agressão relacional a vítima pode saber ou não quem é o agressor. Isto é, ela pode ser

tanto aberta, quando o agressor não procura esconder sua identidade e intencionalidade da vítima, como encoberta, quando o agressor, para evitar um possível contra ataque da vítima, procura esconder sua identidade e intencionalidade do alvo de sua agressão.

Underwood (2003), considera as definições de agressão indireta e relacional limitadas. Por isso, realizou suas pesquisas pautada no conceito de agressão social que, primeiramente foi definida como manipulação da aceitação em um grupo, através de alienação, ostracismo ou difamação (CAIRNS et al., 1988), sem especificar se essa agressão seria aberta ou encoberta, podendo ser exercida nas duas formas. Em 1997, Underwood e Galen expandiram essa definição, afirmando que “a agressão social tem o objetivo de danificar a autoestima de outros, status social, ou ambos, podendo utilizar formas diretas como rejeição verbal, movimentos de corpo e expressões faciais negativas, ou formas indiretas, como calúnias ou exclusão social ”(GALEN e UNDERWOOD, 1997, p. 589).

Essa definição de agressão social de Galen e Underwood (1997) se diferencia da de Cairns et al. (1988) por incluir a exclusão social não-verbal. Em três pesquisas realizadas por Galen e Underwood (1997), o dano de fazer mal social, através da exclusão social não-verbal em comparação com a verbal foram equivalentes. No primeiro estudo, um grupo de crianças foi convidado a observar vinhetas hipotéticas que incluíam agressões verbais e não verbais para relatarem a seguir a frequência dessas agressões, no contexto escolar, e o nível de prejuízo sofrido. Além de informarem uma frequência significativa dessas agressões, indicaram que a agressão não verbal tem o mesmo nível de prejuízo das agressões verbais. No segundo estudo, enquanto as crianças jogavam Pictionary, uma outra criança, um ator treinado, se envolveu na brincadeira com comentários arrogantes. Observando a reação das crianças a esse compartimento se percebeu, entre outras reações, expressões faciais e gestos de exclusão social não verbal como virar o olho e indicações sutis para que os demais colegas não deixassem o novato jogar, entre outras agressões não verbais. No terceiro estudo, foram selecionados trechos de vídeos com agressões não-verbais e a seguir após um grupo de estudantes secundaristas assisti-lo, os mesmos avaliaram o quanto eles achavam que pessoa que praticou a agressão não-verbal era maldosa e como se sentiriam se fossem o alvo desse tipo de agressão. O grupo pesquisado indicou novamente a agressão não verbal como consideravelmente prejudicial.

Archer e Coyne (2005), após analisarem os pontos em comum e as divergências entre os três construtos, afirmaram que as diferenças são tão sutis que os mesmos

deveriam adotar a mesma denominação, e esta deveria ser agressão indireta, por ter sido a primeira definição utilizada para caracterizar os comportamentos agressivos que não são diretamente físicos ou verbais. Entretanto, nesse mesmo artigo, como exposto nos parágrafos anteriores, os autores especificam diferenças consideráveis entre os três conceitos, concordando com Underwood (2003), que a agressão social apesar de ser o termo mais recente, engloba as definições anteriores com o acréscimo da exclusão social não verbal.

Considerando que nenhum construto é perfeito para definir a agressão entre pares distinta da agressão física e verbal, o conceito de agressão social foi escolhido por Galen e Underwood (1997), por considerar que o conceito de agressão indireta é limitado por não incluir as agressões diretas, mas apenas as indiretas ou encobertas. Da mesma forma, o termo agressão relacional também é limitado, porque apesar de incluir as agressões diretas e indiretas na sua definição, ele não leva em consideração em sua análise a exclusão social não-verbal. Somente a agressão social engloba todas as definições e expressões de comportamentos citados anteriormente (UNDERWOOD, 2003).

2.2 Comportamentos que expressam a agressão social

Conforme figura 1, a agressão social direta ou indireta, pode se expressar através de comportamentos de manipulação de relacionamentos, espalhar rumores ou boatos e exclusão social, podendo esta ser verbal ou não-verbal.

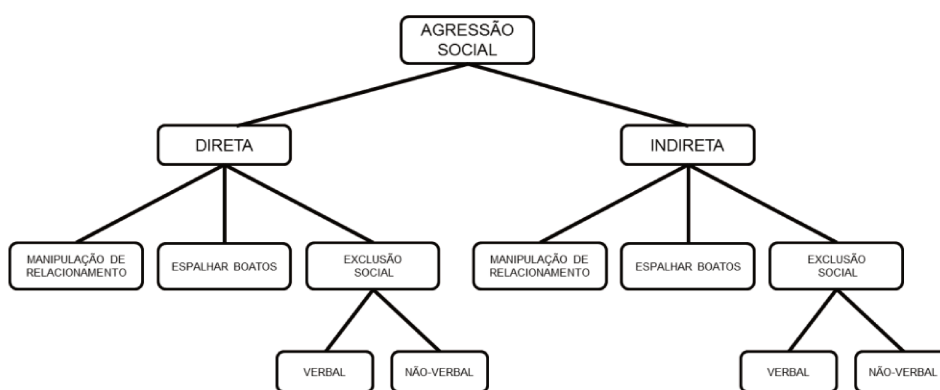


Figura 1 – Formas de Agressão Social. Social. Aggression Among Girls, Underwood, 2003. p.30.

A manipulação de relacionamento opera mediante ameaça de exclusão se o manipulado não realizar o que o agressor deseja. Na agressão social direta, o

manipulado é a própria vítima, manipulando-a com palavras do tipo: “Se você não andar comigo na hora do intervalo na escola, não te considero mais meu amigo”; “Se você não me emprestar o caderno para copiar a lição de casa, não vou te convidar para a minha festa de aniversário no sábado”. Na agressão social indireta, manipula-se o relacionamento de uma pessoa para atingir um terceiro, procurando convencê-la secretamente, mediante ameaça de quebra de relacionamento, a gerar dano social a uma terceira vítima, como dizer a um amigo: “Se você emprestar o livro Português para a Andréia, não vou mais te ajudar na lição de Matemática” ou “Se convidar o Pedro para ir na sua casa na terça-feira, não vou mais conversar com você”.

Espalhar rumores ou boatos envolve dizer e divulgar comentários maldosos sobre uma pessoa, com o objetivo de diminuir seu prestígio e status social, ou fazer com que outras pessoas deixem de se relacionarem ou terem amizade com ela. Na agressão social direta, o agressor age abertamente sem nenhuma pretensão de esconder sua intenção de denegrir a imagem do outro, com afirmações do tipo: “Foi o irmão da Cristina que fez o trabalho de história para ela.”; “Fiquei sabendo que a Maria vive traindo o namorado” Na agressão social indireta, o agressor age disfarçadamente sob o pretexto de querer ajudar o alvo da difamação, dizendo palavras do tipo: “Professora, precisamos ajudar a Patrícia, porque quem fez a lição de português para ela foi a sua mãe.”; “Precisamos ajudar a Sueli, porque os seus pais são drogados e acho que ela está indo pelo mesmo caminho.”

A exclusão social verbal direta, envolve dizer abertamente a uma pessoa que não quer mais sua companhia e que ela não faz mais parte do seu grupo de amizades, com expressões do tipo: “Mateus, você é um perna-de-pau, por isso não vai mais participar do nosso time de futebol.”; “Depois da aula vamos tomar sorvete na minha casa, mas você não está convidado.” Na exclusão social verbal indireta, não se fala abertamente a vítima, mas de uma forma disfarçada combina com uma pessoa ou grupo um plano para excluí-la, ignorá-la ou evitar qualquer relacionamento com ela, com palavras do tipo: “Na hora de montar o time vamos combinar que ninguém vai escolher o Luciano para jogar”; “A Karina dança muito mal, não podemos convidá-la para o baile de sábado”. A diferença com a manipulação de relacionamento indireto é que nele se ameaça a vítima manipulada para gerar dano a uma terceira vítima, e na exclusão social verbal indireta não há ameaças, mas um acordo coletivo de exclusão sobre determinada vítima.

A exclusão social não-verbal direta envolve expressões faciais e movimentos corporais de exclusão, como parar de conversar, virar as costas, levantar-se e sair, e

outras expressões não-verbais quando o alvo da agressão social se aproxima, sem procurar esconder dele essa intenção. Exemplificando: “Quando a Suelen se aproximou, a Patrícia a encarou de forma ameaçadora e ela foi sentar-se sozinha em outra mesa.”; “Assim que a Fernanda se assentou na mesa para tomar o lanche, as demais meninas se levantaram e foram embora sem dizer uma palavra.” Na exclusão social não-verbal indireta, de uma forma disfarçada, por trás da vítima sem que esta perceba, troca-se olhares ou gestos com terceiros para comunicar desdém, desprezo ou planos de exclusão. Exemplificando: “Simulando fechar a boca com um zíper, Paulo sinaliza aos amigos para não responderem às perguntas feitas pelo Carlos”; “Enquanto o Francisco do assentamento rural falava com o Marcos, Felipe, por trás, passava a mão fechada na axila e no corpo indicando que ele devia tomar banho.”

2.3 Agressão Social e Bullying Social

Fitzpatrick e Bussey (2011), com base no conceito de agressão social de Underwood (2003) e considerando o bullying como um fenômeno grupal ou social (ESPELAGE e SWEARER, 2003; SALMIVALLI, 2010), realizaram um estudo com 636 estudantes, de 11 a 16 anos de idade, do 7º ao 9º ano, de 5 escolas secundárias não governamentais, de Sydney, Austrália, por meio do qual desenvolveram o “Social Bullying Involvement Scales” (SBIS) para avaliarem o bullying social.

O bullying tem como características básicas a intencionalidade do agressor em causar sofrimento à vítima, a agressão ocorrer repetidamente sobre o mesmo alvo, o desequilíbrio de poder entre o agressor e a vítima, a existência de uma vítima frágil como alvo fácil da agressão, e o fato do mesmo ocorrer entre pares em contexto grupal com presença de testemunhas (OLWEUS, 1994; TOGNETTA, 2013).

Segundo Fitzpatrick e Bussey (2011), a escala de envolvimento em bullying social (SBIS) foi desenvolvida porque, geralmente, as pesquisas sobre bullying não têm examinado a agressão social, ou não a tem analisado separadamente da agressão física e verbal. O SBIS, foi elaborado pelas pesquisadoras com foco nos alunos do Ensino Médio, por considerarem que a agressão social iniciada na infância atinge o seu apogeu na adolescência, por ponderarem que nesta fase há um aumento significativo no tempo gasto com os colegas da mesma faixa etária, e na importância que é dada ao relacionamento entre pares (MARINI et al., 2006; STEINBERG, 2010).

Para estudar o bullying social, considerando-o como um fenômeno grupal, no qual as pessoas podem se envolver em mais de um papel, como o de testemunha,

defensor, agressor e vítima, dependendo de diferentes contextos de interação (ESPELAGE e SWEARER, 2003; SALMIVALLI, 2010). Fitzpatrick e Bussey (2011), desenvolveram o SBIS com 4 escalas, abordando diferentes possibilidades de papéis sociais na prática do bullying social, o da vítima, agressor, testemunha e defensor, e em cada um deles analisando os comportamentos de agressão social direta e indireta, de manipulação de relacionamento, espalhar boatos e exclusão social verbal e não-verbal. Neste estudo cerca de metade dos estudantes pesquisados se identificaram como agressores e vítimas, havendo também uma correlação moderada entre testemunhas e vítimas do bullying social. Esses resultados sinalizam que os estudantes podem estar envolvidos em comportamentos associados a mais de um papel participante no bullying social (FITZPATRICK e BUSSEY, 2011).

A diferença entre o bullying social estudado por Fitzpatrick e Bussey (2011), e a agressão social estruturada por Underwood (2003), é que a agressão social não envolve necessariamente a repetição do comportamento prejudicial, o agressor pode manipular, espalhar rumores e excluir a vítima em apenas uma ocasião. Não há também necessidade de um contexto grupal com a presença de testemunhas para que a agressão social ocorra, o agressor pode manipular e excluir a vítima verbalmente sem a presença de testemunhas. Para que a agressão social ocorra também não é necessário a existência de uma alvo frágil, o agressor pode espalhar rumores de um alvo potencialmente mais poderoso do que ele, utilizando esta estratégia de gerar dano para evitar um possível contra ataque. Sendo o ponto comum entre ambas a intencionalidade de provocar dano as amizades, prestígio ou status social da vítima, ou ainda a sua autoestima.

2.4 Agressão Social e Teoria Social Cognitiva

O estudo da agressão em suas diversas expressões e contextos tem sido abordado por diferentes áreas do conhecimento, como sociologia, psicologia, educação e políticas públicas. Na perspectiva da Teoria Social Cognitiva (BANDURA, 1986), o comportamento humano é multideterminado reciprocamente por diversos fatores pessoais, comportamentais e ambientais. Portanto, reduzir a causalidade da conduta humana apenas a um fator limita a compreensão da mesma e conseqüentemente as possibilidades de intervenção.

Partindo desta abordagem teórica, ao estudar a agressão é necessário considerá-la, segundo Bandura (1978), como um fenômeno multifacetado, com muitos determinantes servindo a diversos propósitos, cujo ato prejudicial depende de

juízos pessoais e sociais subjetivos de intencionalidade e causalidade para ser considerado agressivo.

Ao analisar o contexto da agressão social, o caráter multifacetado pode ser percebido nos diversos comportamentos que a expressam como a manipulação de relacionamento, o espalhar rumores e a exclusão social verbal e não verbal. Entretanto, no que se refere a agressão servir a diversos determinantes e propósitos, a definição de agressão social de Galen e Underwood (1997), de que é um comportamento dirigido para prejudicar amizades, status social, ou auto-estima da vítima, pode ser ampliado para atingir outros objetivos pessoais do agressor como o contra-ataque de uma agressão sofrida anteriormente, a promoção pessoal no grupo social que pertence, entre outros. O fato da agressão social, principalmente a indireta, dificultar a identificação do agressor faz com que ela se torne um meio eficaz para atingir diversos propósitos pela baixa possibilidade de contra-ataque ou retaliação que essa agressão proporciona.

Existem poucas discordâncias acerca da rotulação do comportamento agressivo direto que é executado com intenção explícita para prejudicar ou destruir. Mas as pessoas, geralmente, não agredem de maneiras obviamente diretas revelando responsabilidade causal e carregando alto risco de retaliação. De preferência, elas tendem a prejudicar ou destruir de formas a difundir ou obscurecer responsabilidade de ações prejudiciais para reduzir a autorreprovação e retaliações sociais. (BANDURA, 1978, p.13)

3. DESENGAJAMENTO MORAL

Na Teoria Social Cognitiva, o ser humano não é independente da realidade social em que está inserido. Fatores pessoais, comportamentais e ambientais operam em conjunto como determinantes reciprocamente interrelacionados da conduta. Uma teoria abrangente da moralidade, deve explicar como o raciocínio moral, em conjunto com outros fatores psicossociais, regem a conduta moral por meio do processo de autorregulação (BANDURA 1991, 1999).

Ter um padrão moral pessoal é fundamental para o exercício da autorregulação. Segundo Bandura (1991), sem autorregulação, as pessoas seriam como cataventos, mudando constantemente de direção para se conformar ao que é oportuno em cada situação. As pessoas desenvolvem esse padrão moral através do processo de modelação, julgando seu comportamento com base nas sanções sociais de aprovação e desaprovação do mesmo, instrução direta de adultos e pares significativos, e pela observação da avaliação social do comportamento de outras pessoas. Através desse padrão moral, procura-se viver de acordo com o mesmo, visando satisfação pessoal e fortalecimento do senso de autoestima, evitando comportamentos que o violem, porque tal conduta traria autocondenação, autocensura, autodesprezo e autodesvalorização (BANDURA et al., 1996).

O julgamento da conduta de acordo com o padrão moral é um processo no qual padrões multidimensionais são utilizados. Situações com implicações morais têm muitos ingredientes, que variam em importância de acordo com o contexto de análise, como a natureza da transgressão, a frequência da ocorrência, o grau de variação e forma, o contexto que foi realizada, os motivadores situacionais e pessoais percebidos, a consequência imediata ou de longa duração, a natureza do dano: pessoal ou material, se é dirigida a instituições ou a indivíduos, características dos malfeitores: idade, sexo, etnia e status social, e características da vítima e sua culpabilidade percebida (BANDURA, 1991).

Os mecanismos que regem a autorregulação da conduta moral envolvem muito mais do que o pensamento moral. Mesmo o pensamento moral não é apenas um caso intrapsíquico. A maneira pela qual os princípios morais são aplicados ao lidar com diversos dilemas morais, varia dependendo de imperativos situacionais, domínios de atividade e constelações de influências sociais. (BANDURA, 1991, p.16)

3.1 Do pensamento para ação moral através da autorregulação

O processo de autorregulação, na Teoria Social Cognitiva, pelo qual o padrão moral é traduzido em ações, não é o resultado de um pensamento desencarnado da realidade social e nem consequência da força de vontade. Segundo Bandura (1986), a conduta moral é regulada e motivada, pelo exercício contínuo da influência autorreativa de duas fontes de sanções, que atuam antecipadamente: As sanções sociais, que operam através do medo levando as pessoas a evitarem a transgressão, pela possível censura social e outras consequências adversas. E as autossanções, que operam prossocialmente realizando ações que promovem satisfação e autorespeito, evitando condutas que tragam autorreprovação (BANDURA, 1991).

Segundo Bandura (1991), os mecanismos da autorregulação, são desenvolvidos e mobilizados em conjunto com fatores situacionais, operando através de três principais subfunções:

- 1- **A auto-observação da conduta e contexto social** - A auto-observação é a primeira subfunção do processo de autorregulação da conduta. Para exercer a autoinfluência, as pessoas têm de monitorar o próprio comportamento e o contexto social em que se encontram. Mas, essa subfunção não é um processo automático de comparação pessoal e social, pois estados afetivos e concepções pré-existentes podem afetar como as próprias ações e o ambiente social será percebido e processado cognitivamente.

- 2- **O julgamento da conduta** – Nessa subfunção, esse julgamento é realizado avaliando os padrões pessoais com as circunstâncias ambientais, que mudam conforme a situação moral, o número de ingredientes que serão analisados, a importância e o peso dado a eles. Fatores que poderiam pesar em algumas situações, podem ter peso menor, maior ou ainda serem desconsiderados em outras circunstâncias.

Princípios abstratos esqueletizados não fornecem muita orientação para o julgamento ou ação, até que eles sejam corporificados com detalhes relevantes de situações concretas, que são inevitavelmente carregadas de vieses avaliativos. (BANDURA, 1991, p.5)

- 3- **A autorreatividade afetiva** – Após a auto-observação e o julgamento da conduta, relacionando-as com o contexto social, as pessoas movidas por autorrespeito e autocensura antecipatória, procurarão fazer coisas que lhe dêem satisfação e senso de autoestima, evitando aquelas que violem seus padrões

morais porque trazem autocondenação. Segundo Bandura (1991), não há maior punição do que se autodesprezar, por fazer algo contrário aos seus padrões morais.

A eficácia da autorregulação da conduta requer habilidades não só de autorregulação, mas também de uma forte autoconfiança na própria capacidade de efetuar o controle pessoal. Quanto maior a crença de autoeficácia na autorregulação, maior a perseverança em manter o autocontrole diante das pressões sociais para se comportar de uma forma que viole seus padrões morais. Quanto menor a crença de autoeficácia na autorregulação, maior a vulnerabilidade de ceder as pressões sociais, para realizar uma conduta divergente do padrão moral (BANDURA, 1991).

As duas fontes de consequências, autossanções e sanções sociais, podem operar de forma complementar ou opostas sobre determinado comportamento. As pessoas procuram se comportar de uma forma que evite autocensura e sanções sociais, por esse motivo procuram se associar com aqueles que compartilham os mesmos padrões. (BANDURA, 1991).

As pessoas entram em conflito, quando são socialmente censuradas por um comportamento que aprovam. Nesse contexto, a força relativa entre a autoaprovação e a sanção social, determina se o comportamento será praticado ou evitado. Estacionar em vaga de deficiência físico ou idoso, quando não há mais vaga disponível em outro local e se está com pressa, pode ser considerado pessoalmente correto devido as circunstâncias, mas a força relativa do receio de ser censurado socialmente, determinará se o carro será estacionado ou não na vaga proibida.

As pessoas também entram em conflito, quando são socialmente pressionadas a praticar um comportamento que viole seus padrões morais. Quando as consequências autodepreciativas, superam os benefícios de um comportamento aprovado socialmente, a influência social terá pouco efeito na transgressão do padrão moral pessoal. Diante da ordem do chefe de mentir sobre a sua presença no local de trabalho, a pessoa avaliará as consequências autocondenatórias, por essa ação que viola seus padrões morais, e as possíveis sanções pessoais e sociais por se negar a fazê-lo, se as consequências autodepreciativas tiverem um peso maior, ação não será realizada.

A autorregulação da conduta opera através da aplicação condicional dos padrões morais. As autossanções morais, podem ser enfraquecidas ou anuladas pelos mecanismos de desengajamento moral. Pessoas exibem diferentes níveis de comportamento prejudicial e oferecem diferentes tipos de razões morais para isso, dependendo se as

situações sociais são propícias à conduta humana ou prejudicial a mesma (BANDURA, 1986).

3.2 Ativação seletiva e desengajamento do controle moral

A autorregulação não cria um mecanismo de controle invariante dentro da pessoa, a autorreatividade não opera a menos que seja ativada, existem muitos processos pelos quais as autossanções podem ser desengajadas da conduta, permitindo diferentes tipos de comportamento mantendo o mesmo padrão moral (BANDURA, 1991, p.21)

As autossanções, conforme Figura 2, podem ser desengajadas do padrão moral através de oito mecanismos de desengajamento, que podem atuar na reconstrução cognitiva da conduta, por meio da justificativa moral, comparação paliativa ou vantajosa e rotulação eufemística. Obscurecendo a agência causal, pelo deslocamento e difusão de responsabilidade. Desconsiderando ou deturpando as consequências do comportamento prejudicial, minimizando, ignorando ou distorcendo o efeito da ação. E por fim, atuando no nível da pessoa que recebe a ação agressiva, culpando e desvalorizando a vítima.

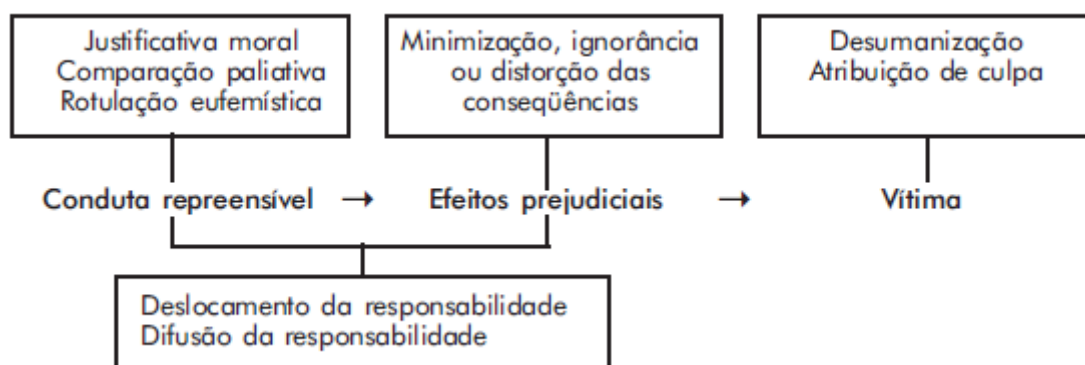


Figura 2 - Mecanismos pelos quais o comportamento é desengajado das consequências auto-avaliativas em diferentes pontos do processo comportamental. Bandura, 2008, p. 69.

Na teoria social cognitiva os mecanismos de desengajamento moral foram estudados mais intensamente na conduta agressiva, mas não estão restritos a ela. “O desengajamento seletivo das autossanções morais não está confinado ao meio para estímulos extraordinários à violência.” (BANDURA, 1991, p.22)

O desengajamento pela reconstrução cognitiva, procura tornar pessoal e socialmente aceitável a conduta repreensível, retratando-a como benéfica ou a serviço de princípios morais valorizados socialmente, operando por meio de três mecanismos: justificativa moral, linguagem eufemística e comparação paliativa ou vantajosa. Esse conjunto de mecanismos, além de eliminar ou reduzir a autocondenação pela conduta

prejudicial, ativa recompensas pessoais por tal comportamento, sendo um dos mais eficazes na promoção do desencajamento moral (BANDURA, 2008).

Justificativa Moral

Para agir sobre a força de um imperativo moral na prática de uma conduta repreensível, as pessoas reconstroem cognitivamente a ação justificando-a moralmente como estando a serviço de princípios justos, valores religiosos e imperativos nacionalistas (BANDURA, 2002). Ainda é comum no Brasil e em vários países do mundo, o marido assassinar a esposa justificando que o crime foi feito em nome da honra. Apenas em 2005, no Brasil, com a Lei 11.106/05 o adultério deixa de ser considerado um crime. Ao descriminalizar o adultério, segundo Ramos (2012), o marido não pode mais alegar que cometeu o crime, porque anteriormente a esposa havia cometido outro (RAMOS, 2012).

Na conquista do território brasileiro, os portugueses utilizaram o conceito de guerra justa, para justificar a matança e escravização dos povos indígenas, além da exploração, saque e roubo de suas terras. As principais justificativas para essa guerra, foram a divulgação da fé cristã aos indígenas, sua falta de moralidade e os ataques que faziam aos colonos portugueses.

Em Minas Gerais, o uso de armas contra os índios estava autorizado caso estes atacassem ou interferissem na colonização. Os que sobrevivessem poderiam ser transformados em cativos e entregues aos que lutaram contra os desmandos do grupo. (AMANTINO, 2006, p.191).

Nas corporações militares a justificativa moral é amplamente utilizada. Pessoas que consideram matar como algo inaceitável, sem a necessidade de mudar seus padrões morais, através da reconstrução cognitiva da conduta, passam a considerar que matar em nome da pátria, na defesa do país, como algo legítimo, reduzindo ou desativando a autossanção ao tirar a vida do inimigo. (BANDURA et al., 1996).

A justificativa moral é influenciada pelas sanções sociais de cada contexto cultural. Em um regime totalitário, há menos restrições no uso da força institucional para manter a ordem social, do que em um regime democrático, com seus princípios de ampla defesa do acusado e direitos humanos (BANDURA, 1991).

Linguagem Eufemística

A linguagem forma padrões de pensamento no qual as ações se baseiam. Essas ações podem ter aparências diferentes dependendo de como são chamadas. A linguagem eufemística, fornece um dispositivo conveniente para mascarar comportamentos

condenáveis conferindo-lhes respeitabilidade. As pessoas comportam-se de forma muito mais cruel, quando as ações agressivas são verbalmente saneadas, do que quando são chamadas de agressão (BANDURA, 2002). A linguagem eufemística, pode utilizar de uma roupagem diminutiva para reduzir a gravidade da ação, como ao agredir alguém com ofensas verbais, dizer que foi só uma “brincadeirinha”.

Gambino (1973 apud BANDURA, 1991) identifica as seguintes formas de linguagem eufemística, também denominadas de linguagem de desresponsabilização. A saneadora, aquela que camufla uma atividade repreensível em respeitável, como terroristas de autodenominando combatentes da liberdade, presos na operação Lava Jato no Brasil (2014/16), afirmando que a prisão é um simples ato político. A passiva, utilizando a linguagem para criar a aparência de que os atos condenáveis foram realizados por forças sem nome, ao invés de atribuir causalidade a agência pessoal, como dizer que a arma disparou sem querer, o carro perdeu o controle, ou o poste estava bem no meio do caminho. E a linguagem por meio de metáforas ou jargão especializado de um ação respeitável, para dar aparência da respeitabilidade a uma ação condenável (BANDURA, 1999).

A socióloga italiana Donatella Della Porta, analisou diversos documentos e entrevistou dezenas de políticos e juízes ligados a Operação Mãos Limpas, que combateu a corrupção na Itália na década de 1990. Em entrevista ao jornalista Pieter Zalis, afirmou que a corrupção não é fácil e que é necessário uma linguagem especial para legitimá-la:

“Não é simplesmente um processo em que alguém dá um envelope de dinheiro ao outro e pronto. A realidade é complexa, inclui mesmo uma linguagem especial. Isso porque as pessoas que se envolvem com esse crime não querem se considerar criminosas. São indivíduos que fazem parte de uma elite, ... e que, por isso, tem uma necessidade de “legitimar” a prática da corrupção. Isso começa pelos nomes que dão as coisas. Não dizem propina, mas “doação”. As pessoas que eles compram não são indivíduos corrompidos, mas seus “amigos”. Muitos chegam a dizer que é preciso honestidade para praticar corrupção, ... chegaram a dizer aos juízes que uma das razões porque o sistema político explodiu era que os políticos foram “desonestos”. O que eles queriam dizer com “desonestos” é que os políticos não mantiveram a palavra.” (PORTA, 2016, p.17)

Comparação Vantajosa

Ao utilizar o princípio do contraste, o julgamento moral da conduta é influenciado na comparação com outra aparentemente menos grave. Comportamentos autocondenáveis podem ser tornar justos, contrastando-as com desumanidades aviltantes. Quanto mais ultrajante o comportamento comparado, maior a probabilidade

da própria conduta repreensível ser considerada insignificante ou até mesmo benéfica (BANDURA, 2002).

Nessa comparação vantajosa, pode-se utilizar de comparações históricas superficiais para obscurecer o julgamento de uma ação. Na guerra do Golfo (1991), Sadam Hussein foi comparado a Gêngis Khan e Hitler, para justificar as ações militares de ataque ao Iraque (CHOMSKY, 2003). Nessa comparação histórica superficial, é comum um ato agressivo ser justificado com a afirmação: *“o sofrimento de hoje evitará um sofrimento maior amanhã”*. Pode-se também utilizar comparações sociais utilitaristas, como justificar um político corrupto dizendo *“rouba, mas faz”*, uma ofensa verbal afirmando *“apenas falei o que pensava, se tivesse dado um soco seria pior”*.

A reestruturação cognitiva do comportamento através dos mecanismos de justificativa moral, linguagem eufemística e comparação vantajosa são os mais eficazes no desengajamento moral, porque a reconstrução cognitiva do comportamento moral além de diminuir ou remover a autocensura, promove a auto-aprovação na prática de ações destrutivas. O que antes era moralmente condenável se torna uma fonte de autovalorização, incentivando as pessoas a praticarem atos condenáveis, como se tivessem investidos de grande valor moral (BANDURA, 2008).

Deslocamento de Responsabilidade

A autocensura da conduta moral é mais fortemente ativada, quando se percebe claramente a relação entre as ações do agente e suas consequências. Os mecanismos de desengajamento moral de deslocamento e difusão da responsabilidade, atuam distorcendo essa relação, obscurecendo ou minimizando o papel do agente no comportamento moral (BANDURA, 2008).

Por meio do mecanismo de deslocamento da responsabilidade, a pessoa não se considera o agente real do seu comportamento, poupando-se dessa forma de autossanções depreciativas e condenatórias. Através desse mecanismo, pode-se atribuir a culpa das ações pessoais a uma autoridade considerada legítima, a quem se responsabiliza por ordenar ou forçar a ação (MILGRAM, 1974). No julgamento dos oficiais nazistas no tribunal de Nuremberg e no Massacre de My Lai (KELMAN, 2006), os agentes do assassinato em massa afirmaram que estavam agindo sobre o comando de seus superiores. Segundo Milgram (1974), quanto maior a aproximação e legitimidade

da autoridade que ordena as ações prejudiciais, maior o nível de obediência do subordinado.

Da mesma forma que o subordinado pode deslocar a responsabilidade de suas ações para a autoridade, esta por sua vez pode também deslocar a responsabilidade do seu comportamento para os subordinados. Dando ordens ou consentimentos indiretos para uma determinada conduta e depois culpá-los pelo excesso de zelo ou incompreensão da ordem dada. A autoridade, no uso desse mecanismo de deslocamento da responsabilidade, pode também intencionalmente se manter mal informada, procurando evitar perguntas esclarecedoras sobre as ações do subordinado, para não se autocondenar pela mesma e poder culpá-los quando for necessário (BANDURA, 1999).

Difusão de Responsabilidade

O mecanismo de desengajamento moral de difusão da responsabilidade, obscurece ou minimiza a relação entre as ações do agente e seus efeitos de várias maneiras.

Pela divisão do trabalho, a responsabilidade pela ação é difundida na fragmentação da operação. As empresas geralmente necessitam da colaboração de muitas pessoas, através do trabalho fracionado as mesmas focam sua moralidade nos detalhes operacionais e na eficiência de um trabalho específico, e não no produto final. Produto esse, que muitas vezes pode ser prejudicial, como ocorre na indústria do tabaco, armamentícia, poluidora e de exploração social e econômica.

Uma outra forma de operar o mecanismo de difusão da responsabilidade, é por meio da decisão em grupo, na qual responsabilidade é compartilhada e diluída entre os membros, fazendo com que muitos não se sintam responsáveis por ela. Como afirmou Bandura (1999), onde todos são responsáveis, ninguém é realmente responsável. A ação coletiva, é ainda uma outra forma de difusão da responsabilidade para enfraquecer a autocensura. O prejuízo causado por um grupo pode ser, em grande parte, atribuído aos outros membros. As pessoas podem agir com mais crueldade, quando estão sob a responsabilidade de um grupo, do que quando assumem a responsabilidade pessoal por suas ações. (BANDURA, 1999).

Distorção de Consequências

O mecanismo de distorção das consequências, opera enfraquecendo a autocensura ignorando, minimizando, distorcendo ou desacreditando as consequências ou efeito danoso da ação praticada. Quando se age sozinho, não conseguindo fugir da

responsabilidade pela ação praticada, as pessoas tendem a distorcer ou minimizar os efeitos dela.

Esse mecanismo opera procurando ignorar a consequência da ação. Quando a dor da vítima é ignorada ou não é visível, é mais fácil praticar atos nocivos sem se autocondenar. A guerra tecnológica sem rosto, na qual aperta-se um botão e dezenas de pessoas morrem, é mais fácil de ser praticada, do que uma guerra corpo a corpo, quando se observa pessoalmente o sofrimento do outro. A angústia despertada ao ver o sofrimento do outro face a face, promove uma forte autocensura para restringir uma ação condenável (BANDURA,1991). O fotógrafo que registrou uma menina no Vietnam, correndo nua após o bombardeio americano em sua aldeia, teve mais efeito na opinião pública americana do que milhares de relatórios e discursos contra a guerra. Por esse motivo, atualmente os militares controlam fortemente as fotos e filmes em local de guerra (BANDURA, 1999).

Uma outra forma de distorcer as consequências do comportamento prejudicial, é afastando-se do efeito da mesma por meio de uma cadeia hierárquica, na qual os superiores fazem os planos, os intermediários transmitem e os servidores executam. Quanto mais distante do ato destrutivo estiver o agente da ação, mais fraca é a autocondenação e a restrição da conduta prejudicial (BANDURA, 1999).

Desumanização

Os dois últimos mecanismos de desengajamento moral operam sobre os destinatários dos atos prejudiciais, desumanizando-os os culpando-os pelo próprio sofrimento.

A autocensura moral depende em parte de como as agressores percebem as pessoas que maltratam. O mecanismo de desengajamento moral da desumanização, opera retirando das pessoas as suas qualidade humanas e/ou atribuindo-lhes qualidades bestiais, para evitar a angústia pessoal e a autocensura por maltratá-las. (BANDURA, 2002). É difícil, maltratar pessoas humanizadas sem sofrer aflição pessoal e autocondenação (BANDURA, 1991). Atribuir às pessoas qualidades bestiais, como chamá-las de “*vermes*”, “*imbecis*”, “*imprestáveis*”, desengaja a autocensura para a conduta cruel de forma eficaz, tornando a agressão aceitável e desprovida de autocondenação (BANDURA, 1999)

Atribuição de Culpa

No mecanismo de desengajamento moral de atribuição de culpa, a vítima é considerada responsável pelo seu próprio sofrimento, por ter provocado o agressor de alguma forma. Numa cadeia de eventos circunstanciais, sempre se pode por meio do desengajamento moral selecionar algo na vítima que possa instigar a agressão. Na atribuição de culpa, pode-se também afirmar que a conduta prejudicial foi forçada por circunstâncias poderosas, e não por uma decisão pessoal.

A desvalorização e indignação despertada pela atribuição de culpa a vítima, pode oferecer justificativa moral para aumentar ainda mais os maus-tratos. É comum estupradores, para se livrarem da autocondenação culparem as próprias vítimas pela violência sofrida, e assaltantes afirmarem que atiraram na vítima porque a mesma reagiu (BANDURA, 1999).

Desengajamento Moral Gradual

Os mecanismos de desengajamento moral, não transformam instantaneamente uma pessoa com um padrão moral humanizador em um agressor insensível. Essa mudança é obtida pela redução gradual das autossanções, geralmente não reconhecida pelas pessoas que estão passando por esse processo. Inicialmente, se pratica ações questionáveis, que podem ser toleradas com pouca autocensura. Pela repetição dessas ações, a autocensura é reduzida ainda mais, e finalmente atos que anteriormente eram considerados inaceitáveis são praticados com pouco ou nenhuma autocondenação. Essa graduação é acelerada, se a ação prejudicial for interpretada como tendo objetivos morais justicáveis, e as pessoas que são alvo da agressão forem consideradas desprovidas de humanidade (BANDURA, 1991).

Pesquisas sobre o desenvolvimento humano, indicam que os mecanismos de desengajamento moral começam a ser aplicados nos primeiros anos de vida (BANDURA et al., 1996). Segundo Bandura (1999), não existem diferenças de gênero no desengajamento moral nos primeiros anos de vida. Entretanto, com o passar do tempo os meninos se desengajam mais facilmente que as meninas.

Nesta análise os mecanismos de desengajamento moral foram descritos individualmente, entretanto na vida diária eles operam conjuntamente, potencializando o desengajamento. Bandura (1999), relata o caso do comerciante de armas Terpil, que mascarava suas operações com o mecanismo da linguagem eufemística “*atender o mercado consumidor*”, comparação vantajosa “*tenho certeza que as pessoas de Dow*

Chemical não pensaram nas consequências ao vender napalm”, justificativa moral “*me posiciono como neutro e comercial*”, entre outras.

O desengajamento moral opera também de forma coletiva, através do deslocamento e da difusão da responsabilidade entre líderes empresariais e funcionários, como nas ações de empresas que vendem produtos nocivos na sociedade. Bandura (1999), relata o desengajamento moral dos representantes da indústria de armas, utilizando o mecanismo de comparação vantajosa. “*Da mesma forma que na indústria da moda, a indústria das armas de fogo gosta de promover novos produtos para incentivar que as pessoas comprem seus produtos*”. Inclusive o da justificativa moral: “*Nós não projetamos armas para as pessoas más, mas para os bons. Se os criminosos conseguem uma arma, não é nossa culpa. O problema é que você não pode projetar um produto na certeza de quem vai comprá-lo*”. Práticas corporativas, que prejudicam a sociedade necessitam de um grande conjunto de pessoas realizando suas ações por meio de um desengajamento moral coletivo. A famosa afirmação de Edmund Burke (1729-1797) “*Para o triunfo do mal a única coisa necessária é que os homens bons não façam nada*”, deveria ser reformulada, segundo Bandura (1999, p. 206), para “*Para o triunfo do mal é necessário que muitas pessoas boas se desengajem moralmente fazendo um pouco de mal, sendo indiferentes ao sofrimento humano que causam coletivamente*”.

O engajamento moral contra os meios de destruição, pode ser ampliado nas crianças pela modelação dos pares e adultos significativos, e adoção de soluções pacíficas aos conflitos humanos (BANDURA, 1999).

4. OBJETIVOS E HIPOTHESES DESTA PESQUISA

Como mencionado na apresentação, esta pesquisa é parte constitutiva de um estudo maior denominado “*Agressão Social no Ensino Médio: Um Estudo Exploratório*”, que tem como objetivo conhecer a percepção dos alunos do Ensino Médio sobre a ocorrência de agressão social em suas escolas. Esta investigação, como parte do estudo maior, tem como objetivo geral identificar, descrever e analisar a percepção sobre a ocorrência da agressão social entre estudantes do Ensino Médio e sua relação com o desengajamento moral. E como objetivos específicos identificar, descrever e analisar:

- A percepção dos estudantes do Ensino Médio sobre a ocorrência da agressão social, nas interações presenciais face a face no contexto escolar, e sua relação com o sexo, idade e ano em curso dos participantes.
- A relação entre as frequências de respostas dos que indicaram terem praticado a agressão social e os mecanismos de desengajamento moral utilizados para justificá-la, levando em consideração o sexo, idade e ano cursado dos participantes.
- A relação entre frequências de respostas dos alunos pesquisados do Ensino Médio que indicaram terem praticado a agressão social e também testemunhado, ajudado a vítima e sofrido como vítima do mesmo tipo de agressão.

Considerando os objetivos geral e específicos, esta pesquisa procurou responder as seguintes questões:

- 1- Há diferença significativa entre os estudantes que perceberam a ocorrência da agressão social, em relação ao sexo, faixa etária e ano em curso dos pesquisados? Com base nesta questão se estabeleceu as seguintes hipóteses de pesquisa:
 - H1- A quantidade de estudantes pesquisados do sexo feminino, que indicaram que perceberam a ocorrência da agressão social, é significativamente maior do que os do sexo masculino. Segundo Underwood (2003), as mulheres tendem a praticar mais a agressão social do que a agressão física, mas isso não significa que a praticam mais do que os homens. Na relação entre os sexos, alguns estudos indicaram que as meninas se envolvem mais em agressão social do que os meninos (CRICK e

GROTPETER, 1995). Entretanto, em outros não houve diferença significativa entre homens e mulheres (COYNE et al., 2006).

- H2- A quantidade de estudantes pesquisados, na faixa entre 19 e 20 anos, que indicaram a prática da agressão social é maior do que os da faixa entre 14 e 18 anos.
 - H3- A quantidade de estudantes pesquisados, cursando o 3º e 4º ano do Ensino Médio, que indicaram a prática da agressão social é maior do que os que estão cursando o 1º e 2º ano.
- 2- Qual o mecanismo de desengajamento moral mais utilizado para justificar a prática da agressão social, em relação ao sexo, faixa etária e o ano em curso dos pesquisados? Em relação a essa questão elaborou-se as seguintes hipóteses de pesquisa:
- H4 - A quantidade de estudantes que justificaram a prática da agressão social por meio do mecanismo de desengajamento moral de atribuição de culpa a vítima é maior, do que aqueles que justificaram esta prática com os outros mecanismos. Segundo Díaz-Aguado (2015), os agressores predominantemente do sexo masculino, normalmente justificam a agressão entre pares colocando a culpa na vítima
 - H5 - A quantidade de estudantes pesquisados do sexo masculino que justificaram a prática da agressão social com mecanismos de desengajamento moral é maior do que os do sexo feminino. Segundo Bandura et al. (1996), os homens se desengajam mais moralmente do que as mulheres.
 - H6 - A quantidade de estudantes pesquisados, na faixa entre 19 e 20 anos, que justificaram a prática da agressão social com mecanismos de desengajamento é maior do que os da faixa entre 14 e 18 anos.

Há diferença significativa entre os estudantes pesquisados que indicaram terem agido como agressores da agressão social e também como testemunhas, vítimas ou ajudos das vítimas, dos que indicaram terem agido apenas como agressores? Para Salmivalli et al. (1996), o bullying ocorre em um contexto grupal e o mesmo não pode ser analisado apenas no nível individual de agressores e vítimas, mas na relação que os pares desenvolvem

em determinado grupo. Em relação a esta questão há as seguintes hipóteses de pesquisa:

- H7 - A quantidade de estudantes pesquisados que indicaram terem agido como agressores e testemunhas da agressão social é maior do que os que indicaram terem agido apenas como agressores.
- H8 - A quantidade de estudantes pesquisados que indicaram terem agido como agressores e vítimas da agressão social, é menor do que os que indicaram terem agido apenas como agressores. Em um estudo realizado por Marini (2006), cerca de 33% dos alunos pesquisados foram identificados como agressores e vítimas.
- H9 - A quantidade de estudantes pesquisados que indicaram terem agido como agressores e ajudadores das vítimas das agressão social é menor do que os que indicaram terem agido apenas como agressores.

Para atender os objetivos e as hipóteses descritas, as variáveis de pesquisa que serão analisadas e comparadas nessa investigação são as seguintes:

- a) Pessoais: Sexo, idade e ano em curso dos participantes.
- b) Frequências de respostas dos que indicaram a participação na agressão social como: Testemunhas, ajudadores das vítimas, agressores e vítimas.
- c) Mecanismos de desengajamento moral: Justificação Moral, linguagem eufemística, comparação vantajosa, distorção das consequências, deslocamento de responsabilidade, difusão de responsabilidade, desumanização e atribuição de culpa.
- d) Agressão social direta: Manipulação de relacionamento (MRD), espalhar rumores (ERD), exclusão social verbal (ESVD), exclusão social não verbal (ESNVD). E indireta: Manipulação de relacionamento (MRI), espalhar rumores (ERI), exclusão social verbal (ESVI) e exclusão social não verbal (ESNVI).

5. MÉTODO

Esta investigação, considerando os objetivos, variáveis e hipóteses de pesquisa relacionados anteriormente, foi realizada com delineamento não experimental transversal exploratório, com enfoque misto, envolvendo concomitantemente a análise quantitativa e qualitativa. Segundo Sampieri et al. (2013), a pesquisa mista envolve a coleta de dados quantitativos e qualitativos, assim como sua integração e discussão conjunta, para realizar inferências de toda a informação coletada (metainferências) e conseguir um maior entendimento do fenômeno em estudo.

Essa investigação é considerada exploratória, pela escassez de estudos que tratam da agressão social direta e indireta descritas por Underwood (2003).

Os estudos exploratórios servem para nos tornar familiarizados com fenômenos relativamente desconhecidos, obter informação sobre a possibilidade de realizar uma pesquisa mais completa relacionada com um contexto particular, pesquisar novos problemas, identificar conceitos ou variáveis promissoras, estabelecer prioridades para pesquisas futuras ou sugerir afirmações e postulados (SAMPIERI et al., p. 101)

5.1- Participantes

Os participantes deste estudo foram selecionados por conveniência e totalizaram 320 estudantes, 216 meninas e 98 meninos (6 missings), com idade entre 14 e 20 anos (média de 17 anos e desvio padrão 1,33), cursando Ensino Médio Tradicional (1º ao 3º ano) e Ensino Médio Profissionalizante (1º ao 4º ano), de duas escolas públicas, uma municipal e outra estadual. A escola municipal localizada em Sumaré-SP, com Ensino Médio Profissionalizante e a escola estadual localizada em Hortolândia-SP, com Ensino Médio Tradicional. Ambos os municípios se situam na região Metropolitana de Campinas-SP, Brasil.

Nas escolas pesquisadas a caracterização dos participantes com base na idade, relacionando-a com escola, período de estudo, ano em curso e sexo, estão descritos na Tabela 1. Nessa amostra, desconsiderando os missings, observou-se 233 (75,4%) alunos da escola municipal, e 76 (24,6%) da escola estadual. Destes, 49 (15,86) estudam no período da manhã, e 260 (84,14%) no período noturno. Com relação ao sexo, 96 (31,17%), são do sexo masculino, e 212 (68,83%), do sexo feminino. Levando em consideração o ano em curso no Ensino Médio, 74 (25,00%), cursam o 1º ano; 57 (19,26%), o 2º ano; 90 (30,41%), o 3º ano; e 75 (25,34%), o 4º ano, que é exclusivo da rede municipal, por esta ser uma escola profissionalizante. Dos alunos pesquisados, 151 (49,35%), exercem trabalho remunerado e 155 (50,65%), não trabalham.

Com relação ao período estudado, houve uma frequência significativamente maior, $p=0,001$, dos alunos com 14 e 15 anos (28,81%) e 16 anos (32,08%), cursando o período da manhã e com 17 anos (84,75%), 18 anos (95,28%), e 19 e 20 anos (96,88%), o período noturno. Os alunos que exercem trabalho remunerado, $p=0,001$, estão na faixa entre 17 anos (59,32%), 18 anos (58,1) e 19 e 20 anos (68,75), e os que não exercem, na faixa entre 14 e 15 anos (79,31%) e 16 anos (59,62%).

No que se refere a relação entre a faixa etária e o ano cursado, $p=0,001$, os alunos com 14 e 15 anos (98,31%) estão em sua maior parte no 1 ano do Ensino Médio; com 16 anos (71,15%), no 2º ano; com 17 anos (81,82%), no 3º ano; e com 18 anos (52%) até 19 e 20 anos (73,33%), no 4º ano. Com relação ao sexo, em todas as faixas etárias a amostra dessa pesquisa foi composta mais por mulheres do que por homens, entretanto, essa diferença não foi significativa.

Tabela 1: Caracterização com base na idade dos pesquisados comparando a frequência com escola, período de estudo, ano cursado e sexo dos participantes

Itens de Comparação	Idade					Total	P	
	14-15	16	17	18	19			
	f (%)	f (%)	f (%)	f (%)	f (%)	f (%)		
Escola	Municipal	43 (72,88)	33 (62,26)	39 (66,10)	*90 (84,91)	*28 (87,50)	233 (75,4)	*0,004
	Estadual	*16 (27,12)	*20 (37,74)	*20 (33,90)	16 (15,09)	4 (12,50)	76 (24,6)	
	Total	59	53	59	106	32	309	
Período	Manhã	*17 (28,81)	*17 (32,08)	9 (15,25)	5 (4,72)	1 (3,13)	49 (15,86)	*0,001
	Noite	42 (71,19)	36 (67,92)	*50 (84,75)	*101 (95,28)	*31 (96,88)	260 (84,14)	
	Total	59	53	59	106	32	309	
Trabalho Remunerado	Sim	12 (20,69)	21 (40,38)	*35 (59,32)	*61 (58,10)	*22 (68,75)	151 (49,35)	*0,001
	Não	*46 (79,31)	*31 (59,62)	24 (40,68)	44 (41,90)	10 (31,25)	155 (50,65)	
	Total	58	52	59	105	32	306	
Ano Cursado	1º	*58 (98,31)	12 (23,08)	1 (1,82)	2 (2,00)	1 (3,33)	74 (25,00)	*0,001
	2º	1 (1,69)	*37 (71,15)	8 (14,55)	8 (8,00)	3 (10,00)	57 (19,26)	
	3º	0 (00,00)	3 (5,77)	*45 (81,82)	38 (38,00)	4 (13,33)	90 (30,41)	
	4º	0 (00,00)	0 (00,00)	1 (1,82)	*52 (52,00)	*22 (73,33)	75 (25,34)	
	Total	59	52	55	100	30	296	
Sexo	Masculino	11 (18,97)	14 (26,42)	20 (33,9)	37 (34,9)	14 (43,75)	96 (31,17)	0,098
	Feminino	47 (81,03)	39 (73,58)	39 (66,1)	69 (65,1)	18 (56,25)	212 (68,83)	
	Total	58	53	59	106	32	308	

* Valor de $p \leq 0,05$ referente ao teste Qui-Quadrado

Considerando o sexo dos pesquisados, relacionando com a escola, período de estudo, trabalho remunerado e ano em curso. Conforme Tabela 2, observou-se, $p=0,031$, uma frequência maior dos participantes do sexo feminino na escola municipal (78,70%), e do sexo masculino (32,65), na escola estadual. Não houve diferenças significativas na

comparação com as demais variáveis entre sexo, período de estudo, trabalho remunerado e ano em curso.

Tabela 2: Caracterização com base no sexo dos pesquisados comparando a frequência com escola, período de estudo, ano cursado e idade dos

Itens de Comparação	Sexo			p	
	Masc. f (%)	Fem. f (%)	Total f (%)		
Escola	Municipal	66 (67,35)	* 170 (78,70)	236	*0,031
	Estadual	*32 (32,65)	46 (21,30)	78	
	Total	98	216	314	
Período	Manhã	15 (15,31)	34 (15,74)	49	0,922
	Noite	83 (84,69)	182 (94,26)	265	
	Total	98	216	314	
Trabalho Remunerado	Sim	48 (50,00)	102 (47,89)	150	0,731
	Não	48 (50,00)	111 (52,11)	159	
	Total	96	213	309	
Ano Cursado	1°	17 (17,71)	58 (28,43)	75	0,108
	2°	23 (23,96)	36 (17,65)	59	
	3°	27 (28,13)	64 (31,37)	91	
	4°	29 (30,21)	46 (22,55)	75	
	Total	96	204	300	

* Valor de $p \leq 0,05$ referente ao teste Qui-Quadrado

Analisando a caracterização dos pesquisados com base no ano em curso, comparando com a escola, período de estudo e trabalho remunerado. Observou-se, conforme Tabela 3, $p=0,001$, uma frequência maior de participantes do 1° ano (72,73%) e 4° ano (100,00%) na escola municipal e do 2° ano (44,07%) e 3° ano (31,87%), na escola estadual. Com relação ao período estudado, $p=0,001$, é maior a frequência dos alunos pesquisados do 1° ano (28,57%) e 2° ano (25,42%), no período da manhã, e do 3° (85,71%) e 4° ano (100,00%), no período da noite. Considerando o trabalho remunerado, $p=0,001$, a maior parte dos alunos que o exercem estudam no 4° ano (68,00%).

Tabela 3: Caracterização com base no ano cursado dos pesquisados comparando a frequência com escola, período de estudo, idade e sexo dos participantes

Itens de Comparação	Ensino Médio				Total	P	
	1°	2°	3°	4°			
	f (%)	f (%)	f (%)	f (%)	f (%)		
Escola	Mun.	*56 (72,73)	33 (5,93)	62 (68,13)	*75 (100,00)	226	* 0,001
	Est.	21 (27,27)	*26 (44,07)	*29 (31,87)	0 (00,00)	76	
	Total	77	59	91	75	302	
Período	Manhã	*22 (28,57)	*15 (25,42)	13 (14,29)	0 (00,00)	50	*0,001
	Noite	55 (71,43)	44 (74,58)	*78 (85,71)	*75 (100,00)	252	
	Total	77	59	91	75	302	
Trabalho Remunerado	Sim	19 (25,00)	24 (42,11)	50 (55,56)	*51 (68,00)	144	* 0,001
	Não	*57 (75,00)	*33 (57,89)	*40 (44,44)	24 (32,00)	154	
	Total	76	57	90	75	298	

* Valor de $p \leq 0,05$ referente ao teste Qui-Quadrado

5.2- Procedimentos Éticos

Após a seleção de escolas públicas que atuam no Ensino Médio, segundo critérios de conveniência do pesquisador de proximidade com a cidade de Campinas, foi realizado o contato com seus diretores para a apresentação da pesquisa e solicitação de autorização para a realização da mesma na escola que administram. Sendo que com relação a escola municipal, foi necessária a apreciação pela Secretaria Municipal de Educação e sua liberação por escrito, antes que a pesquisa fosse apresentada e permitida pela direção da escola.

Esta pesquisa foi desenvolvida de acordo com os critérios éticos e científicos exigidos pela resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde, que dentre outros, considera o respeito pela dignidade humana com especial atenção a proteção aos participantes de pesquisas científicas que envolvem seres humanos.

Os participantes, foram informados sobre o tema da pesquisa por meio de apresentação oral, realizada pelos pesquisadores em visita às salas de aula e através do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) entregue a eles. Através do TCLE os participantes foram informados sobre: a instituição a qual a pesquisa e os pesquisadores estão vinculados; os objetivos do estudo e sua relevância para a melhoria da convivência escolar; o caráter voluntário e sigiloso da sua participação; a utilização dos dados exclusivamente para fins de pesquisa; a possibilidade de desistir da mesma ao longo de sua realização; a ausência de riscos previsíveis, despesas ou benefícios diretos com a pesquisa; e a disponibilidade constante do pesquisador responsável, para todos os esclarecimentos que se fizerem necessários.

Na oportunidade da apresentação da pesquisa para os alunos, estes receberam o TCLE, que em alguns casos foram prontamente assinados e devolvidos pelos alunos com 18 anos de idade ou mais. Os alunos menores de 18 anos de idade ficaram com os termos, para que estes fossem apreciados e assinados por seus pais ou responsáveis, como forma de registro da autorização para que pudessem participar da pesquisa. Antes da realização da coleta de dados, os pesquisadores visitaram as escolas em busca dos TCLE dos estudantes menores de 18 anos. Todos os alunos receberam duas vias do termo, uma do participante e outra do pesquisador. A via do pesquisador foi devolvida.

5.3- Instrumento

Os dados foram coletados nas escolas por meio de um instrumento impresso, contendo um questionário de caracterização dos participantes e um questionário semi-estruturado com questões abertas e fechadas. Esse questionário se baseou no instrumento “The Social Bullying Involvement Scales (SBIS)”, desenvolvido por Fitzpatrick e Bussey (2011), no que se refere a apresentação de uma definição sobre o conceito de agressão pesquisado e na análise dos subtipos de agressão social levando em consideração quatro papéis participantes: o de testemunha, ajuda à vítima, agressor e vítima.

a) Questionário de caracterização do participante

O foco deste instrumento foi coletar informações pessoais dos participantes sobre a sua expectativa de prosseguimento nos estudos, a coexistência ou não de trabalho remunerado, a periodização e a quantificação do mesmo, a utilização da internet como meio de interação social e pesquisa, e o acesso a mídia televisiva, identificando os programas e personagens preferidos.

Esse instrumento apresentou 15 itens, incluindo dados referentes à identificação da escola e do participante. Entre as variáveis contempladas estão: idade; sexo; série/ano; pretensão de concluir o Ensino Médio e de ingresso no Ensino Superior; coexistência de trabalho remunerado com os estudos, periodização e quantificação do tempo gasto no mesmo; o que mais acessa na internet e o tempo gasto nesse processo; o tipo de mídia televisiva que possui, os programas e os personagens preferidos.

b) Questionário semi-estruturado com questões abertas e fechadas, inspirado no instrumento “The Social Bullying Involvement Scales (SBIS)”

Os estudantes responderam um questionário semi-estruturado, inspirado no instrumento Social Bullying Involvement Scales (SBIS), desenvolvido por Fitzpatrick e Bussey (2011). Este instrumento consiste de quatro escalas, que medem o grau em que as pessoas experimentam a vitimização, a prática da agressão, o testemunho e a ajuda da vítima em comportamentos de bullying social. Cada escala do instrumento original é constituída por quatro sub-escalas de comportamentos diretos, e outras quatro de comportamentos indiretos, ambos com questões relacionadas a manipulação de relacionamento, espalhar rumores, e exclusão social verbal e não-verbal, conforme o modelo desenvolvido por Underwood (2003). Essa escala SBIS, possui 96 itens para avaliar a frequência do bullying social na perspectiva do aluno como vítima, agressor, testemunha e defensor.

O questionário semi-estruturado que foi elaborado, inspirado neste instrumento, avaliou não a frequência do bullying social, mas a percepção dos estudantes que indicaram terem agido, sem indicação de frequência, como agressores, ajudadores das vítimas, vítimas e testemunhas da agressão social e sua relação com o desengajamento moral. Para obter as repostas sobre a ocorrência ou não dos subtipos de agressão social foram realizadas perguntas acerca de cada subtipo de agressão social, como se pode verificar no Quadro 1.

Quadro 1 - Subtipos de Agressão Social e Perguntas Relacionadas

Subtipos de Agressão Social	Perguntas Relacionadas
Manipulação direta de relacionamento	Você já exigiu que um amigo (a) ou colega fizesse o que você pediu, senão deixaria de se relacionar com ele (a)?
Manipulação indireta de relacionamento	Você já exigiu secretamente que seus amigos(as) ou colegas deixem de se relacionar com determinado amigo(a) ou colega(a)?
Espalhar rumores de forma direta	Você já espalhou abertamente boatos maldosos sobre um(a) amigo(a) ou colega?
Espalhar rumores de forma indireta	Você já espalhou pelos costas boatos maldosos sobre um(a) amigo(a) ou colega?
Exclusão social direta	Você já disse na frente de um amigo(a) ou colega que não iria mais convidá-lo(a) para sair ou realizar qualquer atividade juntos?
Exclusão social indireta	Você já combinou com um grupo de alunos, pelos costas de um amigo(a) ou colega, que ele não seria mais convidado para sair ou realizar qualquer atividade juntos?
Exclusão social não verbal indireta	Você já ignorou ou desprezou abertamente um amigo(a) ou colega enquanto ele(a) tentava se aproximar para conversar (mesmo que virtualmente)?
Exclusão social não verbal indireta	Você já trocou olhares, gestos, <i>emotions</i> ou imagens com um grupo de alunos, pelos costas de um(a) amigo(a) ou colega, para desprezá-lo ou excluí-lo?

Esta análise, foi feita nos comportamentos de testemunha, ajudador, agressor e testemunha, em ambiente virtual (celular, computador e tablet) e nas interações presenciais face a face, por meio de 40 questões.

Das 40 questões deste questionário semi-estruturado, 24 são de múltipla escolha, sendo 8 com o objetivo de analisar a percepção da agressão social sofrida na posição de vítima, 8 para estudar a percepção da agressão social observada como testemunha e 8 para investigar a intensidade da crença de autoeficácia para defender a vítima das diversas formas de agressão social. As outras 16 questões, também são de múltipla escolha, mas acompanhadas da justificativa da escolha realizada para executar a agressão social através de 8 questões, e mais 8 questões para justificar o fato de não ter defendido a vítima da agressão social que foi testemunhada. Estas 16 questões, tem o objetivo de analisar a relação entre a percepção da agressão social e o desengajamento moral, na posição de agressor e não defensor da vítima.

Nesta investigação, em função dos objetivos propostos anteriormente, a análise da agressão social direta e indireta foi nas interações presenciais face a face. Não foram utilizados deste instrumento os dados sobre a intensidade da crença de autoeficácia para defender a vítima da agressão social, e nem os dados sobre a agressão social em ambiente virtual. Estes dados, foram objetos de estudo de outras pesquisas, que fazem parte de um estudo maior sobre a agressão social no Ensino Médio, do qual a presente investigação faz parte.

A seguir exemplos do questionário semiestruturado:

Percepção da Agressão Social no Comportamento de Testemunha

Você já TESTEMUNHOU...	Em ambiente virtual: facebook, twitter, instagram, snapchat, whatsapp, entre outros.			Em interação presencial, ou seja, face a face.		
	Sim	Não	Não Lembro	Sim	Não	Não Lembro
1 ...um(a) aluno(a) ou um grupo de alunos(as) exigir que um(a) amigo(a) ou um(a) colega fizesse o que lhe era pedido, senão deixaria de se relacionar com ele(a)?						

Percepção da Agressão Social e Desengajamento Moral no Comportamento de Defensor

Você já TENTOU AJUDAR um(a) amigo(a) ou colega...	Em ambiente virtual: facebook, twitter, instagram, snapchat, whatsapp, entre outros.			Em interação presencial, ou seja, face a face.			O que te levou a agir assim?
	Sim	Não	Não Lembro	Sim	Não	Não Lembro	
9 ...quando um(a) aluno(a) ou um grupo de alunos(as) exigiu que ele(a) fizesse o que lhe era pedido, senão deixaria de se relacionar com ele(a)?							

Crença de Autoeficácia no Comportamento de Defensor

Quanto você se JULGA CAPAZ DE AJUDAR um(a) amigo(a) ou colega.....	Indique quão capaz você se julga					
	Incapaz		Totalmente Capaz			
	1	2	3	4	5	6
17 ...quando um(a) aluno(a) ou um grupo de alunos(as) exigiu que ele(a) faça o que lhe for pedido, senão deixarão de se relacionar com ele(a)?						

Percepção de Agressão Social e Desengajamento Moral no Comportamento de Agressor

VOCÊ JÁ...	Em ambiente virtual: facebook, twitter, instagram, snapchat, whatsapp, entre outros.			Em interação presencial, ou seja, face a face.			O que te levou a agir assim?
	Sim	Não	Não Lembro	Sim	Não	Não Lembro	
25 ...exigiu de um amigo(a) ou colega fizesse o que você pediu, senão deixaria de se relacionar com ele(a)?							

Percepção de Agressão Social no Comportamento de Vítima

Você já PASSOU PELA EXPERIÊNCIA...	Em ambiente virtual: facebook, twitter, instagram, snapchat, whatsapp, entre outros.			Em interação presencial, ou seja, face a face.		
	Sim	Não	Não Lembro	Sim	Não	Não Lembro
33 ...na qual um aluno(a) ou um grupo de alunos exigiu que você fizesse o que lhe foi pedido, senão deixaria de se relacionar com você?						

5.4- Procedimentos de coleta de dados

Os dados foram coletados pelos próprios pesquisadores, utilizando questionários impressos e as sessões de coleta de dados aconteceram de forma coletiva, nas próprias escolas dos participantes e durante seus períodos de aula.

Na escola municipal, 256 questionários foram respondidos em 16 sessões de aplicação, com média de 16 estudantes por sessão, tendo como número mínimo de participantes por sessão 5 e máximo 32. Todas as aplicações ocorreram no período noturno, em 7 dias diferentes, com intervalo de 3 semanas entre o primeiro e o último dia de coleta de dados. 14 sessões foram realizadas em uma sala de aula desativada e reuniram alunos de diversas turmas, 1 sessão aconteceu na própria sala de aula dos alunos respondentes e outra foi realizada em uma sala de aula momentaneamente vazia e reuniu alunos de duas turmas.

Nesta escola, cada sessão de aplicação ocorreu em aproximadamente 60 minutos, desde a convocação do primeiro participante até a devolução do questionário respondido pelo último participante. Podemos dividir as sessões por tempo aproximado da seguinte forma: 20 minutos até que todos os participantes se acomodassem, 5 para apresentação e instruções e 35 minutos para que todos os participantes respondessem o questionário.

Segundo permissão e orientação dos gestores da escola, os próprios pesquisadores, munidos de listas que continham os nomes dos estudantes que devolveram os TCLE assinados, foram até as salas de aula e quando permitidos pelos professores, convidaram os alunos a se dirigirem às salas em que a sessão de aplicação do questionário ocorreria. Na oportunidade em que a coleta de dados ocorreu na própria sala de aula dos respondentes, frente ao pedido de liberação dos alunos feito pelos pesquisadores, o professor da turma disponibilizou o espaço para que a realização da pesquisa acontecesse na própria sala e se retirou junto aos alunos que não participaram. Dos 256 questionários respondidos, 18 não foram considerados pela pesquisa devido a inconformidades relacionadas ao TCLE, assim, totalizando 238 respondentes válidos

Já na escola estadual, no período matutino, foram respondidos 50 questionários em 3 sessões de aplicação que ocorreram em dois dias diferentes, com um intervalo de 2 semanas entre eles. No primeiro dia de aplicação, foram realizadas duas sessões que tiveram 25 e 17 participantes respectivamente. No segundo dia de coleta de dados, aconteceu apenas uma sessão que contou com 8 participantes. Todas estas 3 sessões

aconteceram em uma mesma sala de aula reservada para a realização de atividades complementares.

No período noturno da escola estadual, houve 32 participações que ocorreram em 2 sessões realizadas em um mesmo dia. As sessões contaram com 20 e 12 participantes respectivamente e ocorreram em uma sala de aula que não é utilizada durante o período noturno.

Em todas as sessões de aplicação desta mesma escola, em ambos os períodos, os pesquisadores contaram com a ajuda de funcionários da escola para reunirem os participantes na sala em que a aplicação do questionário ocorreria. Munidas de uma lista, fornecida pelos pesquisadores, com os nomes dos estudantes que haviam devolvido o TCLE assinado, a inspetora de alunos do turno da manhã e a coordenadora pedagógica do noturno, foram às salas de aula, pediram permissão aos professores, chamaram os alunos e os orientou a se dirigirem as salas de aplicação munidos de canetas.

O auxílio prestado pelas funcionárias da escola diminuiu o tempo total necessário para as aplicações dos questionários, que ocorreram aproximadamente em cinquenta minutos, sendo que foram necessários algo em torno de dez minutos para reunir os participantes na sala de aplicação, cinco minutos para a apresentação e instruções e 35 minutos para que todos os participantes respondessem o questionário.

Em ambas as escolas, os pesquisadores seguiram um mesmo padrão de ações preparatórias e de realização da aplicação do questionário. Além dos questionários impressos, os pesquisadores levaram às escolas TCLE em branco para serem entregues a estudantes que ainda manifestassem desejo em participar da pesquisa e tivessem 18 anos, canetas para os estudantes que por algum motivo não as portassem e listas com os nomes dos estudantes que já haviam devolvido o TCLE assinado. As listas continham os nomes dos estudantes numerados (número que foi posto no questionário após a aplicação), agrupados por turma e organizados por ordem alfabética.

No momento em que os alunos, ainda em suas salas de aula, foram convidados a se dirigirem à sala em que a pesquisa seria realizada, foram avisados de que deveriam levar canetas. Quando todos os participantes de cada sessão se encontraram acomodados e preparados para o início da sessão de pesquisa, os pesquisadores se apresentaram e agradeceram a participação. Antes das aplicações um dos pesquisadores passou as seguintes orientações:

- Colocaremos os questionários virados sobre as mesas e, por favor, esperem o aviso de que podem virá-los e começar a respondê-los.
- Os questionários não possuem nomes para preservar o sigilo das respostas de vocês. Por favor, não coloquem nenhuma forma de identificação nos questionários.
- O questionário não possui respostas certas ou erradas. Respondam as opiniões de vocês. As opiniões devem ser individuais. Portanto, não façam perguntas ou comentários aos colegas. Por favor, respeitem a privacidade dos colegas.
- Em caso de dúvidas, levantem a mão e o pesquisador irá até você para auxiliá-lo.
- Por favor, respondam todas as questões, inclusive as justificativas quando solicitado. Caso o espaço para as justificativas seja insuficiente, utilize o verso da folha colocando o número da questão.
- Em caso de desejarem alterar a resposta já assinalada, basta circular o que já foi respondido, acrescentar um não e assinalar o espaço que desejarem.
- Respondam com calma e sem pressa.
- Quando terminarem, por favor, confirmem se responderam todas as questões.
- Após conferirem as respostas, dirijam-se até a mesa do pesquisador, que irá conferir o nome do participante na lista e numerar o questionário.

Após todos os participantes presentes receberem o questionário e as orientações serem dadas, um dos pesquisadores permitiu que virassem o questionário e os convidou a acompanhá-lo na leitura do cabeçalho do questionário, presente no alto da primeira página. Então o pesquisador leu em voz alta, uma definição da agressão social para que os estudantes respondessem as questões com base na mesma. Este procedimento de oferecer uma definição da agressão a ser pesquisada aos participantes também foi adotado por Fitzpatrick e Bussey (2011).

“Prezado aluno e prezada aluna:

*Este questionário tem como objetivo conhecer o que você pensa sobre a **agressão social**. Um estudante sofre **agressão social** em ambiente virtual (facebook, twitter, instagram, snapchat, whatsapp entre outros) e nas interações presenciais (face a face) quando outro estudante ou um grupo de estudantes comporta-se das seguintes formas: faz ameaças exigindo que façam o que quer, fala mentiras ou espalha boatos sobre ele, ou ainda se afasta excluindo-o das atividades que pretende fazer. Leia com atenção todas as questões e responda com sinceridade como as situações descritas acontecem*

com você. Evite deixar respostas em branco, suas respostas são muito importantes para nós. Neste questionário não existem respostas certas ou erradas, apenas queremos saber como acontece com você. Ressaltamos que suas respostas serão totalmente confidenciais.

Obrigado pela colaboração!”

5.5 - Categorização das Justificativas para a Agressão Social

O presente estudo categorizou as respostas abertas dos participantes, referentes as justificativas para as respostas de participação ou não na pratica da agressão social, afim de torna-las passíveis de análise quantitativa. Foram previamente estabelecidas 11 (onze) categorias que correspondem aos 8 (oito) mecanismos de desengajamento moral criados por Bandura (1978) – justificação moral, comparação vantajosa, linguagem eufemística, difusão de responsabilidade, deslocamento de responsabilidade, minimização das consequências, atribuição de culpa à vítima – justificativas sem desengajamento moral ou com dados insuficientes, comportamentos sem justificativas e missing.

A seguir serão apresentadas as descrições de cada uma das 11 (onze) categorias acompanhadas de seus exemplos (Categorização completa no Anexo A)

1- Justificação Moral

Segundo Bandura (2002), a justificação moral é percebida quando o indivíduo justifica o seu comportamento antissocial como a serviço de um valor socialmente reconhecido. A ação danosa é justificada por sua função e consequências.

Neste estudo, as justificativas classificadas como integrantes desta categoria incluem respostas que atribuem ao comportamento agressivo as funções de autopreservação, defesa de seus pares e até mesmo da vítima, e também de estar a serviço de princípios morais como a franqueza e a reciprocidade.

Seguem exemplos de respostas representantes da categoria justificação moral:

“Era para o bem deles”;

“Sim pois estava me prejudicando e fazendo mal aos demais”;

“Quero que façam por mim o que faço por eles”;

“Fiz isso para deixar bem claro quando algo me desagrada”.

Algumas respostas referentes às questões sobre manipulação de relacionamento indireto exigem uma atenção especial, pois podem justificar este tipo de agressão social

atribuindo a ele a função de defesa de alguém, como a própria vítima de manipulação, e ainda justificar um comportamento de exclusão social de uma terceira pessoa responsabilizando a vítima da exclusão, devido as suas ações ou características. Assim, a justificação moral serve como justificativa para a manipulação do relacionamento, que é o comportamento em questão, e um outro mecanismo de desengajamento serve para justificar a exclusão social, tipo de agressão que não é avaliado por tal questão. Exemplo:

“Sim. Boa parte dos momentos que fiz foi para ajuda-lo, pois, a tal pessoa não era de boa índole”.

2- Linguagem Eufemística

O mecanismo denominado linguagem eufemística se refere à tentativa de atribuir caráter mais aceitável à ação antissocial alterando apenas a sua nomenclatura. Nomear suas ações repreensíveis com palavras em formas diminutivas ou termos sanitaristas, como quando chamamos uma agressão física de tapinha, um suborno de cafezinho ou a exclusão de pessoas de limpeza do ambiente, são exemplos do uso da linguagem eufemística (Bandura, 2002).

Esta categoria de respostas reúne justificativas em que os comportamentos agressivos descritos nos enunciados das questões têm alteradas as formas pelas quais são chamados. Diferentes formas de agressão são chamadas de brincadeira ou zueira, a ação de exigir é denominada como dar conselho ou decidir junto e espalhar boatos se torna relatar fatos ou dizer verdades. Seguem alguns exemplos:

“Não foi bem exigir, mais sim um conselho, pois determinada pessoa com quem ela estava andando lhe oferecia bebidas”;

“Não era boato, apenas relatei o ocorrido”;

“Zueira (éramos todos amigos)”

“Porque não acho que funcione assim. E se fiz, foi na brincadeira.

“Nunca espalho notícias que não é verídica”

3- Comparação Vantajosa

O mecanismo de desengajamento moral denominado comparação vantajosa atua na tentativa de amenizar o caráter repreensível de uma ação danosa comparando-a a algum outro comportamento que sofra maior rejeição social (Bandura, 2002).

A categoria de respostas denominada Comparação Vantajosa reúne as respostas dos participantes que justificam suas ações comparando-as a outros comportamentos

antissociais ou comparando-as a alternativas para suas próprias ações. Como apresentam os seguintes exemplos:

“Sim, decidi falar logo do que ficar agindo de má fé”;

“Não foi por mal, mas eu não queria estar com a pessoa, então para não tratar ela mal, não convidei”.

4- Deslocamento de Responsabilidade

As autossanções morais são ativadas de forma intensa quando as pessoas se percebem claramente responsáveis pela ação prejudicial praticada. O deslocamento de responsabilidade opera obscurecendo, distorcendo ou minimizando a agência pessoal na conduta contrária ao padrão moral, deslocando a responsabilidade pela ação a uma autoridade legítima, terceiros ou a determinadas circunstâncias. (BANDURA, 1991, 2015).

Nesta pesquisa, as justificativas identificadas como integrantes desta categoria incluem respostas que deslocam a responsabilidade pelo comportamento agressivo a influência de terceiros ou a determinados contextos situacionais. Conforme exemplos a seguir:

“Sim, por influência de outros”;

“Circunstâncias e acontecimentos”.

É necessária uma atenção especial nas justificativas que tratam do deslocamento de responsabilidade nas questões que se referem a prática da agressão social por meio da manipulação de relacionamento indireto. Nessa agressão manipula-se o relacionamento de uma pessoa para atingir um terceiro, procurando convencê-la secretamente a gerar dano social à vítima. Esta investigação foi realizada com seguinte questão: *“Você já exigiu secretamente que seus amigos(as) ou colegas deixem de se relacionar com determinado amigo(a) ou colega(a)?”* É importante destacar que neste caso há duas vítimas: o manipulado e o excluído, com o agressor em alguns casos justificando a conduta de manipulação da vítima pelas características ou conduta do alvo da exclusão. Como pode se verificar nos seguintes exemplos:

“Pela pessoa ser um espalhador de boatos falsos”;

“Porque a pessoa era uma má influência.”.

5- Difusão de Responsabilidade

A força das autossanções morais são enfraquecidas quando a relação entre a conduta e os efeitos do comportamento condenável é obscurecido, distorcido ou minimizado pela difusão da responsabilidade da agencia pessoal. Isto pode ser feita por meio da divisão do trabalho, que favorece o distanciamento da tarefa realizada com a consequência final da ação; pela conduta coletiva, na qual a responsabilidade por um comportamento prejudicial realizado em grupo pode ser atribuída ao grupo ou a qualquer membro. E pela decisão coletiva, que favorece a pessoa não se considerar responsável pela mesma. Onde todos são responsáveis, ninguém se percebe realmente responsável. (BANDURA, 1991, 1999).

As justificativas identificadas como integrantes deste mecanismo de desengajamento moral, incluem respostas que difundem a responsabilidade pelo comportamento agressivo justificando-o como uma ação coletiva. Exemplificada a seguir:

“As vezes já cometi isso, ao estar em um grupo de pessoas que estavam apontando defeitos sobre o colega em questão, e sem perceber, eu colaborei com o comentário maldoso sobre a pessoa”.

6- Minimização das Consequências

Minimização das consequências é o nome do mecanismo de desengajamento moral que atua sobre a percepção das consequências geradas pela ação do indivíduo. Determinado comportamento pode perder seu caráter repreensível quando suas consequências danosas são ignoradas, minimizadas ou distorcidas. As pessoas tendem a não se culparem por ações que não produzem prejuízos que sejam percebidos (BANDURA, 2002).

As justificativas que compõem esta categoria de respostas minimizam ou até negam os efeitos prejudiciais do comportamento agressivo, relatando-os como “nada de mais” ou corriqueiro, ou ainda negando a existência de dano por falta do conhecimento da vítima sobre a agressão. Há também a possibilidade de distorção das consequências, quando o agressor percebe os efeitos do seu comportamento antissocial como positivos para a vítima.

Seguem exemplos:

“O fato de achar que a pessoa nunca vai saber”.

“Fiquei de mal com as pessoas, mas nada de mais, amigos brigam”.

7- Desumanização

A desumanização atua na elaboração do pensamento sobre a vítima considerando-a como destituída de qualidades humanas ou possuidora de atributos desumanos, ou ainda a depreciando, dificultando assim a percepção de similaridades com a vítima. O que, por sua vez, dificulta a ativação de emoções empáticas ou vicárias. Este mecanismo libera o indivíduo a agir em relação à vítima sem o mesmo nível de exigência que o tratamento dirigido a outro ser humano requer. Por este motivo, segundo Bandura (2015), a distinção das pessoas entre pertencentes ou não ao seu grupo favorecem desconsiderar o bem-estar dos que estão fora dele.

Esta categoria é composta por respostas que justificam as ações agressivas destacando características depreciativas da vítima, o não pertencimento da vítima ao grupo e a falta de identificação com ela. Seguem alguns exemplos:

“ Porque ou a pessoa era muito chata, ou falsa ou os dois ”;

“A pessoa não compartilhava dos mesmos gostos da turma”;

“Eu recomendei para alguns amigos para que evitassem de falar sobre alguns assuntos para amigos "falsas" que não são confiáveis. “

8- Atribuição de Culpa

Considerar os destinatários da conduta prejudicial como responsáveis pelo seu próprio sofrimento é um recurso eficaz para evitar autossanções condenatórias. O mecanismo de atribuição de culpa considera a vítima ou as circunstâncias vivenciadas por ela como as responsáveis pela ação antissocial. Nesse processo o agente da conduta danosa considera sua ação como forçada por provocação de uma ação ou situação vivida pela própria vítima (BANDURA, 1991, 1999).

Nesta investigação, as respostas identificadas como atribuição de culpa envolvem justificativas para a conduta prejudicial uma agressão anterior da vítima e o não atendimento de uma demanda do agressor.

“Aquela pessoa havia feito um mal para mim, então resolvi retribuir”;

“Falta de ajuda em trabalhos escolares”;

“Por falta de compromisso em muitos eventos por parte dele/a”.

9- Justificativas sem desengajamento ou com dados insuficientes

Trata-se de justificativas de comportamento com dados insuficientes nos quais não foram encontrados critérios que indicassem mecanismos de desengajamento moral, como os exemplos a seguir:

“questões escolares, como trabalhos e apresentações.”

“Por falta de afinidade”

“Me senti ameaçada com medo de perder meus amigos”

“Baixo nível de maturidade (quando criança).”

“Não há necessidade”

“Porque se ele não pode vou eu mesmo fazer”

“Vejo isso como atitude ridícula”

“Eu poderia fazer, a pessoa não é obrigada.”

“Porque seria uma coisa horrível.”

“Não vejo essas atitudes como necessárias”

“Nunca fiz isso.”

“Quando preciso de algo vou lá e faço.”

10- Comportamento sem justificativa

Ocorre quando o participante marcou a opção que indica que cometeu agressão social, porém não justificou a ação. Nestes casos a ausência de justificativa foi classificada como *missing* e categorizada pelo numero 99.

11 – Missing

Essa categoria engloba questões nas quais não foi indicado pelo participante da pesquisa se o mesmo praticou ou não a agressão, ou se não lembra do ocorrido.

5.6- Validação Interna da Categorização das Justificativas para Agressão Social

As justificativas apresentadas pelos alunos para a prática da agressão social foram categorizadas na perspectiva teórica do desengajamento moral. A validação interna desta categorização dos 320 estudantes do Ensino Médio, que participaram deste estudo e que se identificaram como praticantes da agressão social, foi realizada em 03 etapas. Na primeira, os três pesquisadores envolvidos no projeto de pesquisa: “*Agressão Social no Ensino Médio: Um Estudo Exploratório*”, fizeram individualmente e separadamente a categorização das justificativas para a agressão social de 184 estudantes do Ensino Médio, e a seguir se reuniram e entraram em concordância em todos os itens categorizados. Na segunda, esse processo foi realizado por dois pesquisadores do mesmo projeto de pesquisa, com os 136 estudantes do Ensino Médio restantes para completar 320. Esse processo foi dividido em duas etapas, porque um

dos pesquisadores optou por realizar a pesquisa com 184 estudantes do Ensino Médio ao invés dos 320 estudantes pesquisados.

Na terceira etapa, a validação interna foi realizada por 10 juízes. A escolha dos juízes foi feita por conveniência de proximidade pessoal, sendo um (1) estudante de psicologia cursando o segundo ano, quatro (4) com formação superior, dois (2) doutorandos em Teoria Social Cognitiva, um (1) mestre em Teoria Social Cognitiva, e dois (2) com especialização em Teoria Social Cognitiva.

Esses juízes analisaram uma amostra de 20%, selecionada randomicamente, das justificativas apresentadas pelos estudantes para a prática da agressão social. Eles analisaram essas justificativas a partir de uma tabela com a descrição das categorizações utilizadas, verificando em cada justificativa o seu contexto das questões de pesquisa descritas no Quadro 1, ilustrado no item 5.3 desta dissertação.

Entre os itens analisados pelos juízes a quantidade de missing e dúvidas, e correspondente porcentagem em relação a quantidade de itens analisados estão apresentados na Tabela 4.

Tabela 4- Frequência de missing e dúvidas apresentadas pelos juízes

Participantes	Total Dúvidas	% Total Dúvidas	Total Missing	% Total Missing
1	5	8%	7	11%
2	4	6%	0	0%
3	0	0%	6	10%
4	5	8%	13	21%
5	14	23%	0	0%
6	20	32%	0	0%
7	12	19%	0	0%
8	19	31%	0	0%
9	0	0%	0	0%
10	0	0%	0	0%
Total	79		26	

Os juízes apresentaram concordância geral entre todos os itens analisados de 47%. Conforme Tabela 5, as categorizações de justificação moral (57%), linguagem eufemística (66%), difusão de responsabilidade (60%), atribuição de culpa (56%) e justificativas sem desengajamento moral (61%), apresentaram concordância entre os itens analisados pelos juízes superiores a 50%. As categorizações de deslocamento de responsabilidade (9%), minimização de consequências (30%) e desumanização (14%) apresentaram concordância menor de 50%, sendo que a categorização comparação vantajosa não houve nenhuma item a ser analisado na amostra selecionada randomicamente.

Tabela 5- Média de concordância entre os juízes

Categorias	SEM DM	Just. Moral	Ling. Euf.	Comp. Vant.	Desl. Resp.	Dif. Resp.	M. Cons.	Desum.	Atr. Culpa	Média Concord.
Total de Itens	12	2	6	0	9	1	2	5	25	47%
% de Concord.	61%	57%	65%	---	9%	60%	30%	14%	55%	

Após análise do processo de validação interna foram revistas as categorizações de deslocamento de responsabilidade, minimização de consequências e desumanização que tiveram uma concordância menor de 50% entre os juízes, e a comparação vantajosa que não teve nenhum item analisado. Essa revisão foi feita na amostra randomicamente selecionada para os juízes e também em todas as justificativas apresentadas pelos alunos com as categorizações descritas acima.

Na categorização descrita como deslocamento de responsabilidade, os itens que apresentaram maior discordância estão relacionados com o contexto da questão, que analisa a agressão social por meio da manipulação de relacionamento indireto, através da pergunta : “Você já exigiu secretamente que seus amigos(as) ou colegas deixem de se relacionar com determinado amigo(a) ou colega(a)?”. Essa questão tem como vítima o manipulado, aquele do qual foi exigido secretamente uma ação de exclusão, e o excluído, que é o alvo da exclusão. Esses itens foram classificados pelos juízes como como atribuição de culpa à vítima ou desumanização, por considerarem como vítima o excluído, mas como a questão avalia o manipulado elas foram consideradas como deslocamento de responsabilidade. Após reanálise das 42 justificativas categorizadas como deslocamento de responsabilidade, a justificativa “Por falta de afinidade” foi recategorizada como justificativa sem desengajamento por faltarem dados para poder categorizá-la como desengajamento moral.

As duas justificativas em toda pesquisa categorizadas como comparação vantajosa e as 6 justificativas que foram categorizadas como minimização de consequências, foram revistas e manteve-se a categorização realizada.

As justificativas consideradas como desumanização pela pesquisa, foram identificadas pela maioria dos juízes como atribuição de culpa a vítima. Essas duas categorias estão em concordância com o foco de justificativas voltadas para o destinatário da ação agressiva, tendo como diferença entre elas o fato de que na atribuição de culpa as justificativas estão voltadas para ação ou comportamento da vítima, enquanto que na desumanização o foco está em alguma característica atribuída pelo agressor a vítima, que a desqualifica aos seus olhos para ser tratada com mesma

dignidade que trata outras pessoas de seu convívio, Após a reanálise das justificativas categorizadas pelos juízes e de todas as 35 justificativas categorizadas como desumanização na pesquisa, todas se encaixaram com a categorização feita anteriormente.

5.7- Procedimento de Análise dos Dados

Após a categorização das justificativas para agressão social considerando o processo de validação interna, os resultados coletados do instrumento aplicado aos estudantes foram inseridos em um banco de dados do programa Excel e posteriormente foram convertidos para o programa de análise estatística *The SAS System for Windows (Statistical Analysis System)*, versão 9.2. Os dados foram organizados em planilhas do Excel da seguinte forma: aba para dados da caracterização do participante, aba da legenda da caracterização, aba com as questões sobre agressão social e desengajamento moral e por último uma aba que continha a legenda sobre os tipos de agressões sociais e os mecanismos de desengajamento moral. Foram conferidos 100% dos questionários por dupla de pesquisadores. Para a realização da discussão dos resultados, os dados foram analisados de acordo com a estatística descritiva e inferencial com o apoio de um estatístico.

É importante destacar, que apesar do plano de pesquisa e o questionário, como instrumento de coleta de dados, terem sido desenvolvidos com a intenção de contemplar indicações dos estudantes nos oito subtipos de agressão social, análises posteriores à coleta de dados identificaram limitação do instrumento em relação ao subtipo de agressão social manipulação de relacionamento indireto (MRI), quando relacionados à tentativa de ajuda à vítima em situação de agressão social. Por esse motivo, este estudo analisa apenas as indicações dos estudantes para as situações representadas dos outros sete subtipos de agressão, no que se refere a ajuda à vítima da agressão social. Nas outras análises esse subtipo de agressão social teve validação interna e portanto foi analisado e discutido os resultados.

Durante o processo de preparação dos dados para a análise quantitativa a variável idade sofreu alterações. As respostas dos participantes que possuíam 14 e 20 anos de idade, os extremos desta amostra, foram incorporados a outros grupos etários por representarem não mais do que 1% das respostas válidas. Assim, as respostas dos estudantes que possuem 14 anos foram incorporadas ao grupo de 15 anos e as respostas

dos estudantes de 20 anos foi incorporada ao grupo de respostas de 19 anos, totalizando 5 grupos etários para a amostra.

De acordo com os objetivos, variáveis e hipóteses de pesquisa propostos, os resultados foram analisados da seguinte maneira:

- Com finalidade de descrever o perfil da amostra segundo as variáveis em estudo foram feitas tabelas de frequência das variáveis categóricas (sexo, faixa etária, série, turno, formas de agressão, mecanismos de desengajamento moral), com valores de frequência absoluta (n) e percentual (%), e tabelas estatísticas descritivas das variáveis numéricas (idade, número de agressões, etc.).
- Para comparação das variáveis categóricas entre sexo, faixa etária, ano cursado, comportamento de testemunha, defensor, agressor e vítima da agressão social foram utilizados os testes Qui-Quadrado ou Exato de Fisher (para valores esperados menores que 5).
- Para a comparação das variáveis numéricas entre os sexos foi utilizado o teste Mann-Whitney, e entre as faixas etárias o teste de Kruskal-Wallis, devido a ausência de distribuição normal de variáveis.

O nível de significância adotado para os testes estatísticos foi de 5%, ou seja, $P < 0,05$. Os resultados das análises estatísticas foram interpretados a partir dos fundamentos teóricos desta pesquisa

6. RESULTADOS

Os resultados dessa pesquisa exploratória sobre a percepção da agressão social entre estudantes do Ensino Médio, que indicaram terem testemunhado, ajudado, agredido e sofrido como vítimas dessa agressão e sua relação com o desengajamento moral, estão organizados em quatro partes. Na primeira, são comparadas as frequências das respostas dos que indicaram terem testemunhado, ajudado, agredido e sofrido como vítimas da agressão social com o sexo, idade e ano em curso no Ensino Médio. Na segunda, são relacionadas as frequências de respostas dos que indicaram terem praticado a agressão social com o desengajamento moral utilizado para justificá-la, levando em consideração o sexo, faixa etária e ano em curso no Ensino Médio. Na terceira, é realizada uma comparação entre as frequências de respostas dos que relataram que agrediram e também testemunharam, ajudaram e foram vítimas da agressão social. E na quarta, é apresentado uma síntese dos resultados.

6.1- Comparação das frequências de respostas sobre a agressão social com o sexo, idade e ano em curso no Ensino Médio.

Nesse estudo os alunos responderam questões sobre 8 subtipos de agressão social indicando se testemunharam, ajudaram as vítimas, agrediram ou sofreram como vítimas dessa agressão. Em cada questão optaram por três alternativas de respostas: sim, não e não lembro.

Nesta seção de resultados serão apresentados primeiramente um panorama geral de comparação entre as diversas indicações de participação na agressão social e a seguir essa comparação é relacionada com o sexo, idade e ano em curso dos pesquisados.

a) Comparação das frequências de respostas dos que indicaram terem testemunhado, ajudado, agredido ou sofrido como vítima da agressão social

Na Tabela 6 estão descritas as comparações entre as frequências de respostas dos estudantes que indicaram terem testemunhado, ajudado, agredido ou sofrido como vítimas dos 8 subtipos de agressão social. Essa tabela é composta pela frequência de resposta (f), o índice percentual (%), o número de respostas válidas (N) de cada subtipo de agressão social e a frequência percentual média dessas indicações.

Tabela 6 - Comparação das frequências de respostas dos que indicaram terem testemunhado, ajudado a vítima, agredido ou sofrido como vítima da agressão social

Indicação de Comport.	Subtipos de Agressão Social								Freq. (%) Média			
	MRD	MRI	ERD	ERI	ESVD	ESVI	ESNVD	ESNVI	Ger.	Dir.	Ind.	
Testemunha	Sim f (%)	198 (62,66)	225 (71,43)	275 (86,48)	283 (89,27)	121 (38,29)	224 (71,34)	235 (74,13)	243 (76,90)	71,31	65,39	77,24
	Não f (%)	83 (26,27)	64 (20,32)	27 (8,49)	21 (6,62)	128 (40,51)	59 (18,79)	59 (18,61)	50 (15,82)	19,43	23,47	15,39
	Ñ Lembro	35 (11,08)	26 (8,25)	16 (5,03)	13 (4,11)	67 (21,20)	31 (9,87)	23 (7,26)	23 (7,28)	9,26	11,14	7,38
	N	316	315	318	317	316	314	317	316			
Ajuda à Vítima	Sim f (%)	160 (51,12)	---	187 (59,74)	187 (60,52)	89 (28,16)	108 (34,50)	173 (55,45)	130 (41,80)	47,33	48,62	34,21
	Não f (%)	92 (29,39)	---	79 (25,24)	76 (24,60)	120 (37,97)	107 (34,19)	72 (23,08)	79 (25,40)	28,55	28,92	21,05
	Ñ Lembro	61 (19,49)	---	47 (15,02)	46 (14,89)	107 (33,86)	98 (31,31)	67 (21,47)	102 (32,80)	24,12	22,46	19,75
	N	313	---	313	309	316	313	312	311			
Agressor	Sim f (%)	40 (13,16)	76 (24,76)	48 (15,64)	58 (18,89)	78 (25,41)	74 (24,18)	68 (22,15)	85 (27,69)	21,49	19,09	23,88
	Não f (%)	242 (79,61)	212 (69,06)	233 (75,90)	225 (73,29)	191 (62,21)	192 (62,75)	203 (66,12)	176 (57,33)	68,28	70,96	65,61
	Ñ Lembro	22 (7,24)	19 (6,19)	26 (8,47)	24 (7,82)	38 (12,38)	40 (13,07)	36 (11,73)	46 (14,98)	10,24	9,96	10,52
	N	304	307	307	307	307	306	307	307			
Vítima	Sim f (%)	135 (43,13)	174 (55,24)	170 (55,37)	206 (66,67)	63 (20,06)	92 (29,68)	143 (45,69)	148 (47,28)	45,39	41,06	49,72
	Não f (%)	151 (48,24)	112 (35,56)	112 (36,48)	76 (24,60)	218 (69,43)	174 (56,13)	141 (45,05)	119 (38,02)	44,19	49,80	38,58
	Ñ Lembro	27 (8,63)	29 (9,21)	25 (8,14)	27 (8,74)	33 (10,51)	44 (14,19)	29 (9,27)	46 (14,70)	10,42	9,14	11,71
	N	313	315	307	309	314	310	313	313			

Pode-se observar nessa tabela que dos participantes pesquisados, em média 71,31%, indicaram terem testemunhado a agressão social. A ajuda à vítima foi sinalizado em média por 47,33%, o de agressão por 21,49%, e o de ter sofrido como vítima, por 45,39%. Na relação entre a agressão social direta e indireta, a indireta foi a mais testemunhada (77,24%), sofrida pelas vítimas (49,72%) e praticada (23,88%), e a direta foi a mais indicada na ajuda às vítimas (48,62%).

Os resultados indicados na Tabela 6 e ilustrados na Figura 3, revelam que 6 dos 8 subtipos de agressão social já foram testemunhadas por mais de 70% dos estudantes pesquisados, e que apesar da agressão social indireta ser a mais praticada, há uma exceção no que refere a exclusão social verbal direta (ESVD), sendo indicada como a mais executada com 25,41%, das ocorrências informadas, do que a exclusão social verbal indireta (ESVI), com 24,18%. Entre os subtipos de agressão social o espalhar rumores, tanto na forma direta (ERD) como indireta (ERI), foi o mais indicado nas agressões sofridas como vítima (55,37%, e 66,67%), na ajuda às vítimas (59,74% e 60,52%), e no testemunho dessa agressão (86,48% e 89,27%).

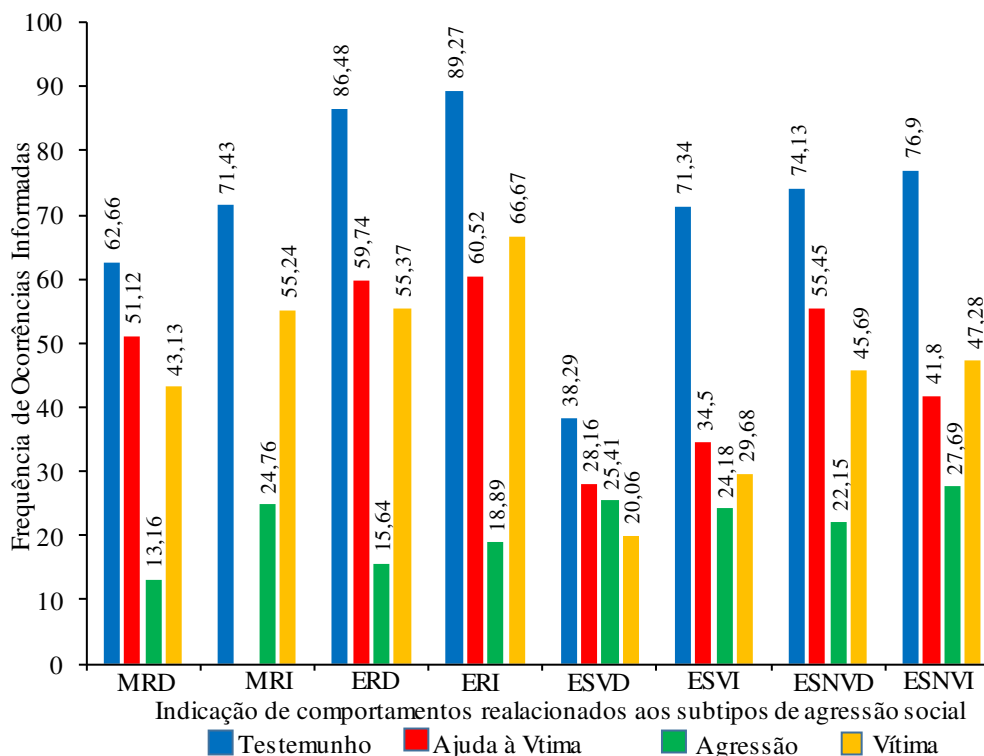


Figura 3 - Comparação das frequências de respostas dos que indicaram ter testemunhado, ajudado a vítima, agredido ou sofrido como vítima da agressão social.

Os resultados indicaram também que a agressão social mais praticada foi a exclusão social não verbal indireta (ESNVI), com 27,89%, das ocorrências. Seguida pela exclusão social verbal (ESVD), com 25,41%. A agressão menos testemunhada foi a exclusão social verbal direta (ESVD), com 38,29%, das sinalizações, sendo também a que teve menor ajuda à vítima (28,16%) e com menor ocorrências de agressões sofridas pelas vítimas (20,06%), apesar de ser o segundo subtipo de agressão social mais praticado (25,41%), depois da exclusão social não verbal indireta (ESNVI), com 27,69% das indicações.

É importante destacar nos resultados que não está sendo considerado a sinalização de ajuda às vítimas da manipulação de relacionamento indireto (MRI). Porque, como descrito no procedimento de análise de dados, não houve validação interna para este subtipo de agressão social nas ocorrências relacionadas de ajuda à vítima. Nas outras análises esse subtipo de agressão social teve validação interna e foi analisado.

b) Comparação das frequências de respostas sobre os 8 subtipos de agressão social com o sexo dos participantes.

Após a apresentação dos resultados gerais, sobre as frequências de respostas dos estudantes que indicaram terem testemunhado, ajudado, agredido e sofrido como vítima dos 8 subtipos de agressão social, são apresentados a seguir os resultados dessa mesma relação com o sexo dos participantes. Na Tabela 7, essa comparação é apresentada com as indicações sobre as frequências de respostas (f) em relação ao sexo, o índice percentual (%) em relação as respostas válidas (N e N Total), e os valores de p com o teste estatístico Qui-Quadrado de cada subconjunto de respostas.

Tabela 7- Comparação das frequências de respostas dos que indicaram terem testemunhado, ajudado, agredido e sofrido como vítima da agressão social com o sexo dos participantes

Agressão Social		Subtipos de Agressão Social								Freq (%) Média		
Conforme Sexo		MRD	MRI	ERD	ERI	ESVD	ESVI	ESNVD	ESNVI	Ger.	Dir.	Ind.
Testemunho	f	62	61	85	85	45	64	63	68			
	Masc. %	64,58	62,89	88,17	88,54	47,37	67,37	65,23	71,58	69,47	66,34	72,60
	N	96	97	93	96	95	95	96	95			
	f	133	160	176	192	75	157	168	169			
	Fem. %	62,15	75,47	85,44	89,3	34,88	73,71	78,14	78,6	72,21	65,15	79,27
	N	214	212	206	215	215	213	215	215			
	P	0,825	* 0,037	0,548	0,968	0,115	0,372	* 0,037	0,159			
	N Total	310	309	299	311	310	308	311	310			
	f	44	---	55	52	31	33	44	31			
	Masc. %	47,31	---	59,14	56,52	32,98	35,11	47,83	33,70	44,66	46,82	31,33
N	93	---	93	92	94	94	92	92				
f	112	---	128	130	55	73	126	96				
Fem. %	52,34	---	59,81	61,61	25,46	34,27	58,88	45,07	48,21	49,12	35,24	
N	214	---	214	211	216	213	214	213				
P	0,618	---	0,966	0,215	0,307	* 0,025	* 0,009	0,064				
N Total	307		307	303	310	307	306	305				
f	17	24	17	18	25	24	21	20				
Masc. %	19,32	26,37	18,48	19,35	27,17	26,09	23,08	21,98	22,73	22,01	23,45	
N	88	91	92	93	92	92	91	91				
f	23	51	30	38	51	47	46	63				
Fem. %	10,95	24,29	14,35	18,27	24,40	22,60	21,90	30,00	20,85	17,90	23,79	
N	210	210	209	208	209	208	210	210				
P	* 0,002	0,72	0,502	0,456	0,446	0,806	0,586	0,276				
N Total	298	301	301	301	301	300	301	301				
f	45	43	51	59	25	31	40	38				
Masc. %	46,88	44,33	53,68	62,11	26,04	32,63	42,11	40,00	43,47	42,18	44,77	
N	96	97	95	95	96	95	95	95				
f	89	127	113	141	37	61	103	107				
Fem. %	42,18	59,91	54,85	67,79	17,45	29,19	48,58	50,47	46,30	40,77	51,84	
N	211	212	206	208	212	209	212	212				
P	0,744	* 0,038	0,347	0,291	0,215	0,776	0,323	0,236				
N Total	307	309	301	303	308	304	307	307				

* Valor de p \leq 0,05 referente ao teste Qui-Quadrado

Na comparação entre a agressão social direta e indireta, observou-se que a indireta foi indicada como a mais testemunhada, praticada e sofrida como vítima por

ambos os sexos. Da mesma forma, a ajuda à vítima da agressão social direta, foi a mais sinalizada tanto pelos participantes do sexo masculino como do feminino.

Nas frequências de respostas dos que indicaram que testemunharam a agressão social, observou-se, conforme Tabela 6 ilustrada na Figura 4, que os homens assinalaram que testemunharam mais as agressões sociais diretas (MRD, ERD, ESVD) e as mulheres as indiretas (MRI, ERI, ESVI, ESNVI). A única agressão social direta, que as mulheres sinalizaram terem testemunhado mais dos que os homens, foi a exclusão social não verbal direta (ESNVD). Nesses resultados os participantes do sexo feminino se destacam, $p=0,037$, por terem indicado que testemunharam mais a manipulação de relacionamento indireto (MRI), com 75,47% das sinalizações, do que os homens, com 62,89%, e a exclusão social não verbal direta (ESNVD), com 78,14%, do que os homens, com 65,23%.

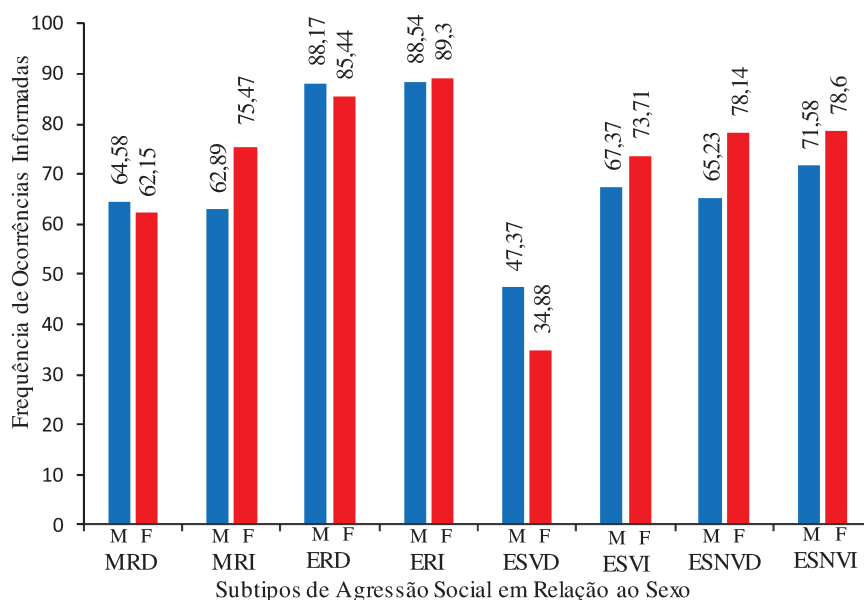


Figura 4 - Comparação das frequências de respostas dos que indicaram terem testemunhado a agressão social em relação ao sexo dos participantes.

Nos resultados sobre a relação das frequências de respostas dos que sinalizaram a ajuda à vítima com o sexo dos participantes, conforme Tabela 6 ilustrada na Figura 5, em 5 dos 7 subtipos de agressão social as mulheres indicaram que ajudaram mais as vítimas da agressão social do que os homens. A exclusão social verbal, na forma direta (ESVD) e indireta (ESVI), constitui-se nos dois subtipos de agressão social que os homens sinalizaram que ajudaram mais as vítimas dos que as mulheres. Nesses resultados se destaca significativamente com o teste estatístico Qui-Quadrado, $p=0,009$, a indicação das mulheres na ajuda às vítimas da exclusão social não verbal direta (ESNVD), com 58,88%, mais do que os homens, com 47,83%.

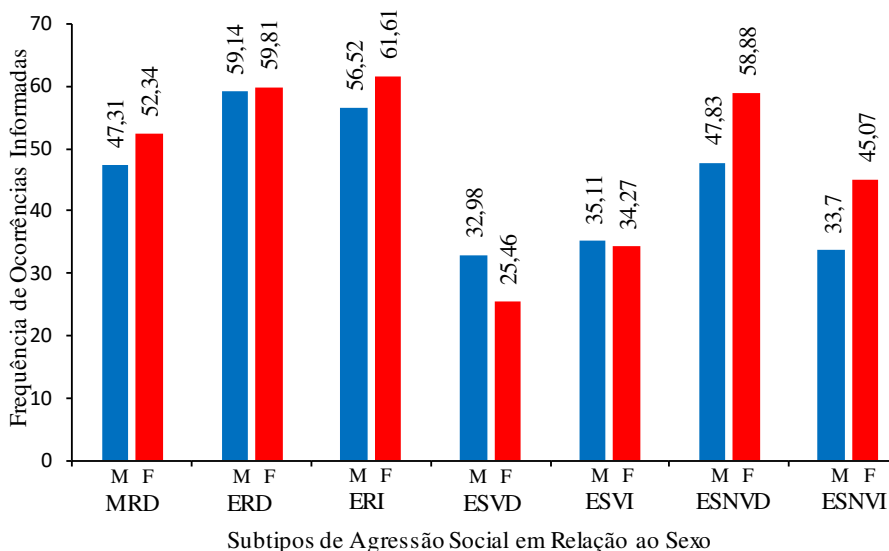


Figura 5 - Comparação das frequências de respostas dos que indicaram terem ajudado as vítimas da agressão social em relação ao sexo dos participantes.

Na relação das frequências de respostas dos que indicaram a prática da agressão social com o sexo dos pesquisados, conforme Tabela 6 ilustrada no Figura 6, mostrou-se que em 7 dos 8 subtipos de agressão social, os homens sinalizaram que agrediram mais do que as mulheres. A exclusão social não verbal indireta (ESNVI), foi o único subtipo de agressão social que as mulheres apontaram terem praticado mais do que os homens. Nesses resultados se destacam, $p=0,002$, os homens indicarem mais a prática da agressão social de manipulação de relacionamento direto (MRD), com 19,32%, do que as mulheres, com 10,95%.

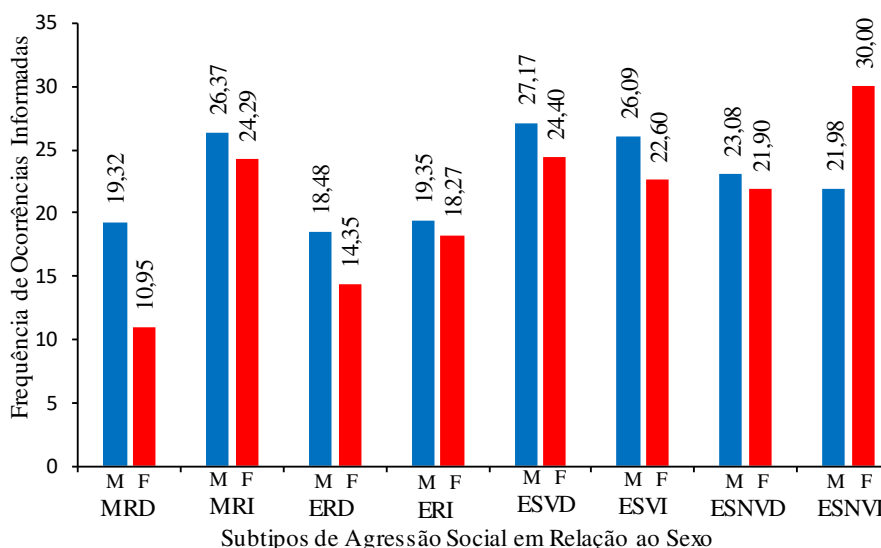


Figura 6 - Comparação das frequências de respostas dos que indicaram que praticaram a agressão social em relação ao sexo dos participantes.

Comparando as indicações das agressões sociais sofridas com o sexo dos participantes, conforme Tabela 6 ilustrada na Figura 7 as mulheres sinalizaram que foram mais vítimas de 5 dos 8 subtipos de agressão social (MRI, ERD, ERI, ESNVD, ESNVI), e os homens de 3 (MRD, ESVD, ESVI). Com destaque, $p=0,038$, para as mulheres que indicaram serem mais vítimas da manipulação de relacionamento indireto (MRI), com 59,91%, das ocorrências, do que os homens, com 44,33%.

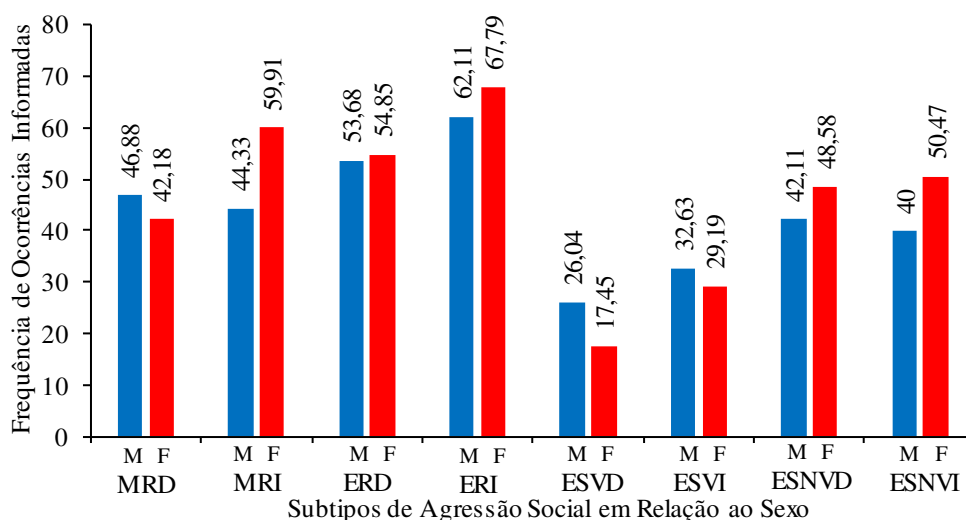


Figura 7 - Comparação das frequências de respostas dos que indicaram terem sofrido a agressão social em relação ao sexo dos participantes.

c) Comparação das frequências de respostas dos 8 subtipos de agressão social com a idade dos participantes.

Nesta seção dos resultados, conforme Tabela 8, é apresentada a comparação das frequências de respostas dos que indicaram terem testemunhado, ajudado, agredido ou sofrido como vítimas dos 8 subtipos de agressão social com a idade dos pesquisados. A Tabela 8 tem as mesmas características da Tabela 7, com a diferença de que nessa os resultados são de acordo com a faixa etária dos participantes.

Na relação entre a agressão social direta e indireta, conforme Tabela 8, observou-se que a indireta foi indicada como a mais testemunhada, praticada e sofrida como vítima em todas as faixas etárias.

Tabela 8 - Comparação das frequências de respostas dos que indicaram terem testemunhado, ajudado, agredido e sofrido como vítima da agressão social com a idade.

Indicação de Comportamentos	Idade										Tot.	p	
	14-15		16		17		18		19-20				
	f (%)	N	f (%)	N	f (%)	N	f (%)	N	f (%)	N			
MRD	Testemunha	34 (58,62)	58	36 (67,92)	53	32 (56,14)	57	70 (66,04)	106	18 (58,06)	31	305	0,348
	Ajuda à Vítima	30 (52,63)	57	30 (57,69)	52	26 (44,83)	58	53 (50,48)	105	13 (43,33)	30	302	0,286
	Agressor	5 (8,93)	56	7 (14,29)	49	5 (8,93)	56	15 (14,71)	102	7 (23,33)	30	293	0,195
	Vítima	28 (48,28)	58	24 (46,15)	52	20 (35,71)	56	48 (45,71)	105	13 (41,94)	31	302	0,066
MRI	Testemunha	44 (74,58)	59	40 (76,92)	52	35 (60,34)	58	75 (71,43)	105	23 (74,19)	31	305	0,44
	Ajuda à Vítima	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---
	Agressor	13 (22,81)	57	17 (34,69)	49	12 (20,69)	58	22 (21,57)	102	10 (33,33)	30	296	0,179
	Vítima	37 (63,79)	58	32 (61,54)	52	29 (50,88)	57	57 (53,77)	106	13 (41,94)	31	304	0,608
ERD	Testemunha	43 (86,00)	50	46 (86,79)	53	49 (84,48)	58	94 (88,67)	106	25 (80,64)	31	298	0,906
	Ajuda à Vítima	32 (55,17)	58	37 (69,81)	53	34 (59,65)	57	61 (58,65)	104	14 (45,16)	31	303	0,344
	Agressor	4 (6,90)	58	*11 (22,45)	49	7 (12,07)	58	16 (15,84)	101	*9 (30,00)	30	296	*0,011
	Vítima	33 (57,89)	57	24 (48,00)	50	30 (54,55)	55	57 (54,81)	104	19 (63,33)	30	296	0,927
ERI	Testemunha	49 (81,66)	60	48 (90,57)	53	53 (92,98)	57	95 (89,62)	106	29 (93,55)	31	307	0,069
	Ajuda à Vítima	36 (63,16)	57	29 (55,77)	52	35 (61,40)	57	62 (60,78)	102	16 (51,61)	31	299	0,699
	Agressor	7 (12,07)	58	10 (20,41)	49	10 (20,41)	58	21 (21,00)	100	9 (29,03)	31	296	0,07
	Vítima	41 (71,93)	57	35 (68,63)	51	31 (57,41)	54	70 (66,67)	105	21 (67,74)	31	298	0,447
ESVD	Testemunha	18 (31,58)	57	18 (33,96)	53	23 (39,66)	58	45 (42,45)	106	13 (41,94)	31	305	0,426
	Ajuda à Vítima	14 (23,73)	59	18 (33,96)	53	15 (25,86)	58	29 (27,62)	105	9 (30,00)	30	305	0,624
	Agressor	13 (22,41)	58	8 (16,00)	50	12 (20,69)	58	34 (34,00)	100	8 (26,67)	30	296	0,208
	Vítima	10 (17,24)	58	12 (23,08)	52	8 (14,29)	56	23 (21,70)	106	8 (25,81)	31	303	0,669
ESVI	Testemunha	45 (76,27)	59	39 (75,00)	52	41 (71,93)	57	70 (66,67)	105	23 (76,67)	30	303	0,715
	Ajuda à Vítima	21 (36,84)	57	14 (26,42)	53	20 (35,09)	57	38 (36,54)	104	10 (32,26)	31	302	0,846
	Agressor	12 (21,05)	57	11 (22,00)	50	16 (27,59)	75	23 (23,23)	99	9 (29,03)	31	312	0,917
	Vítima	18 (31,58)	57	17 (33,33)	51	9 (16,36)	55	37 (35,24)	105	9 (29,03)	31	299	0,188
ESNVD	Testemunha	46 (77,97)	59	41 (77,36)	53	39 (67,24)	58	78 (74,29)	105	23 (74,19)	31	306	0,815
	Ajuda à Vítima	40 (68,97)	58	29 (54,72)	53	25 (44,64)	56	54 (51,92)	104	18 (60,00)	30	301	0,334
	Agressor	11 (18,97)	58	10 (20,00)	50	12 (20,69)	58	25 (25,00)	100	7 (23,33)	30	296	0,625
	Vítima	28 (48,28)	58	22 (42,31)	52	28 (50,91)	55	50 (47,17)	106	13 (41,94)	31	302	0,808
ESNVI	Testemunha	46 (79,31)	58	41 (77,36)	53	47 (81,03)	58	73 (70,19)	104	27 (84,38)	32	305	0,672
	Ajuda à Vítima	21 (38,18)	55	21 (39,62)	53	25 (43,10)	58	41 (39,42)	104	15 (50,00)	30	300	0,669
	Agressor	9 (15,52)	58	14 (28,00)	56	15 (26,79)	50	32 (31,68)	101	11 (35,48)	31	296	0,118
	Vítima	31 (53,45)	58	24 (46,15)	52	25 (45,45)	55	48 (45,28)	106	16 (51,61)	31	302	0,837
Média Geral Agressão Social	Testemunha	71,01		73,69		69,23		71,35		73,51			
	Ajuda à Vítima	48,09		47,32		45,14		46,37		44,62			
	Agressor	16,08		22,23		19,73		23,38		28,08			
	Vítima	49,06		46,15		40,70		46,29		45,42			
Média Agressão Social Direta	Testemunha	63,54		66,90		61,88		68,02		64,19			
	Ajuda à Vítima	50,13		54,05		43,75		47,17		44,62			
	Agressor	14,30		18,19		15,60		22,39		24,44			
	Vítima	42,92		39,89		38,87		42,35		43,26			
Média Agressão Social Indireta	Testemunha	78,18		79,96		76,57		74,48		82,20			
	Ajuda à Vítima	46,06		40,60		46,53		45,58		44,62			
	Agressor	17,86		26,28		23,87		24,37		31,72			
	Vítima	55,19		52,41		42,53		50,24		47,58			

* Valor de $p \leq 0,05$ referente ao teste Qui-Quadrado

Na comparação das frequências de respostas dos que indicaram que testemunharam a agressão social com a idade dos pesquisados, conforme Tabela 8 ilustrada na Figura 8, mostrou-se que a manipulação de relacionamento na forma direta e indireta (MRD, MRI) foram sinalizadas como as mais testemunhadas pelos estudantes de 16 anos. O espalhar rumores diretamente (ERD) e a exclusão social verbal direta (ESVD), pelos de 18 anos. E o espalhar rumores indiretamente (ERI), a exclusão social verbal indireta (ESVI) e a exclusão social não verbal indireta (ESNVI) pelos pesquisados na faixa entre 19 e 20 anos.

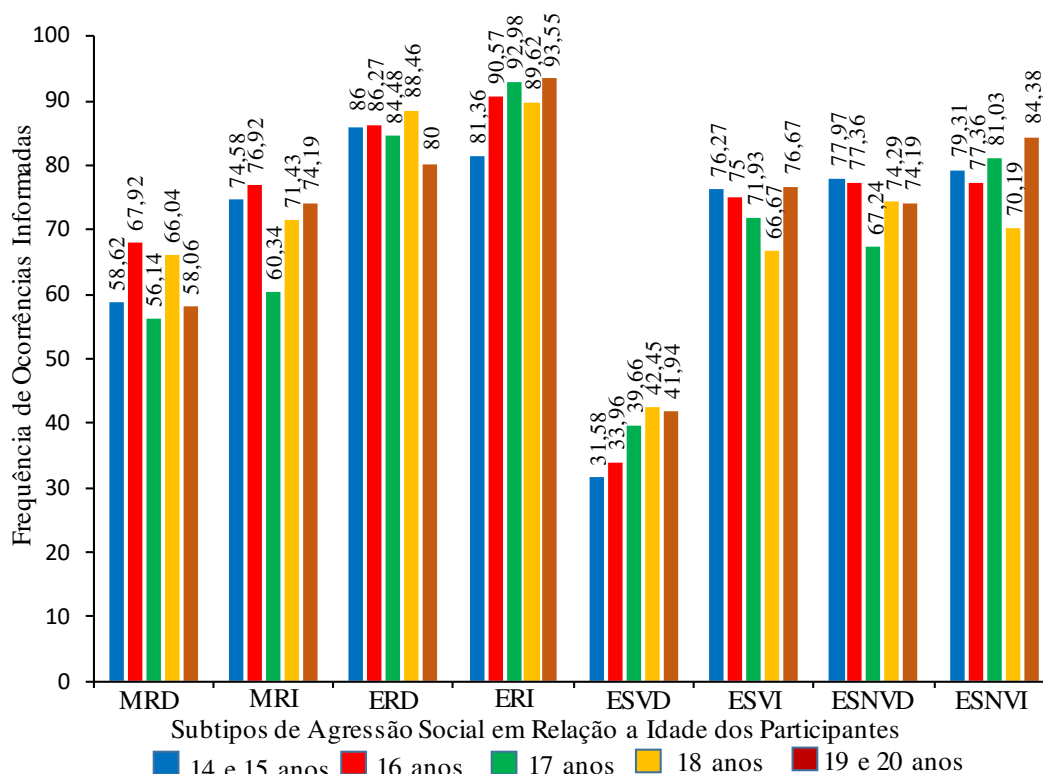


Figura 8 - Comparação das frequências de respostas dos que indicaram terem testemunhado os 8 subtipos de agressão social com a idade dos participantes.

Relacionando as frequências de resposta dos que indicaram que ajudaram as vítimas da agressão social com a idade das participantes, conforme Tabela 8 ilustrada na Figura 9, verificou-se que os estudantes na faixa entre 14 e 16 anos de idade sinalizaram mais que ajudaram as vítimas de 6 dos 7 subtipos de agressão social investigados.

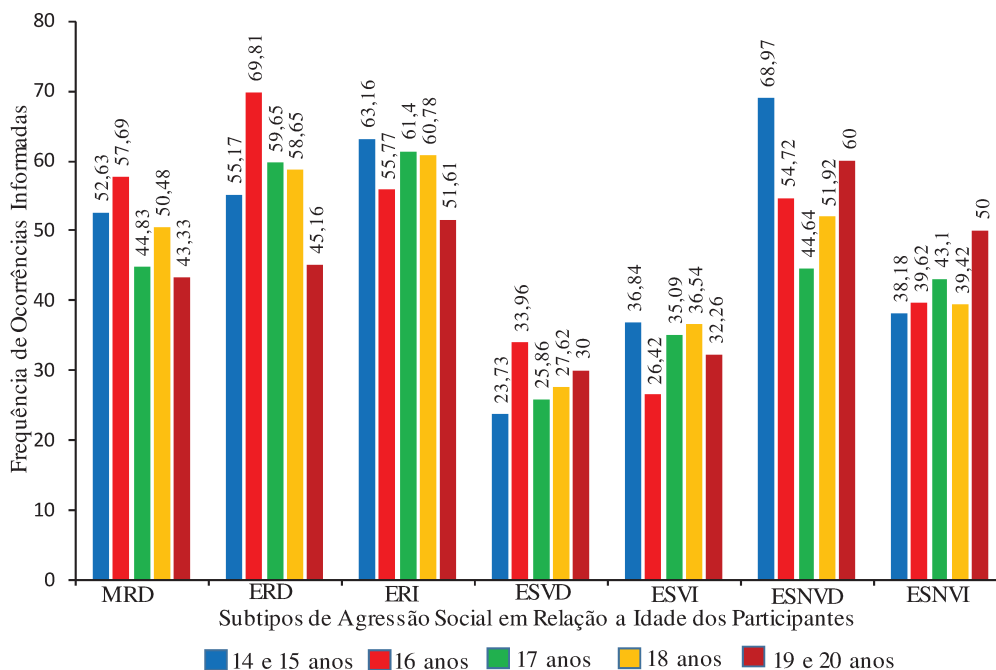


Figura 9 - Comparação das frequências de respostas dos que indicaram terem ajudado as vítimas de 8 subtipos de agressão social com a idade dos participantes

Considerando as frequências de respostas dos que indicaram que praticaram a agressão social com a idade dos pesquisados, conforme Tabela 8 ilustrada na Figura 10, observou-se que 7 dos 8 subtipos de agressão social foram mais praticados por estudantes na faixa entre 18 e 20 anos, do que nas demais idades. Nessa relação destacou-se com o teste estatístico Qui-Quadrado, $p=0,011$, que o espalhar rumores diretamente (ERD), como o mais praticado na idade de 19 e 20 anos, com 30%.

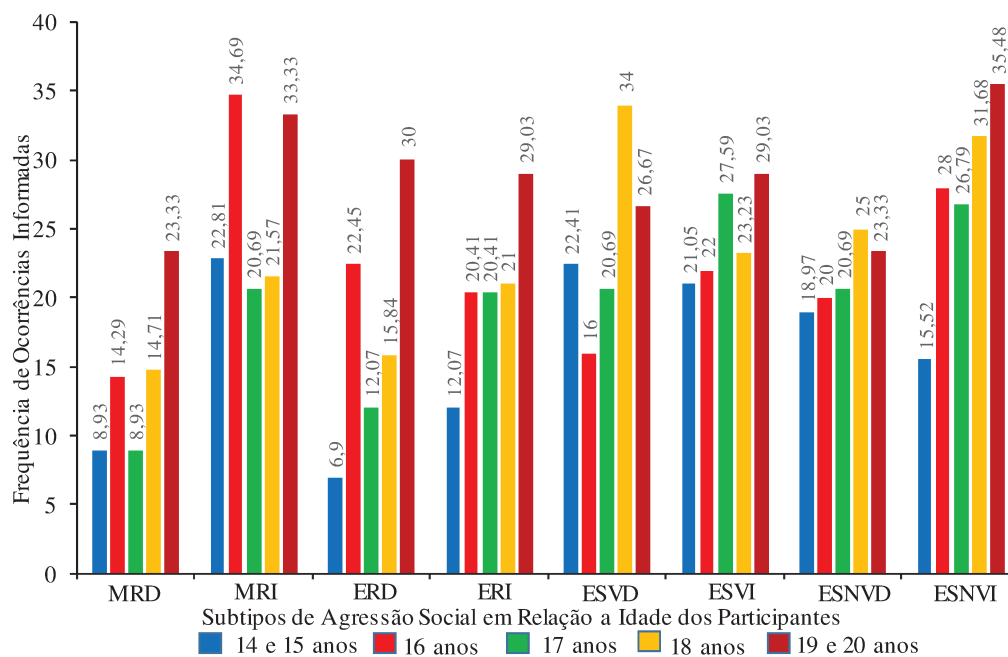


Figura 10 - Comparação das frequências de respostas dos que indicaram terem praticado os 8 subtipos de agressão social com a idade dos participantes.

Relacionando as frequências de respostas dos que indicaram que sofreram como vítimas da agressão social com a idade das participantes, conforme Tabela 10 ilustrada na Figura 11, verificou-se que os estudantes na faixa entre 14 e 16 anos de idade sinalizaram mais que foram vítimas de 4 (MRD, MRI, ERI, ESNVI) dos 8 subtipos de agressão social. E os estudantes entre 18 e 20 anos, de outros 3 (ERD, ESVD, ESVI).

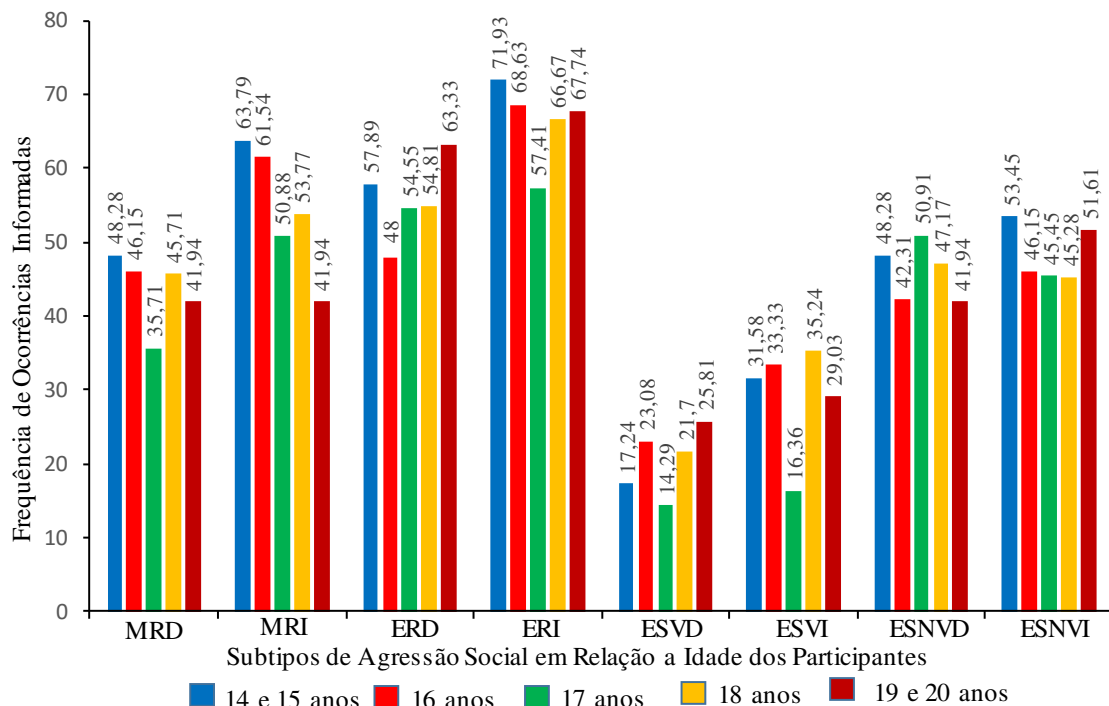


Figura 11- Comparação das frequências de respostas dos que indicaram terem sofrido como vítimas dos 8 subtipos de agressão social com a idade dos participantes

d) Comparação das frequências de respostas dos 8 subtipos de agressão social com o ano em curso do Ensino Médio.

Continuando a apresentação de resultados, nesta seção serão relacionados as frequências de respostas dos que indicaram terem testemunhado, ajudado, agredido ou sofrido como vítimas dos 8 subtipos de agressão social com o ano em curso no Ensino Médio, conforme descrito na Tabela 9. Essa Tabela tem as mesmas características da Tabela 7, com a diferença que nessa os resultados são de acordo com o ano em curso dos participantes.

Na comparação entre a agressão social direta e indireta, conforme Tabela 9, mostrou-se que a indireta foi indicada como a mais testemunhada, praticada e sofrida como vítima em todos os anos em curso do Ensino Médio, e a ajuda da vítima da agressão social direta foi a mais sinalizada no 1º e 2º ano do que nos outros anos em curso.

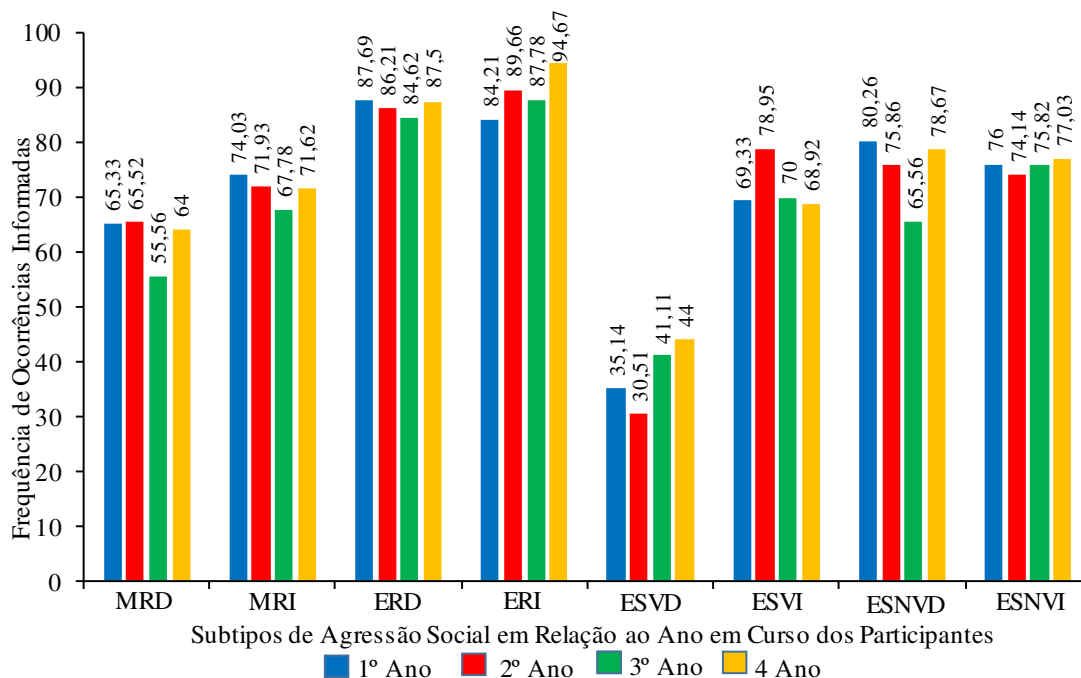


Figura 12 - Comparação das frequências de respostas dos que indicaram terem testemunhado os 8 subtipos de agressão social com o ano em curso dos participantes.

Considerando os que indicaram que testemunharam a agressão social com o ano em curso, conforme Tabela 9 ilustrada na Figura 12, revelou-se que a manipulação de relacionamento indireta (MRI), o espalhar rumores direto (ERD), e a exclusão social não verbal direta (ESNVD) foram mais testemunhadas no 1º ano do Ensino Médio, a manipulação de relacionamento direto (MRD) e a exclusão social verbal indireta (ESVI) no 2º ano, e a exclusão social verbal direta (ESVD) e a exclusão social não verbal indireta (ESNVI) no 4º ano. Com destaque para o espalhar rumores indiretamente (ERI), $p=0.040$, com 94,67%, das ocorrências.

Tabela 9 - Comparação das frequências de respostas dos que indicaram terem testemunhado, ajudado à vítima, praticado e sofrido como vítima dos 8 subtipos de agressão social com o ano curso dos participantes no Ensino Médio.

Indicação de Comportamentos		Ensino Médio								P	
		1º Ano		2º Ano		3º Ano		4º Ano			Total
		f (%)	N	f (%)	N	f (%)	N	f (%)	N		
MRD	Testemunha	49 (65,33)	75	38 (65,52)	58	50 (55,56)	90	48 (64,00)	75	298	0,128
	Ajuda à Vítima	42 (56,76)	74	29 (50,88)	57	42 (46,67)	90	38 (51,35)	74	295	0,541
	Agressor	9 (12,33)	73	10 (18,52)	54	9 (10,34)	87	11 (15,07)	73	287	0,167
	Vítima	42 (55,26)	76	21 (36,21)	58	35 (39,77)	88	33 (44,59)	74	296	0,099
MRI	Testemunha	57 (74,03)	77	41 (71,93)	57	61 (67,78)	90	53 (71,62)	74	298	0,307
	Ajuda à Vítima	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---
	Agressor	20 (26,67)	75	13 (24,07)	54	22 (25,00)	88	18 (24,66)	73	290	0,927
	Vítima	51 (67,11)	76	28 (48,28)	58	46 (51,69)	89	39 (52,00)	75	298	0,141
ERD	Testemunha	66 (89,18)	74	50 (86,21)	58	77 (84,62)	91	66 (88,00)	75	297	0,836
	Ajuda à Vítima	43 (56,58)	76	40 (70,18)	57	53 (60,92)	87	37 (49,33)	75	295	0,12
	Agressor	9 (12,00)	75	9 (16,36)	55	9 (10,23)	88	*17 (23,61)	72	290	*0,011
	Vítima	46 (61,33)	75	24 (42,11)	57	45 (52,94)	85	45 (61,64)	73	290	0,229
ERI	Testemunha	64 (84,21)	76	52 (89,66)	58	80 (87,91)	91	*71 (94,67)	75	300	*0,04
	Ajuda à Vítima	45 (60,00)	75	29 (51,79)	56	55 (63,22)	87	45 (61,64)	73	291	0,084
	Agressor	12 (15,79)	76	10 (17,86)	56	14 (16,09)	87	18 (25,00)	72	291	0,54
	Vítima	53 (71,62)	74	35 (61,40)	57	56 (65,12)	86	51 (68,00)	75	292	0,403
ESVD	Testemunha	26 (35,14)	74	18 (30,51)	59	37 (41,11)	90	33 (44,00)	75	298	0,744
	Ajuda à Vítima	22 (28,57)	77	14 (24,14)	58	22 (24,72)	89	27 (36,49)	74	298	0,368
	Agressor	17 (22,37)	76	8 (14,55)	55	31 (35,63)	87	17 (23,61)	72	290	0,07
	Vítima	16 (21,05)	76	12 (20,69)	58	17 (19,32)	88	14 (18,67)	75	297	0,547
ESVI	Testemunha	52 (69,33)	75	45 (78,95)	57	63 (70,00)	90	51 (68,92)	74	296	0,732
	Ajuda à Vítima	25 (33,78)	74	16 (28,07)	57	33 (36,67)	90	27 (36,49)	74	295	0,784
	Agressor	17 (22,67)	75	9 (16,07)	56	22 (25,29)	87	21 (29,58)	71	289	0,385
	Vítima	23 (30,67)	75	15 (26,32)	57	25 (28,74)	87	27 (36,00)	75	294	0,123
ESNVD	Testemunha	61 (80,26)	76	44 (75,86)	58	59 (65,56)	90	59 (78,67)	75	299	0,159
	Ajuda à Vítima	49 (65,33)	75	31 (54,39)	57	46 (52,27)	88	41 (55,41)	74	294	0,481
	Agressor	19 (25,00)	76	9 (16,67)	54	19 (21,59)	88	17 (23,61)	72	290	0,796
	Vítima	37 (48,68)	76	21 (36,21)	58	41 (47,13)	87	38 (50,67)	75	296	0,187
ESNVI	Testemunha	57 (76,00)	75	43 (74,14)	58	69 (75,82)	91	57 (77,03)	74	298	0,992
	Ajuda à Vítima	27 (37,50)	72	23 (40,35)	57	37 (41,11)	90	32 (43,24)	74	293	0,849
	Agressor	14 (18,67)	75	12 (21,43)	56	23 (26,44)	87	*30 (41,67)	72	290	*0,005
	Vítima	39 (52,00)	75	25 (43,10)	58	37 (42,05)	88	41 (54,67)	75	296	0,352
Média Geral Agressão Social	Testemunha	72,99		71,60		68,66		73,80			
	Ajuda à Vítima	47,46		43,74		45,91		49,63			
	Agressor	19,44		18,19		21,33		25,85			
	Vítima	50,97		39,29		43,35		48,28			
Média Agressão Social Direta	Testemunha	68,60		64,53		61,71		69,04			
	Ajuda à Vítima	51,81		49,90		46,15		48,15			
	Agressor	17,93		16,53		19,45		21,48			
	Vítima	46,58		33,81		39,79		43,89			
Média Agressão Social Indireta	Testemunha	75,89		78,67		75,48		78,06			
	Ajuda à Vítima	43,76		40,07		47,00		47,12			
	Agressor	20,95		19,86		23,21		30,23			
	Vítima	55,35		44,78		46,90		52,67			

* Valor de $p \leq 0,05$ referente ao teste Qui-Quadrado

Relacionando as frequências de respostas dos que indicaram que ajudaram as vítimas da agressão social com o ano em curso no Ensino Médio, conforme Tabela 9 ilustrada na Figura 13, verificou-se que os estudantes do 1º e 2º ano sinalizaram mais

que ajudaram as vítimas de 3 (MRD, ERD, ESNVD) dos 7 subtipos de agressão social, e os do 3º e 4º ano, dos outros 4 (ERI, ESVD, ESVI, ESNVI).

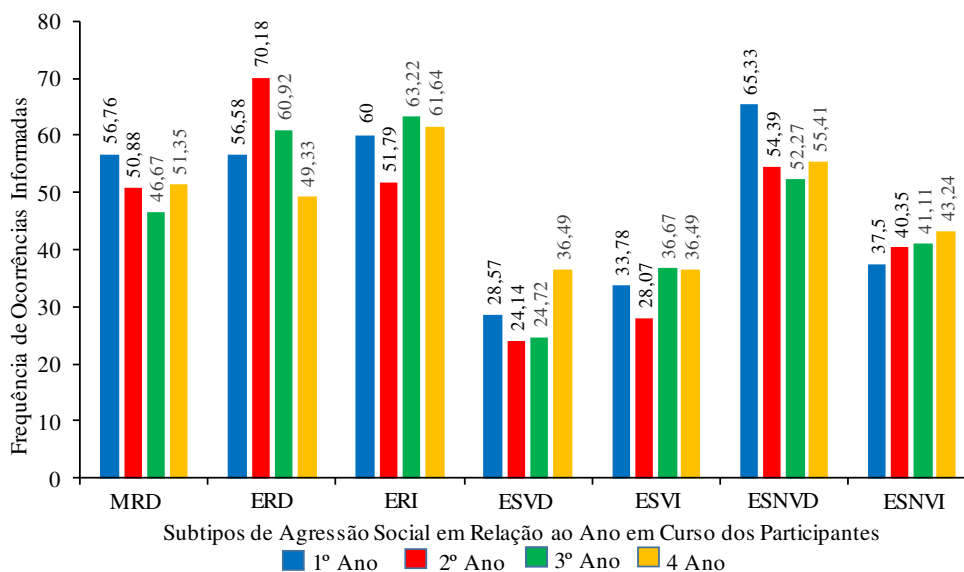


Figura 13 - Comparação das frequências de respostas dos que indicaram terem ajudado as vítimas de 7 subtipos de agressão social com o ano em curso dos participantes.

Na comparação entre os que indicaram terem praticado a agressão social e o ano em curso no Ensino Médio, com o teste estatístico Qui-Quadrado, $p=0,011$, conforme Tabela 9 ilustrada na Figura 14, a agressão social de espalhar rumores diretamente (ERD), foi a mais indicada pelos participantes do 4º ano, com 23,61% das ocorrências. Da mesma forma, $p=0,005$, a exclusão social não verbal indireta (ESNVI), foi significativamente a mais indicada pelos pesquisados do 4º ano, com 41,67%. E a exclusão social verbal direta (ESVD), $p=0,07$, a mais indicada no 3º ano, com 35,63% das sinalizações.

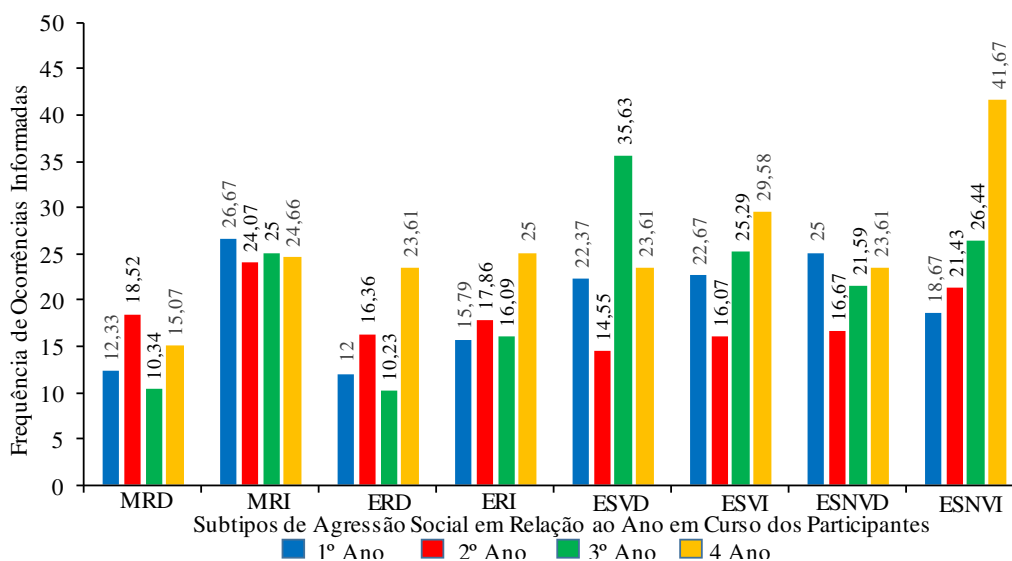


Figura 14 - Comparação das frequências de respostas dos que indicaram terem praticado os 8 subtipos de agressão social com o ano em curso dos participantes.

Relacionando as frequências de respostas dos que indicaram que sofreram como vítimas da agressão social com o ano em curso no Ensino Médio, conforme Tabela 9 ilustrada na Figura 15, verificou-se que os estudantes do 1º ano sofreram mais como vítimas de 3 (MRD, MRI, ERI) dos 8 subtipos de agressão social, e o 4º ano de 4 (ERD, ESVI, ESNVD, ESNVI).

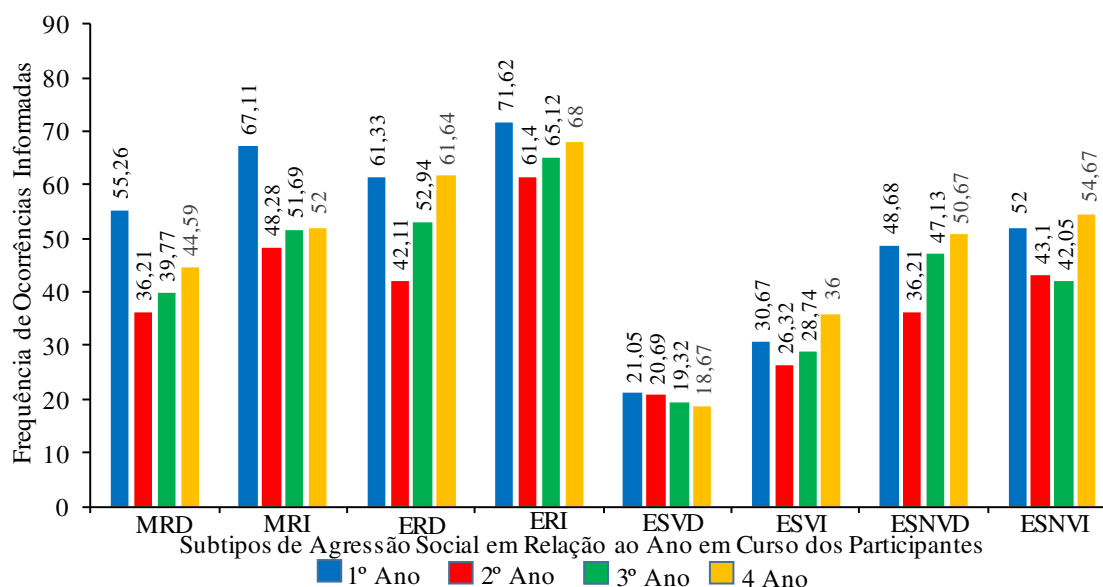


Figura 15 - Comparação das frequências de respostas dos que indicaram terem sofrido como vítimas dos 8 subtipos de agressão social com o ano em curso dos participantes.

6.2- Comparação da agressão social com os mecanismos de desengajamento moral utilizados para justificar a prática da agressão.

Nesta seção, são apresentados os resultados da comparação das frequências de respostas dos que indicaram a prática da agressão social com os mecanismos de desengajamento moral utilizados para justificá-la. Na primeira parte são apresentadas a relação entre os 8 subtipos de agressão social com o mecanismos de desengajamento moral. Na segunda, essa relação é feita com o sexo dos pesquisados. Na terceira, a mesma comparação é realizada de acordo com a idade dos participantes; e na quarta, a relação é feita com o ano em curso no Ensino Médio.

A comparação das frequências de respostas dos que indicaram a prática dos 8 subtipos de agressão social com os mecanismos de desengajamento moral para justificá-la está descrita na Tabela 10. Nessa tabela é apresentada a frequência de resposta (f) para cada subtipo de agressão social com ou sem o mecanismo de desengajamento moral utilizado para justificá-la, seguida pelo índice percentual (%) em relação ao número respostas válidas (N Total). Nessa tabela também são apresentados o número de

respostas válidas em que foram utilizados os mecanismos de desengajamento moral (N DM) e as frequências médias para cada mecanismo de desengajamento moral em comparação à agressão social direta (Ag. Soc. Dir.), agressão social indireta (Ag. Soc. Ind.) e a agressão social total (N Total), seguida pelo percentual (%) correspondente.

Tabela 10 - Comparação das frequências de respostas dos que indicaram a prática da agressão social e a justificaram com mecanismos de desengajamento moral.

Subtipos Agressão Social	Mecanismos de Desengajamento Moral									N DM	N Tot.
	Just. Moral	Ling. Euf.	Comp. Vant.	Desl. Resp.	Dif. Resp.	Min. Cons.	Desum.	At. Culpa	Sem DM		
	f (%)	f (%)	f (%)	f (%)	f (%)	f (%)	f (%)	f (%)	f (%)		
MRD	4 (10,26)	2 (5,13)	---	---	---	---	1 (2,56)	6 (15,38)	26 (66,67)	13	39
MRI	3 (4,17)	4 (5,56)	---	30 (41,67)	---	---	---	---	35 (48,60)	37	72
ERD	---	5 (11,11)	---	---	1 (2,22)	---	1 (2,22)	13 (28,89)	25 (55,56)	20	45
ERI	---	5 (9,80)	---	4 (7,84)	2 (3,92)	---	---	6 (11,76)	34 (66,68)	17	51
ESVD	5 (6,85)	3 (4,11)	2 (2,74)	---	---	1 (1,37)	6 (8,22)	31 (42,47)	25 (34,24)	48	73
ESVI	5 (7,58)	---	---	1 (1,52)	---	---	15 (22,73)	19 (28,79)	26 (39,38)	40	66
ESNVD	2 (3,17)	1 (1,59)	---	1 (1,59)	---	1 (1,59)	7 (11,11)	17 (26,98)	34 (53,97)	29	63
ESNVI	---	6 (7,89)	---	5 (6,58)	---	3 (3,95)	7 (9,21)	18 (23,68)	37 (48,69)	39	76
N AG. DIR.	11	11	2	1	1	2	15	67	---	110	---
f (%)	10,00	10,00	1,82	0,91	0,91	1,82	13,64	60,91	---	45,27	---
N AG. IND.	8	15	---	40	2	3	22	43	---	133	---
f (%)	6,02	11,28	0,00	30,08	1,50	2,26	16,54	32,33	---	54,73	---
N TOTAL	19	26	2	41	3	5	37	110	242	243	485
DM f (%)	7,82	10,70	0,82	16,87	1,23	2,06	15,23	45,27	---	---	---
Tot. f (%)	3,92	5,36	0,41	8,45	0,62	1,03	7,63	22,68	49,90	50,10	---

Considerando as frequências de respostas dos que indicaram a prática dos 8 subtipos de agressão social com os mecanismos de desengajamento moral para justificá-la, observa-se, conforme Tabela 10 ilustrada na Figura 16, que a atribuição de culpa à vítima foi o mecanismo de desengajamento moral mais utilizado para justificar a prática da agressão social (45,27%), sendo mais utilizado na agressão social direta (60,91%) do que na indireta (32,33%). Sendo usado principalmente na exclusão social verbal direta (ESVD), com 42,47%, das justificativas. A desumanização, foi o segundo mecanismo de desengajamento moral mais utilizado na agressão social direta (13,64%), ocupando a terceira posição na agressão social indireta (16,54%). Verificou-se também que o mecanismo de deslocamento de responsabilizado, foi o mais utilizado para justificar a manipulação de relacionamento indireto (MRI), com 41,67%, sendo pouco utilizado nas indicações dos demais comportamentos agressivos.

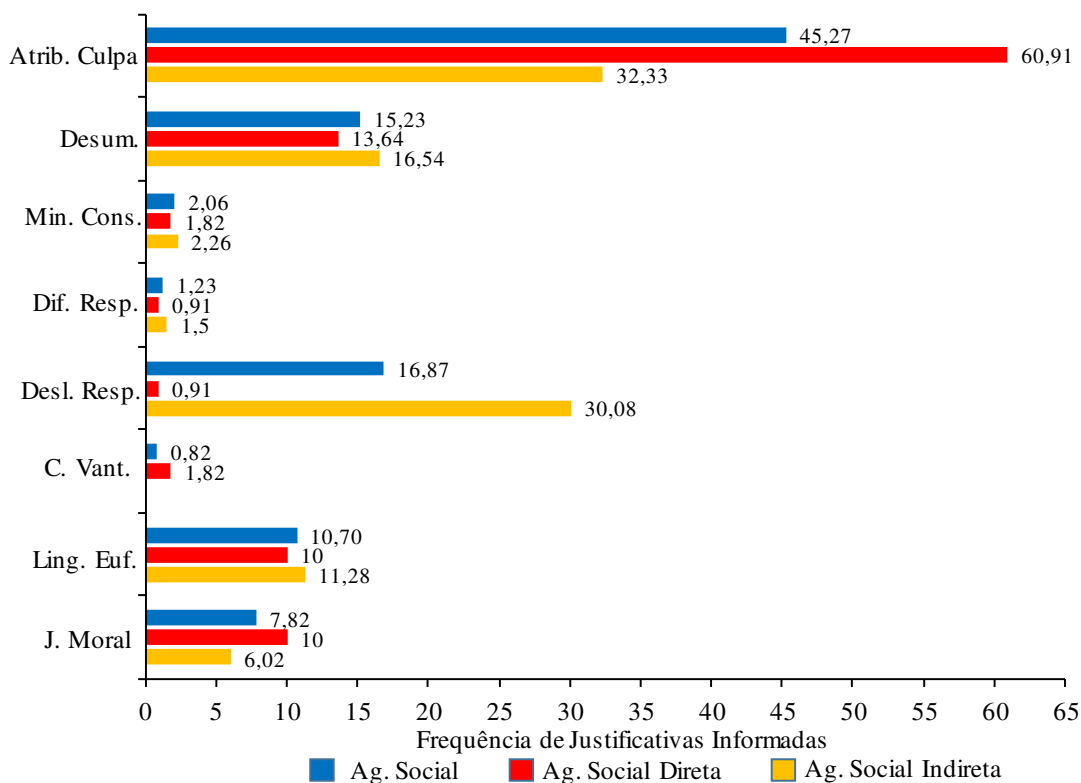


Figura 16 - Distribuição das justificativas dos participantes que indicaram a prática da agressão social, categorizadas como mecanismos de desengajamento moral

a) Comparação da agressão social com o desengajamento moral para justificá-la de acordo com o sexo dos participantes

A apresentação dos resultados sobre relação entre as frequências de respostas dos que indicaram a prática da agressão social e a justificaram com desengajamento moral e o sexo dos participantes, está organizada em duas partes: na primeira, é feita a comparação entre os subtipos de agressão social, as justificativas com e sem desengajamento moral e o sexo dos participantes, descrita na Tabela 11; e na segunda, a relação entre os subtipos de agressão social é realizada com os 8 mecanismos de desengajamento moral e o sexo dos participantes, conforme Tabela 12. As características dessas tabelas são semelhantes a da Tabela 10, com a diferença que nessa é feita uma comparação entre os sexos masculino e feminino.

Na comparação entre as justificativas com e sem desengajamento moral, com os subtipos de agressão social e sexo dos participantes (conforme Tabela 11), observou-se que em média os homens se desengajaram mais, com 50,39% das justificativas, do que as mulheres, com 46,77%, mas essa diferença não foi estatisticamente significativa. Verificou-se também que os homens se desengajaram mais na manipulação de relacionamento (MRD, MRI) e no espalhar rumores (ERD, ERI), e as mulheres na

exclusão social verbal e não verbal (ESVD, ESVI, ESNVD, ESNVI). Se destacando com teste estatístico Qui-Quadrado, $p=0,53$, as justificativas com desengajamento moral para exclusão social verbal direta (ESVD), utilizadas mais pelo sexo feminino, com 73,47%, das indicações.

Tabela 11 - Comparação das frequências de respostas dos que justificaram a prática da da agressão social com e sem desengajamento moral

Subtipo Agressão Social	Masculino			Feminino			P	N Total
	Com DM f (%)	Sem DM f (%)	N	Com DM f (%)	Sem DM f (%)	N		
MRD	6 (37,50)	10 (62,50)	16	7 (30,43)	16 (69,57)	23	*0,645	39
MRI	13 (59,09)	9 (40,91)	22	24 (48,98)	25 (51,02)	49	* 0,43	71
ERD	9 (60,00)	6 (40,00)	15	10 (34,48)	19 (65,52)	29	* 0,105	44
ERI	7 (50,00)	7 (50,00)	14	9 (25,71)	26 (74,29)	35	** 0,176	49
ESVD	11 (50,00)	11 (50,00)	22	36 (73,47)	13 (26,53)	49	* 0,053	71
ESVI	12 (60,00)	8 (40,00)	20	27 (62,79)	16 (37,21)	43	* 0,832	63
ESNVD	8 (42,11)	11 (57,89)	19	20 (46,51)	23 (53,49)	43	* 0,748	62
ESNDI	8 (44,44)	10 (55,56)	18	29 (51,79)	27 (48,21)	56	* 0,588	74
MÉDIA f (%)	50,39	49,61		46,77	53,23			

* Valor de p referente ao teste estatístico Qui-Quadrado

** Valor de p referente ao teste estatístico Exato de Fischer

A relação entre os subtipos de agressão social com os 8 mecanismos de desengajamento moral e o sexo dos participantes estão descritas na Tabela 12 ilustrada na Figura 17.

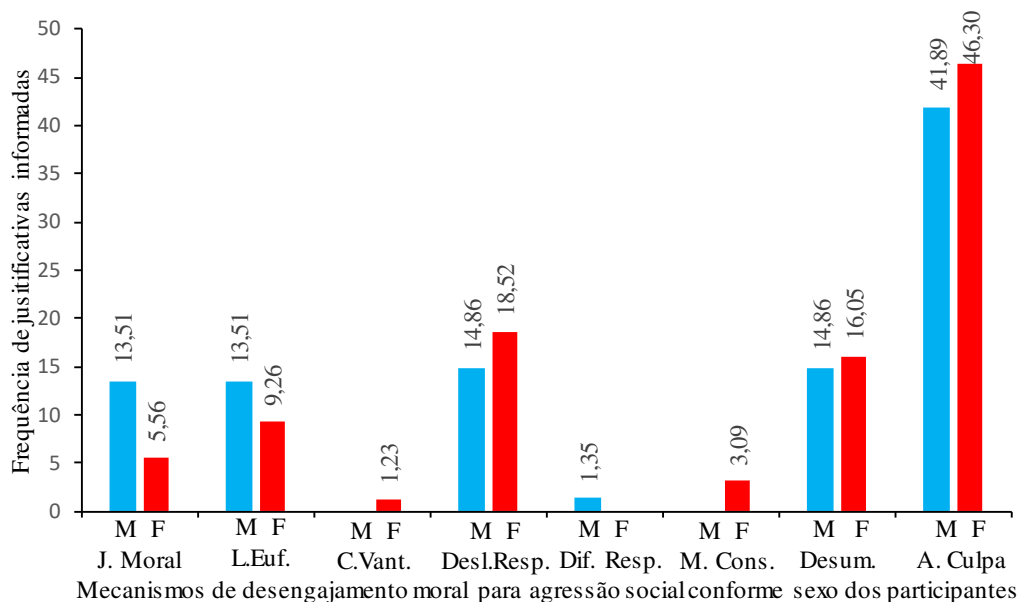


Figura 17 - Distribuição das justificativas com os mecanismos de desengajamento moral dos que indicaram a prática da agressão social.

Na comparação entre as frequências de respostas relacionadas relacionadas a agressão social com os mecanismos de desengajamento moral e o sexo dos

participantes, conforme Tabela 12 ilustrada na Figura 17, observou-se que a atribuição de culpa também foi o mecanismo de desengajamento moral mais utilizado. Tanto pelo sexo masculino, 41,89%, como feminino, 46,30%, para justificar a prática da agressão social. Sendo utilizado principalmente para justificar a exclusão social verbal direta (ESVD), pelo sexo masculino, com 36,36%, e pelo feminino, com 44,90%.

Tabela 12 - Comparação das frequências de respostas dos que indicaram a prática da agressão social e a justificaram com os mecanismos de desengajamento moral e o sexo dos participantes.

Subtipo Agressão Social	Sexo	Just. Moral	Ling. Euf.	Comp. Vant.	Desl. Resp.	Dif. Resp.	Mín. Cons.	Desum.	At. Culpa	Sem DM.	N		*p
		f (%)	f (%)	f (%)	f (%)	f (%)	f (%)	f (%)	f (%)	f (%)	DM	Tot.	
MRD	Masc.	3 (18,75)	---	---	---	---	---	---	3 (18,75)	10 (62,50)	6	16	0,439
	Fem.	1 (4,35)	2 (8,70)	---	---	---	---	1 (4,35)	3 (13,04)	16 (69,57)	7	23	
MRI	Masc.	3 (13,64)	1 (4,55)	---	9 (40,91)	---	---	---	---	9 (40,91)	13	22	0,079
	Fem.	---	3 (6,12)	---	21 (42,86)	---	---	---	---	25 (51,02)	24	49	
ERD	Masc.	---	4 (26,67)	---	---	---	---	---	5 (33,33)	6 (40,00)	9	15	0,077
	Fem.	---	1 (3,45)	---	---	---	---	1 (3,45)	8 (27,59)	19 (65,52)	10	29	
ERI	Masc.	---	3 (21,43)	---	1 (7,14)	1 (7,14)	---	---	2 (14,29)	7 (50,00)	7	14	0,167
	Fem.	---	2 (5,71)	---	3 (8,57)	---	---	---	4 (11,43)	26 (74,29)	9	35	
ESVD	Masc.	1 (4,55)	---	---	---	---	---	2 (9,09)	8 (36,36)	11 (50,00)	11	22	0,58
	Fem.	4 (8,16)	3 (6,12)	2 (4,08)	---	---	1 (2,04)	4 (8,16)	22 (44,90)	13 (26,53)	36	49	
ESVI	Masc.	1 (5,00)	---	---	---	---	---	5 (25,00)	6 (30,00)	8 (40,00)	12	20	1
	Fem.	4 (9,30)	---	---	1 (2,33)	---	---	10 (23,26)	12 (27,91)	16 (37,21)	27	43	
ESNVD	Masc.	2 (10,53)	---	---	---	---	---	3 (15,79)	3 (15,79)	11 (57,89)	8	19	0,31
	Fem.	---	1 (2,33)	---	1 (2,33)	---	1 (2,33)	4 (9,30)	13 (30,23)	23 (53,49)	20	43	
ESNVI	Masc.	---	2 (11,11)	---	1 (5,56)	---	---	1 (5,56)	4 (22,22)	10 (55,56)	8	18	0,925
	Fem.	---	3 (5,36)	---	4 (7,14)	---	3 (5,36)	6 (10,71)	13 (23,21)	27 (48,21)	29	56	
N	Masc.	10	10	---	11	1	---	11	31	72	74	146	
	f (%)	13,51	13,51	---	14,86	1,35	---	14,86	41,89	---	---	---	
	Fem.	9	15	2	30	---	5	26	75	165	162	327	
	f (%)	5,56	9,26	1,23	18,52	---	3,09	16,05	46,30	---	---	---	
Total	19	25	2	41	1	5	37	106	237	236	473		

* Valor de p referente ao teste estatístico Exato de Fischer

b) Comparação da agressão social com o desengajamento moral para justificá-la de acordo com a idade dos participantes

Nesta sequência da apresentação dos resultados, a relação entre as frequências de respostas dos que indicaram a prática da agressão social com o desengajamento moral e a idade dos participantes, estão organizadas em duas partes: Na primeira, é feita a comparação entre os subtipos de agressão social, as justificativas com e sem desengajamento moral e a idade dos pesquisados, descrita na Tabela 13. E na segunda, essa relação é feita levando em consideração os 8 mecanismos de desengajamento moral, conforme Tabela 14. As características das Tabelas 13 e 14 são semelhantes a da Tabela 10, com a diferença que nessa é feita uma comparação entre as idades de 14 a 20 anos dos participantes.

Tabela 13- Comparação das frequências de resposta das justificativas com e sem desengajamento moral dos que indicaram a prática da agressão social com a idade dos pesquisados

Subtipos Agressão Social	DM	Idade					Total	p
		14-15	16	17	18	19-20		
		f (%)	f (%)	f (%)	f (%)	f (%)	f (%)	
MRD	Com	2 (40,00)	1 (14,29)	1 (25,00)	6 (40,00)	3 (42,86)	13	
	Sem	3 (60,00)	6 (85,71)	3 (75,00)	9 (60,00)	4 (57,14)	25	*0,805
	Total	5	7	4	15	7	38	
MRI	Com	6 (50,00)	10 (62,50)	6 (50,00)	12 (57,14)	3 (33,33)	37	
	Sem	6 (50,00)	6 (37,50)	6 (50,00)	9 (42,86)	6 (66,67)	33	**0,698
	Total	12	16	12	21	9	70	
ERD	Com	1 (25,00)	3 (27,27)	3 (42,86)	6 (42,86)	6 (75,00)	19	
	Sem	3 (75,00)	8 (72,73)	4 (57,14)	8 (57,14)	2 (25,00)	25	*0,321
	Total	4	11	7	14	8	44	
ERI	Com	1 (14,29)	2 (22,22)	3 (33,33)	7 (41,18)	3 (42,86)	16	
	Sem	6 (85,71)	7 (77,78)	6 (66,67)	10 (58,82)	4 (57,14)	33	*0,724
	Total	7	9	9	17	7	49	
ESVD	Com	9 (81,82)	5 (62,50)	9 (75,00)	21 (63,64)	3 (42,86)	47	
	Sem	2 (18,18)	3 (37,50)	3 (25,00)	12 (36,36)	4 (57,14)	24	*0,501
	Total	11	8	12	33	7	71	
ESVI	Com	9 (90,00)	6 (60,00)	6 (40,00)	14 (66,67)	4 (57,14)	39	
	Sem	1 (10,00)	4 (40,00)	9 (60,00)	7 (33,33)	3 (42,86)	24	*0,154
	Total	10	10	15	21	7	63	
ESNVD	Com	6 (54,55)	3 (37,50)	7 (58,33)	11 (47,83)	1 (16,67)	28	
	Sem	5 (45,45)	5 (62,50)	5 (41,67)	12 (52,17)	5 (83,33)	32	*0,537
	Total	11	7	12	23	6	60	
ESNVI	Com	6 (75,00)	4 (36,36)	10 (76,92)	13 (43,33)	3 (30,00)	36	
	Sem	2 (25,00)	7 (63,64)	3 (23,08)	17 (56,67)	7 (70,00)	36	**0,069
	Total	8	11	13	30	10	72	
MÉDIA f (%)	Com	53,83	40,33	50,18	50,33	42,59		
	Sem	46,17	59,67	49,82	49,67	57,41		

* Valor de p referente ao teste estatístico Qui-Quadrado

** Valor de p referente ao teste estatístico Exato de Fischer

Considerando as justificativas com e sem desengajamento moral, com os subtipos de agressão social e a idade (conforme Tabela 13 ilustrada na Figura 18), revelou-se que em média os estudantes apresentaram mais justificativas de desengajamento entre as idades de 14 e 15 anos (53,83%).

Verificou-se também, conforme Tabela 13 ilustrada na Figura 18, que os estudantes de 14 e 15 anos, apresentaram mais justificativas de desengajamento moral para a exclusão social verbal (ESVD, ESVI), os de 16 anos para a manipulação de relacionamento indireto (MRI), os de 17 anos para a exclusão social não verbal (ESNVD, ESNVI), e os de 19 e 20 anos para manipulação de relacionamento direto (MRD) e o espalhar rumores (ERD, ERI).

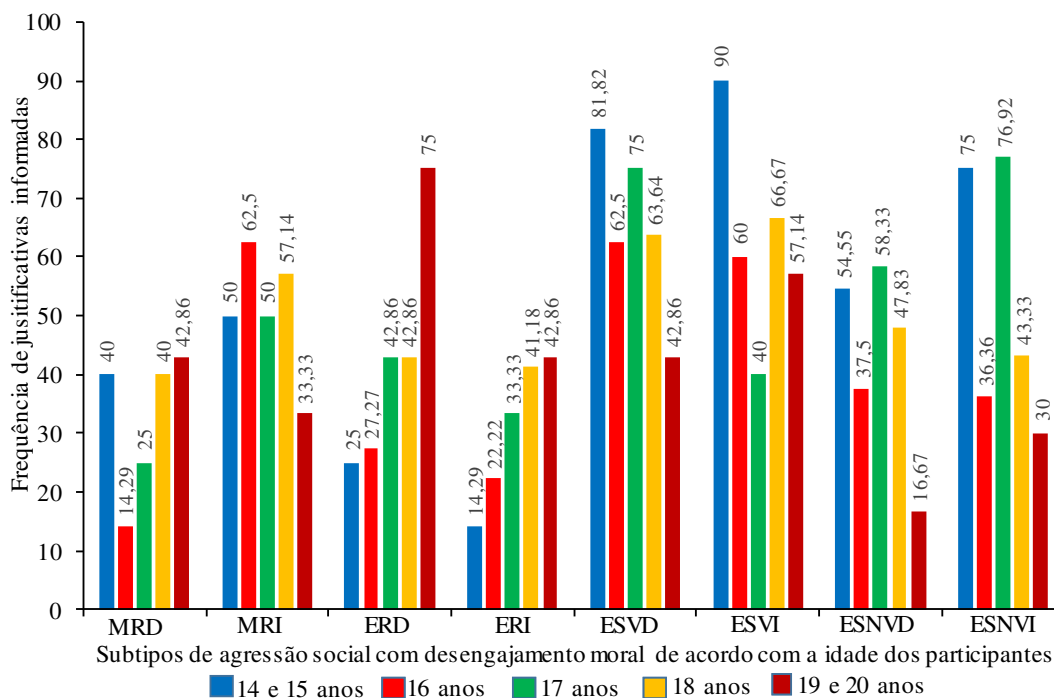


Figura 18 - Comparação das justificativas com desengajamento moral de acordo com a idade dos participantes e a agressão social indicada como praticada

Comparando os mecanismos de desengajamento moral utilizados para justificar a prática da agressão social com a idade dos pesquisados, conforme Tabela 14 e Figura 19, a atribuição de culpa a vítima, da mesma forma que nas análises anteriores, foi assinalado como o mecanismo de desengajamento moral mais utilizado em todas as faixas de idade, seguido pela desumanização e deslocamento de responsabilidade.

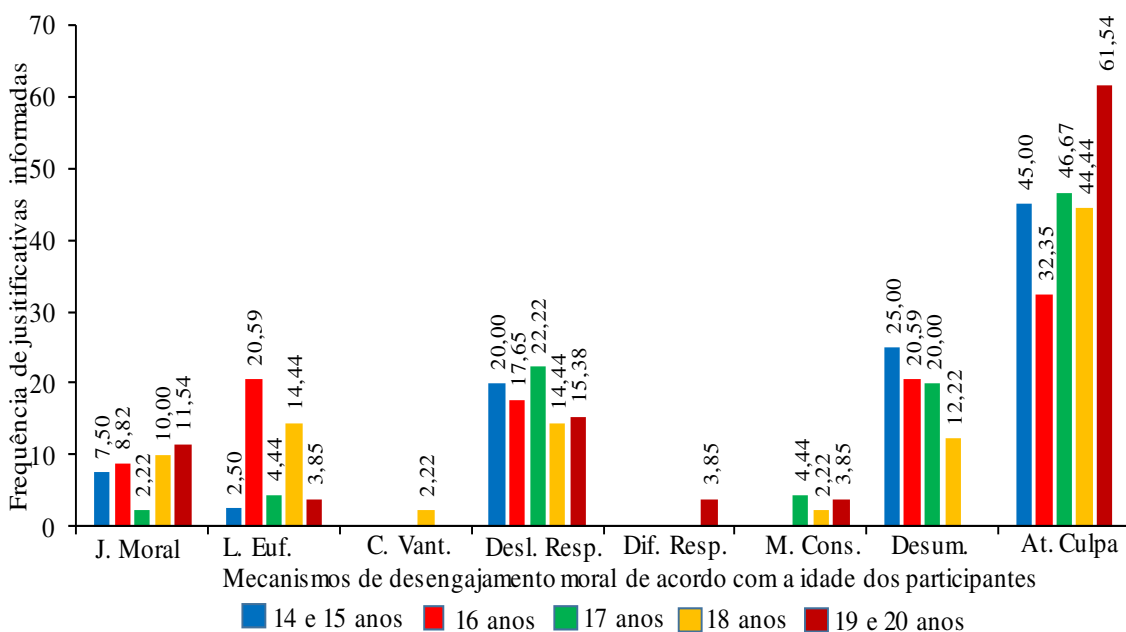


Figura 19 - Comparação dos mecanismos de desengajamento moral para justificar a pratica da agressão social com a idade dos pesquisados.

Tabela 14 - Comparação das frequências de respostas dos que indicaram da agressão social e a justificaram com mecanismos de desengajamento moral com a idade dos pesquisados.

Subtipo Ag. Social	Idade	Justificativas com Desengajamento Moral										N DM	N Total	*p
		Just. Moral	Ling. Euf.	Comp. Vant.	Desl. Resp.	Dif. Resp.	Min. Cons.	Desum.	At. Culpa	Sem DM				
		f (%)	f (%)	f (%)	f (%)	f (%)	f (%)	f (%)	f (%)	f (%)				
MRD	14-15	---	---	---	---	---	---	1 (20,00)	1 (20,00)	3 (60,00)	2	5	0,879	
	16	1 (14,29)	---	---	---	---	---	---	---	6 (85,71)	1	7		
	17	---	---	---	---	---	---	---	1 (25,00)	3 (75,00)	1	4		
	18	2 (13,33)	2 (13,33)	---	---	---	---	---	2 (13,33)	9 (60,00)	6	15		
	19-20	1 (14,29)	---	---	---	---	---	---	2 (28,57)	4 (57,14)	3	7		
	Total	4	2	---	---	---	---	1	6	25	13	38		
MRI	14-15	---	---	---	6 (50,00)	---	---	---	---	6 (50,00)	6	12	0,812	
	16	1 (6,25)	3 (18,75)	---	6 (37,50)	---	---	---	---	6 (37,50)	10	16		
	17	---	---	---	6 (50,00)	---	---	---	---	6 (50,00)	6	12		
	18	2 (9,52)	1 (4,76)	---	9 (42,86)	---	---	---	---	9 (42,86)	12	21		
	19-20	---	---	---	3 (33,33)	---	---	---	---	6 (66,67)	3	9		
	Total	3	4	---	30	---	---	---	---	33	37	70		
ERD	14-15	---	---	---	---	---	---	---	1 (25,00)	3 (75,00)	1	4	0,317	
	16	---	1 (9,09)	---	---	---	---	1 (9,09)	1 (9,09)	8 (72,73)	3	11		
	17	---	---	---	---	---	---	---	3 (42,86)	4 (57,14)	3	7		
	18	---	3 (21,43)	---	---	---	---	---	3 (21,43)	8 (57,14)	6	14		
	19-20	---	1 (12,50)	---	---	---	---	---	5 (62,50)	2 (25,00)	6	8		
	Total	---	5	---	---	---	---	1	13	25	19	44		
ERI	14-15	---	---	---	---	---	---	---	1 (14,29)	6 (85,71)	1	7	0,497	
	16	---	2 (22,22)	---	---	---	---	---	---	7 (77,78)	2	9		
	17	---	---	---	2 (22,22)	---	---	---	1 (11,11)	6 (66,67)	3	9		
	18	---	3 (17,65)	---	2 (11,76)	---	---	---	2 (11,76)	10 (58,82)	7	17		
	19-20	---	---	---	---	1 (14,29)	---	---	2 (28,57)	4 (57,14)	3	7		
	Total	---	5	---	4	1	---	---	6	33	16	49		
ESVD	14-15	2 (18,18)	1 (9,09)	---	---	---	---	2 (18,18)	4 (36,36)	2 (18,18)	9	11	0,721	
	16	1 (12,50)	---	---	---	---	---	1 (12,50)	3 (37,50)	3 (37,50)	5	8		
	17	1 (8,33)	1 (8,33)	---	---	---	---	1 (8,33)	6 (50,00)	3 (25,00)	9	12		
	18	1 (3,03)	1 (3,03)	2 (6,06)	---	---	---	2 (6,06)	15 (45,45)	12 (36,36)	21	33		
	19-20	---	---	---	---	---	1 (14,29)	---	2 (28,57)	4 (57,14)	3	7		
	Total	5	3	2	---	---	1	6	30	24	37	71		
ESVI	14-15	1 (10,00)	---	---	1 (10,00)	---	---	4 (40,00)	3 (30,00)	1 (10,00)	9	10	0,148	
	16	---	---	---	---	---	---	1 (10,00)	5 (50,00)	4 (40,00)	6	10		
	17	---	---	---	---	---	---	3 (20,00)	3 (20,00)	9 (60,00)	6	15		
	18	2 (9,52)	---	---	---	---	---	7 (33,33)	5 (23,81)	7 (33,33)	14	21		
	19-20	2 (28,57)	---	---	---	---	---	---	2 (28,57)	3 (42,86)	4	7		
	Total	5	---	---	1	---	---	15	18	24	39	63		
ESNVD	14-15	---	---	---	---	---	---	3 (27,27)	3 (27,27)	5 (45,45)	6	11	0,408	
	16	---	---	---	---	---	---	2 (25,00)	1 (12,50)	5 (62,50)	3	8		
	17	---	1 (8,33)	---	1 (8,33)	---	---	2 (16,67)	3 (25,00)	5 (41,67)	7	12		
	18	2 (8,70)	---	---	---	---	1 (4,35)	---	8 (34,78)	12 (52,17)	11	23		
	19-20	---	---	---	---	---	---	---	1 (16,67)	5 (83,33)	1	6		
	Total	2	1	---	1	---	1	7	16	32	28	60		
ESNVI	14-15	---	---	---	1 (12,50)	---	---	---	5 (62,50)	2 (25,00)	6	8	0,160	
	16	---	1 (9,09)	---	---	---	---	2 (18,18)	1 (9,09)	7 (63,64)	4	11		
	17	---	---	---	1 (7,69)	---	2 (15,38)	3 (23,08)	4 (30,77)	3 (23,08)	10	13		
	18	---	3 (10,00)	---	2 (6,67)	---	1 (3,33)	2 (6,67)	5 (16,67)	17 (56,67)	13	30		
	19-20	---	---	---	1 (10,00)	---	---	---	2 (20,00)	7 (70,00)	3	10		
	Total	---	4	---	5	---	3	7	17	36	36	72		
NDM Total	14-15	3 (7,50)	1 (2,50)	---	8 (20,00)	---	---	10 (25,00)	18 (45,00)	---	40	68		
	16	3 (8,82)	7 (20,59)	---	6 (17,65)	---	---	7 (20,59)	11 (32,35)	---	34	80		
	17	1 (2,22)	2 (4,44)	---	10 (22,22)	---	2 (4,44)	9 (20,00)	21 (46,67)	---	45	84		
	18	9 (10,00)	13 (14,44)	2 (2,22)	13 (14,44)	---	2 (2,22)	11 (12,22)	40 (44,44)	---	90	174		
	19-20	3 (11,54)	1 (3,85)	---	4 (15,38)	1 (3,85)	1 (3,85)	---	16 (61,54)	---	26	61		
	Total	19 (8,09)	24 (10,21)	2 (0,85)	41 (17,25)	1 (0,43)	5 (2,13)	37 (15,74)	106 (45,11)	---	235	467		

* Valor de p referente ao teste estatístico Exato de Fischer

c) Comparação da agressão social com o desengajamento moral para justificá-la de acordo com o ano em curso dos participantes

Nesta seção de apresentação dos resultados é realizado a relação entre as frequências de respostas dos que indicaram a prática da agressão social com desengajamento moral e o ano em curso dos participantes. Na primeira parte é feita a comparação entre os subtipos de agressão social, as justificativas com e sem desengajamento moral e o ano em curso dos pesquisados, descrita na Tabela 15. E na segunda, essa relação é realizada com os 8 subtipos de agressão social, conforme Tabela 16. As características das Tabelas 15 e 16 são semelhantes ao da Tabela 10, com a diferença que nessas é realizado uma comparação entre o ano em curso dos do 1º ao 4º ano do Ensino Médio dos participantes.

Tabela 15 - Comparação das frequências de respostas das justificativas com e sem desengajamento moral dos que indicaram a prática da agressão social com o ano em curso dos pesquisados

Subtipos	Agr. Social	DM	Ensino Médio				Total	P
			1º Ano f (%)	2º Ano f (%)	3º Ano f (%)	4º Ano f (%)		
MRD	Com		3 (33,33)	3 (33,33)	3 (33,33)	3 (27,27)	12	**1,000
	Sem		6 (66,67)	6 (66,67)	6 (66,67)	8 (72,73)	26	
	Total		9	9	9	11	38	
MRI	Com		8 (44,44)	7 (53,85)	13 (59,09)	7 (43,75)	35	*0,738
	Sem		10 (55,56)	6 (46,15)	9 (40,91)	9 (56,25)	34	
	Total		18	13	22	16	69	
ERD	Com		3 (33,33)	3 (33,33)	3 (33,33)	8 (53,33)	17	**0,684
	Sem		6 (66,67)	6 (66,67)	6 (66,67)	7 (46,67)	25	
	Total		9	9	9	15	42	
ERI	Com		2 (18,18)	2 (22,22)	7 (50,00)	5 (35,71)	16	**0,353
	Sem		9 (81,82)	7 (77,78)	7 (50,00)	9 (64,29)	32	
	Total		11	9	14	14	48	
ESVD	Com		9 (64,29)	6 (75,00)	22 (73,33)	10 (58,82)	47	**0,766
	Sem		5 (35,71)	2 (25,00)	8 (26,67)	7 (41,18)	22	
	Total		14	8	30	17	69	
ESVI	Com		12 (85,71)	4 (50,00)	12 (57,14)	12 (60,00)	40	*0,253
	Sem		2 (14,29)	4 (50,00)	9 (42,86)	8 (40,00)	23	
	Total		14	8	21	20	63	
ESNVD	Com		8 (44,44)	4 (50,00)	11 (57,89)	3 (20,00)	26	*0,156
	Sem		10 (55,56)	4 (50,00)	8 (42,11)	12 (80,00)	34	
	Total		18	8	19	15	60	
ESNVI	Com		8 (66,67)	3 (33,33)	12 (57,14)	11 (37,93)	34	*0,243
	Sem		4 (33,33)	6 (66,67)	9 (42,86)	18 (62,07)	37	
	Total		12	9	21	29	71	
MÉDIA	Com		48,80	43,88	52,66	42,10		
	f (%)	Sem	51,20	56,12	47,34	57,90		

* Valor de p referente ao teste estatístico Qui-Quadrado

** Valor de p referente ao teste estatístico Exato de Fischer

Na comparação entre as justificativas com e sem desengajamento moral, com os subtipos de agressão social e o ano em curso dos participantes (conforme Tabela 15), observou-se que em média os estudantes se desengajaram mais no 1º e 3º ano do Ensino Médio.

Verificou-se também (conforme Tabela 15 e Figura 20) que os estudantes do 1º ano do Ensino Médio, apresentaram mais justificativas de desengajamento moral para a exclusão social verbal indireta (ESVI) e não verbal indireta (ESNVI), os do 2º ano para a exclusão social verbal (ESVD), os do 3º ano para a manipulação de relacionamento indireto (MRI), espalhar rumores indiretamente (ERI) e a exclusão social não verbal direta (ESNVD), e os do 4º ano para o espalhar rumores diretamente (ERD).

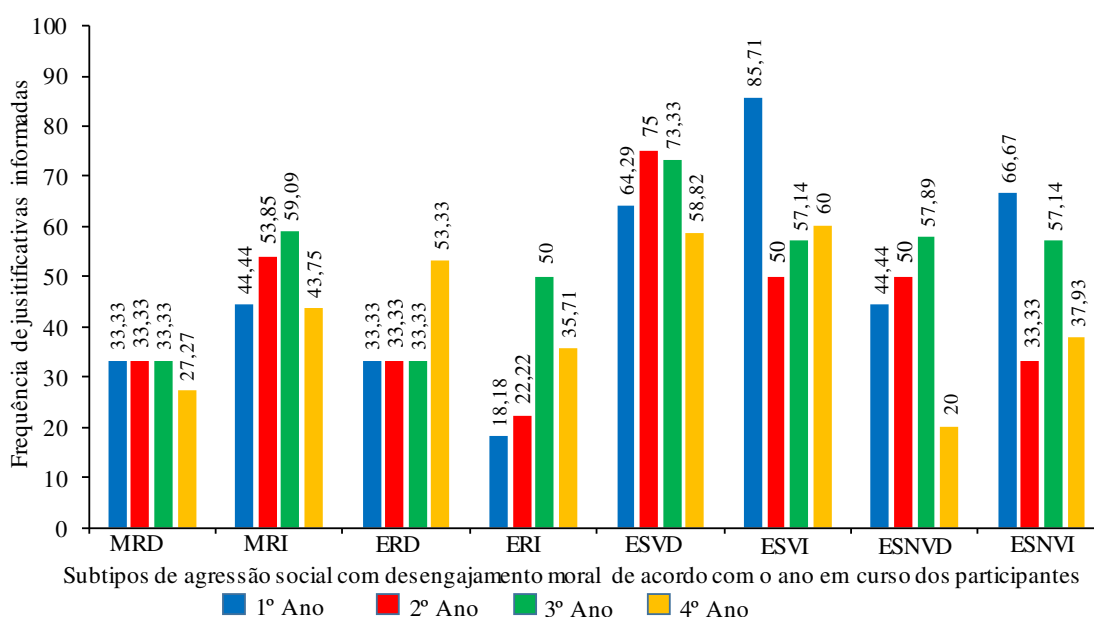


Figura 20 - Comparação das justificativas com desengajamento moral de acordo com o ano em curso dos participantes e a agressão social indicada como praticada.

A relação entre os 8 subtipos de agressão social, os 8 mecanismos de desengajamento moral, e o ano em curso dos participantes está descrita na Tabela 16. Nessa tabela também são apresentadas as médias para cada mecanismo de desengajamento moral e o ano em curso nos quais foram utilizados.

Tabela 16 - Comparação das frequências de respostas dos que indicaram a prática da agressão social e a justificaram com os mecanismos de desengajamento moral com o ano em curso dos participantes

Subtipo Agr. Social	Ensino Médio	Justificativas com Desengajamento Moral											P	
		Just. Moral	Ling. Euf.	Comp. Vant.	Desl. Resp.	Dif. Resp.	Min. Cons.	Desum.	At. Culpa	Sem DM.	N Dm	N Total		
		f (%)	f (%)	f (%)	f (%)	f (%)	f (%)	f (%)	f (%)	f (%)	f (%)	f (%)		
MRD	1º	---	---	---	---	---	---	1 (11,11)	2 (22,22)	6 (66,67)	3	9	0,979	
	2º	1 (11,11)	1 (11,11)	---	---	---	---	---	1 (11,11)	6 (66,67)	3	9		
	3º	1 (11,11)	1 (11,11)	---	---	---	---	---	1 (11,11)	6 (66,67)	3	9		
	4º	1 (1,09)	---	---	---	---	---	---	2 (18,18)	8 (72,73)	3	11		
	Total	3	2	---	---	---	---	1	6	26	12	38		
MRI	1º	---	1 (5,56)	---	7 (38,89)	---	---	---	---	10 (55,56)	8	18	0,011	
	2º	1 (7,69)	2 (15,38)	---	4 (30,77)	---	---	---	---	6 (46,15)	7	13		
	3º	1 (4,55)	---	---	12 (54,55)	---	---	---	---	9 (40,91)	13	22		
	4º	---	1 (6,25)	---	6 (37,50)	---	---	---	---	9 (56,25)	7	16		
	Total	2	4	---	29	---	---	---	---	34	35	69		
ERD	1º	---	---	---	---	---	---	---	3 (33,33)	6 (6,67)	3	9	0,713	
	2º	---	1 (11,11)	---	---	---	---	1 (11,11)	1 (11,11)	6 (6,67)	3	9		
	3º	---	1 (11,11)	---	---	---	---	---	2 (22,22)	6 (6,67)	3	9		
	4º	---	3 (2000)	---	---	---	---	---	5 (33,33)	7 (46,67)	8	15		
	Total	---	5	---	---	---	---	1	11	25	17	42		
ERI	1º	---	1 (9,09)	---	---	---	---	---	1 (9,09)	9 (81,82)	2	11	0,887	
	2º	---	1 (11,11)	---	1 (11,11)	---	---	---	---	7 (7,78)	2	9		
	3º	---	2 (14,29)	---	2 (14,29)	---	---	---	3 (21,43)	7 (50,00)	7	14		
	4º	---	1 (7,14)	---	1 (7,14)	1 (7,14)	---	---	2 (14,29)	9 (64,29)	5	14		
	Total	---	5	---	4	1	---	---	6	32	16	48		
ESVD	1º	2 (14,29)	1 (7,14)	---	---	---	---	2 (14,29)	4 (28,57)	5 (35,71)	9	14	0,947	
	2º	1 (12,50)	---	---	---	---	---	1 (12,50)	4 (50,00)	2 (25,00)	6	8		
	3º	2 (6,67)	1 (3,33)	2 (6,67)	1 (3,33)	---	---	---	2 (6,67)	14 (46,67)	8 (26,67)	22		30
	4º	---	1 (5,58)	---	---	---	---	1 (5,88)	8 (47,06)	7 (41,18)	10	17		
	Total	5	3	2	1	---	---	6	30	22	47	69		
ESVI	1º	1 (7,14)	---	---	1 (7,14)	---	---	4 (28,57)	6 (42,86)	2 (14,29)	12	14	0,776	
	2º	---	---	---	---	---	---	1 (12,50)	3 (37,50)	4 (50,00)	4	8		
	3º	2 (9,52)	---	---	---	---	---	5 (23,81)	5 (23,81)	9 (42,86)	12	21		
	4º	2 (10,00)	---	---	---	---	---	5 (25,00)	5 (25,00)	8 (40,00)	12	20		
	Total	5	---	---	1	---	---	15	19	23	40	63		
ESNVD	1º	1 (5,56)	---	---	---	---	---	4 (22,22)	3 (16,67)	10 (55,56)	8	18	0,448	
	2º	---	---	---	---	---	---	2 (25,00)	2 (25,00)	4 (50,00)	4	8		
	3º	1 (5,56)	1 (5,56)	---	1 (5,56)	---	1 (5,56)	1 (5,56)	6 (31,58)	8 (42,11)	11	19		
	4º	---	---	---	---	---	---	---	3 (20,00)	12 (80,00)	3	15		
	Total	2	1	---	1	---	1	7	14	34	26	60		
ESNVI	1º	---	1 (8,33)	---	1 (8,33)	---	---	1 (8,33)	5 (41,67)	4 (33,33)	8	12	0,467	
	2º	---	1 (11,11)	---	---	---	---	1 (11,11)	1 (11,11)	6 (66,67)	3	9		
	3º	---	---	---	2 (9,52)	---	2 (9,52)	4 (19,05)	4 (19,05)	9 (42,86)	12	21		
	4º	---	3 (10,34)	---	2 (6,90)	---	1 (3,45)	1 (3,45)	4 (13,79)	18 (62,07)	11	29		
	Total	---	5	---	5	---	3	7	14	37	34	71		
NDM Total	1º	4 (7,55)	4 (7,55)	---	9 (16,98)	---	---	12 (22,64)	24 (45,28)	52	53	105		
	2º	3 (9,38)	6 (18,75)	---	5 (15,63)	---	---	6 (18,75)	12 (37,50)	41	32	41		
	3º	7 (8,43)	6 (7,23)	2 (2,41)	18 (21,69)	---	3 (3,61)	12 (14,46)	35 (42,17)	62	83	145		
	4º	3 (5,08)	9 (15,25)	---	9 (15,25)	1 (1,69)	1 (1,69)	7 (11,86)	29 (49,15)	78	59	137		
	Total	16 (7,05)	25 (11,01)	2 (0,88)	41 (18,06)	1 (0,44)	4 (1,76)	37 (16,30)	100 (44,05)	233	227	460		

Valor de p referente ao teste estatístico Exato de Fischer

Relacionando os mecanismos de desengajamento moral utilizados para justificar a prática da agressão social com o ano em curso dos pesquisados, conforme Tabela 16 ilustrada na Figura 21, a atribuição de culpa a vítima novamente é indicada como o mecanismo de desengajamento moral mais utilizado em todas os anos em curso no Ensino Médio, seguido pelo da desumanização e deslocamento de responsabilidade.

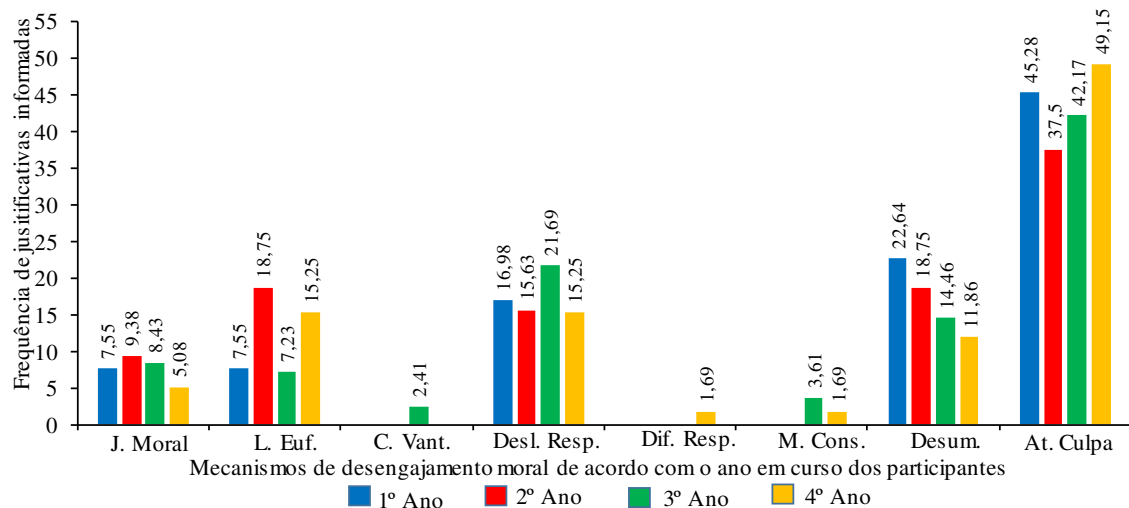


Figura 21 - Comparação das justificativas com mecanismos de desengajamento moral de acordo com o ano em curso dos participantes.

6.3- Comparação das frequências de respostas entre os estudantes que indicaram que testemunharam, ajudaram, agrediram e foram vítimas da agressão social

Nesta seção dos resultados são apresentados a comparação das frequências de respostas entre os que indicaram a prática dos subtipos de agressão social e também testemunharam, sofreram como vítimas e ajudaram as vítimas da mesma agressão. Essa relação está organizada em três partes: Na primeira, apresenta-se a relação entre a frequência de respostas dos que praticaram a agressão social e testemunharam a mesma agressão. Na segunda, essa relação é feita com os que praticaram e sofreram como vítimas da mesma agressão. E na terceira, é feita uma relação com os que praticaram e ajudaram as vítimas da agressão social. Em todas as comparações a análise é feita levando em consideração o sexo, idade, ano em curso no Ensino Médio, e o desengajamento moral utilizado para justificar a conduta agressiva.

a) Comparação das frequências de respostas entre os que indicaram que praticaram e testemunharam o mesmo subtipo de agressão social.

A comparação das frequências de respostas dos que indicaram a prática dos 8 subtipos de agressão social e testemunharam a mesma agressão está descrita na Tabela

17. Nessa tabela é apresentada a frequência de respostas (f) das indicações relacionadas ao comportamento agressor e de testemunha para cada subtipo de agressão social, com as opções de sim, não e não lembro sinalizadas pelos participantes, seguido pelo índice percentual (%) e o número respostas válidas (N Total). Nessa tabela são apresentados também o índice p de acordo com o teste estatístico utilizado.

Tabela 17 - Comparação das frequências de respostas entre os que indicaram a prática da agressão social e também testemunharam a mesma agressão.

Subtipo Agressão Social	Testemunha	Agressor			N	p
		Sim f (%)	Não f (%)	Não lembro f (%)		
MRD	Sim f (%)	**30 (75,00)	4 (10,00)	6 (15,00)	40	** 0,041
	Não f (%)	144 (60,00)	**71 (29,58)	25 (10,42)	240	
	Ñ Lembro f (%)	**16 (72,73)	3 (13,64)	3 (13,64)	22	
	N	190	78	34	302	
MRI	Sim f (%)	**64 (84,21)	11 (14,47)	1 (1,32)	76	** 0,007
	Não f (%)	140 (66,99)	**46 (22,01)	**23 (11,00)	209	
	Ñ Lembro f (%)	**17 (89,47)	2 (10,53)	0 (0,00)	19	
	N	221	59	24	304	
ERD	Sim f (%)	**44 (95,65)	1 (2,17)	1 (2,17)	46	** 0,032
	Não f (%)	186 (84,93)	**22 (10,05)	11 (5,02)	219	
	Ñ Lembro f (%)	22 (84,62)	0 (0,00)	**4 (15,38)	26	
	N	252	23	16	291	
ERI	Sim f (%)	55 (98,21)	1 (1,79)	0 (0,00)	56	0,058
	Não f (%)	194 (87,00)	18 (8,07)	11 (4,93)	223	
	Ñ Lembro f (%)	22 (91,67)	0 (0,00)	2 (8,33)	24	
	N	271	19	13	303	
ESVD	Sim f (%)	38 (49,35)	24 (31,17)	15 (19,48)	77	0,109
	Não f (%)	60 (31,91)	86 (45,74)	42 (22,34)	188	
	Ñ Lembro f (%)	15 (39,47)	15 (39,47)	8 (21,05)	38	
	N	113	125	65	303	
ESVI	Sim f (%)	59 (81,94)	7 (9,72)	6 (8,33)	72	0,219
	Não f (%)	129 (68,25)	41 (21,69)	19 (10,05)	189	
	Ñ Lembro f (%)	29 (74,36)	7 (17,95)	3 (7,69)	39	
	N	217	55	28	300	
ESNVD	Sim f (%)	**56 (83,58)	9 (13,43)	2 (2,99)	67	** 0,001
	Não f (%)	155 (76,73)	**38 (18,81)	9 (4,46)	202	
	Ñ Lembro f (%)	18 (50,00)	**7 (19,44)	**11 (30,56)	36	
	N	229	54	22	305	
ESNVI	Sim f (%)	*76 (89,41)	7 (8,24)	2 (2,35)	85	* 0,008
	Não f (%)	126 (72,83)	33 (19,08)	14 (8,09)	173	
	Ñ Lembro f (%)	34 (73,91)	5 (10,87)	*7 (15,22)	46	
	N	236	45	23	304	

* Valor de $p \leq 0,05$ referente ao teste Qui-Quadrado

** Valor de $p \leq 0,05$ referente ao teste Exato de Fischer

Considerando os que indicaram a prática da agressão social, com os que a testemunharam, conforme Tabela 17 ilustrada na Figura 22, verificou-se com o teste

estatístico Exato de Fischer, $p=0,041$, que 75% dos que indicaram a prática da agressão social de manipulação do relacionamento direto (MRD), testemunharam a mesma agressão. Essa relação significativa também ocorreu, $p=0,007$, na prática e testemunho da agressão social de manipulação de relacionamento indireto (MRI), com 84,21%; no espalhar rumores diretamente (ERD), com 95,65%, $p=0,032$; e na exclusão social não verbal direta (ESVD), com 81,94%, $p=0,001$. Com o teste estatístico Qui-Quadrado, $p=0,008$, também observou-se significativamente a prática e o testemunho da exclusão social não verbal indireta (ESNVI), com 89,41%.

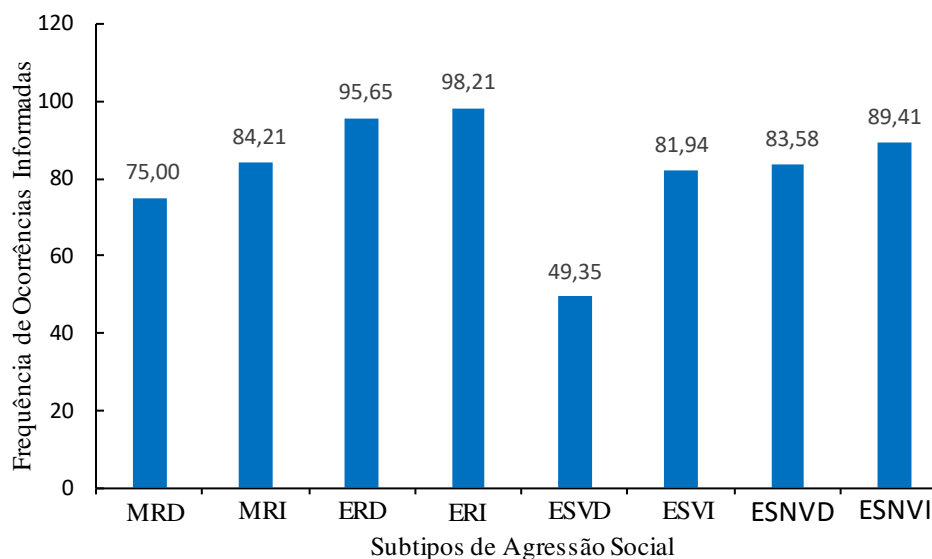


Figura 22- Comparação das frequências de respostas dos que indicaram a prática da agressão social e também testemunharam a mesma agressão.

A relação dos que indicaram terem agido como agressores e também testemunharam a agressão social com o sexo dos participantes está descrita na Tabela 18. As características dessa tabela são semelhantes a da Tabela 10, com a diferença que nessa é feita uma comparação entre os sexos masculino e feminino.

Tabela 18 - Comparação das frequências de respostas dos que indicaram terem praticado a agressão social e também testemunharam a mesma agressão com o sexo dos participantes.

Agressão Social Conforme o Sexo		Subtipos de Agressão Social								
		MRD	MRI	ERD	ERI	ESVD	ESVI	ESNVD	ESNVI	
Indicou que praticou e testemunhou a mesma agressão	Masc.	Sim	14	21	16	17	14	18	17	18
		f%	*15,91	23,08	18,18	18,68	15,73	20,22	18,89	20,22
		N	88	91	88	91	89	89	90	89
	Fem.	Sim	16	42	27	37	24	39	39	56
		f%	7,69	20,29	13,57	17,87	11,54	19,02	18,66	26,79
		N	208	207	199	207	208	205	209	209
	N Total		296	298	287	298	297	294	299	298
	p		*0,048	0,077	0,373	0,674	0,681	0,509	0,421	0,4

* Valor de $p \leq 0,05$ referente ao teste Exato de Fischer

Na relação entre os que indicaram terem agido como agressores e também testemunharam a mesma agressão social com o sexo dos participantes (conforme Tabela 18), observou-se que os homens sinalizaram esse comportamento em 7 dos 8 subtipos de agressão social. Nesse resultado se destacaram os homens que agiram como agressores e testemunhas da manipulação de relacionamento direto (MRD), indicando uma frequência maior deste comportamento, com 15,91%, do que a mulheres, com 7,62%. Por sua vez, as mulheres sinalizaram que agiram como agressoras e testemunhas da exclusão não verbal indireta (ESNVI), com 26,67%, mais do que os homens, com 19,78%.

Comparando os que indicaram terem agido como agressores e também testemunharam a agressão social com a idade dos participantes (conforme Tabela 19), observou-se que os estudantes entre 19 e 20 anos sinalizaram mais esse comportamento em 6 dos 8 subtipos de agressão social.

Tabela 19 - Comparação das frequências de respostas dos que indicaram terem praticado a agressão social e também testemunharam a mesma agressão com a idade dos participantes.

Agressão Social Conforme Idade		Subtipos de Agressão Social								
		MRD	MRI	ERD	ERI	ESVD	ESVI	ESNVD	ESNVI	
Indicou que praticou e testemunhou a mesma agressão	14 e 15 anos	Sim	4	12	2	6	5	10	8	8
		f%	7,27	21,05	4,08	10,34	8,93	17,54	13,79	14,04
		N	55	55	49	58	56	57	58	57
	16 anos	Sim	5	13	11	10	4	9	9	12
		f%	10,20	26,53	*23,40	20,41	8,00	18,37	18,00	24,00
		N	49	49	47	49	50	49	50	50
	17 anos	Sim	3	10	7	9	4	13	10	15
		f%	5,45	17,54	12,28	16,07	7,02	23,21	17,54	26,79
		N	55	57	57	56	57	56	57	26,79
	18 anos	Sim	12	18	14	21	20	19	22	27
		f%	11,76	17,82	14,14	21,00	20,00	19,39	22,22	27,27
		N	102	101	99	100	100	98	99	99
	19 e 20 anos	Sim	5	9	9	8	4	6	6	11
		f%	16,67	30,00	*31,03	26,67	13,79	20,69	20,00	35,48
		N	30	30	29	30	29	29	30	31
	N	Total	291	294	281	293	292	289	294	293
		p	0,535	0,209	*0,034	0,052	0,309	0,859	0,873	0,172

* Valor de $p \leq 0,05$ referente ao teste Exato de Fischer

Observando os que indicaram terem agido como agressores e também testemunharam a agressão social com o ano em curso no Ensino Médio (conforme Tabela 20), revelou-se que os estudantes do 4º Ano do Ensino Médio sinalizaram mais esse comportamento em 5 dos 8 subtipos de agressão social.

Tabela 20 - Comparação das frequências de respostas dos que indicaram terem praticado a agressão social e também testemunharam a mesma agressão com o ano em curso dos participantes.

	Conforme Ano em Curso	Subtipos de Agressão Social								
		MRD	MRI	ERD	ERI	ESVD	ESVI	ESNVD	ESNVI	
Indicou que praticou e testemunhou a mesma agressão	1º Ano	Sim	8	16	7	11	8	13	15	13
		f%	11,11	21,33	11,11	14,67	10,96	17,81	20	17,57
		N	72	75	63	75	73	73	75	74
	2º Ano	Sim	8	12	9	9	3	7	8	9
		f%	14,81	22,64	16,36	16,36	5,45	12,96	14,81	16,36
		N	54	53	55	55	55	54	54	55
	3º Ano	Sim	6	17	9	14	16	18	14	20
		f%	6,98	19,54	10,23	16,28	18,6	20,93	16,09	22,99
		N	86	87	88	86	86	86	87	87
	4º Ano	Sim	7	16	15	18	10	17	17	28
		f%	9,59	22,22	21,74	25	13,89	24,29	23,61	*39,44
		N	73	72	69	72	72	70	72	71
	N	Total	285	287	275	288	286	283	288	287
		p	0,215	0,636	0,071	0,276	0,461	0,842	0,503	*0,009

* Valor de $p \leq 0,05$ referente ao teste Exato de Fischer

Levando em consideração os que indicaram terem agido como agressores e também testemunharam a agressão social com o desengajamento moral utilizado para justificar essa prática (conforme Tabela 21 ilustrada na Figura 23), observou-se que o mecanismo de atribuição de culpa a vítima (44,12) foi o mais utilizado para justificar a agressão social, seguido pela justificação moral (38,24%) e a linguagem eufemística (11,76).

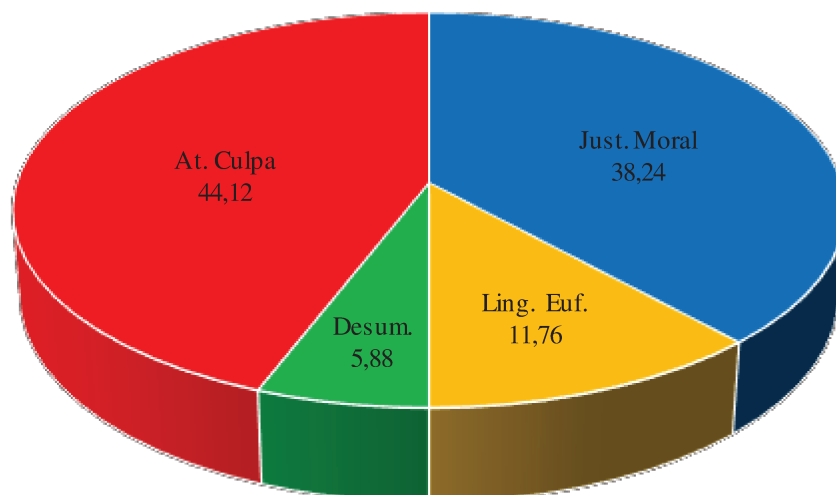


Figura 23 - Distribuição dos mecanismos de desengajamento moral dos que justificaram a prática da agressão social e testemunharam a mesma agressão.

Tabela 21 - Comparação das frequências de respostas dos que indicaram terem praticado a agressão social e também testemunharam a mesma agressão com o mecanismo de desengajamento moral utilizado pelos participantes para justificá-la.

	Mecanismos de Desengajamento Moral	Subtipos de Agressão Social											
		MRD	MRI	ERD	ERI	ESVD	ESVI	ESNVD	ESNVI	Ger.	Dir.	Ind.	
Indicou que praticou e testemunhou a mesma agressão	Just. Moral	Sim	4	2	---	1	3	1	1	1	13	8	2
		f%	36,36	40,00	---	50,00	75,00	33,33	33,33	20,00	38,24	42,11	13,33
	Ling. Euf.	Sim	2	---	---	1	---	---	1	---	4	3	1
		f%	18,18	---	---	50,00	---	---	33,33	---	11,76	15,79	6,67
	C. Vant.	Sim	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---
		f%	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---
	Desl. Resp.	Sim	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---
		f%	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---
	Dif. Resp.	Sim	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---
		f%	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---
	Min. Cons.	Sim	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---
		f%	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---
	Desum.	Sim	1	1	---	---	---	---	---	---	2	1	1
		f%	9,09	20,00	---	---	---	---	---	---	5,88	5,26	6,67
	At. Culpa	Sim	4	2	1		1	2	1	4	15	7	8
		f%	36,36	40,00	100,00		25,00	66,67	33,33	80,00	44,12	36,84	53,33
	Com DM	Sim	11	5	1	2	4	3	3	5	34	19	15
		f%	37,93	29,41	8,33	15,38	40,00	30,00	30,00	26,32	28,33	31,15	25,42
	Sem DM	Sim	18	12	11	11	6	7	7	14	86	42	44
		f%	62,07	70,59	91,67	84,62	60,00	70,00	70,00	73,68	71,67	68,85	74,58
N	Total	29	17	12	13	10	10	10	19	120	61	59	
	p	0,537	0,768	*0,004	0,46	0,125	0,092	0,272	0,072				

* Valor de $p \leq 0,05$ referente ao teste Exato de Fischer

b) Comparação da frequência de resposta entre os que indicaram que praticaram e sofreram como vítimas do mesmo subtipo de agressão social.

Na sequência da análise anterior, nesta seção a comparação das frequências de respostas dos que indicaram a prática dos 8 subtipos de agressão social e sofreram como vítimas da mesma agressão estão descritos na Tabela 22. Essa tabela tem as mesmas características da Tabela 17, se diferenciando pelo fato de que nesta a comparação das frequências de respostas é feita entre os que indicaram a prática da agressão social e sofreram como vítimas da mesma agressão.

Tabela 22 - Comparação das frequências de respostas entre os que indicaram a prática da agressão social e também sofreram como vítimas da mesma agressão.

Subtipo Agressão Social	Vítima	Agressor			N	p
		Sim f (%)	Não f (%)	Não lembro f (%)		
MRD	Sim f (%)	**23 (58,97)	15 (38,46)	1 (2,56)	39	** 0,004
	Não f (%)	93 (39,08)	**124 (52,10)	21 (8,82)	238	
	Ñ Lembro f (%)	**15 (68,18)	4 (18,18)	3 (13,64)	22	
	N	131	143	25	299	
MRI	Sim f (%)	*54 (72,00)	15 (20,00)	6 (8,00)	75	* 0,022
	Não f (%)	108 (51,43)	*83 (39,52)	19 (9,05)	210	
	Ñ Lembro f (%)	10 (52,63)	6 (31,58)	*3 (15,79)	19	
	N	172	104	28	304	
ERD	Sim f (%)	**34 (70,83)	12 (25,00)	2 (4,17)	48	** 0,002
	Não f (%)	117 (52,47)	**91 (40,81)	15 (6,73)	223	
	Ñ Lembro f (%)	13 (52,00)	5 (20,00)	**7 (28,00)	25	
	N	164	108	24	296	
ERI	Sim f (%)	43 (75,44)	11 (19,30)	3 (5,26)	57	0,322
	Não f (%)	141 (64,98)	57 (26,27)	19 (8,76)	217	
	Ñ Lembro f (%)	15 (65,22)	4 (17,39)	4 (17,39)	23	
	N	199	72	26	297	
ESVD	Sim f (%)	21 (27,27)	48 (62,34)	8 (10,39)	77	0,063
	Não f (%)	32 (17,02)	139 (73,94)	17 (9,04)	188	
	Ñ Lembro f (%)	8 (21,05)	22 (57,89)	8 (21,05)	38	
	N	61	209	33	303	
ESVI	Sim f (%)	*21 (29,58)	*39 (54,93)	11 (15,49)	71	* 0,010
	Não f (%)	58 (31,02)	*109 (58,29)	20 (10,70)	187	
	Ñ Lembro f (%)	8 (20,51)	18 (46,15)	*13 (33,33)	39	
	N	87	166	44	297	
ESNVD	Sim f (%)	37 (55,22)	28 (41,79)	2 (2,99)	67	0,069
	Não f (%)	89 (44,72)	91 (45,73)	19 (9,55)	199	
	Ñ Lembro f (%)	15 (41,67)	14 (38,89)	7 (19,44)	36	
	N	141	133	28	302	
ESNVI	Sim f (%)	*55 (64,71)	23 (27,06)	7 (8,24)	85	* 0,001
	Não f (%)	74 (42,77)	*79 (45,66)	20 (11,56)	173	
	Ñ Lembro f (%)	16 (35,56)	11 (24,44)	*18 (40,00)	45	
	N	145	113	45	303	

* Valor de $p \leq 0,05$ referente ao teste Qui-Quadrado

** Valor de $p \leq 0,05$ referente ao teste Exato de Fischer

Verificou-se, conforme Tabela 22 e Figura 24, com o teste estatístico Exato de Fischer, $p=0,004$, que 58,97% dos estudantes que indicaram a prática da agressão social de manipulação de relacionamento direto (MRD), sinalizaram que sofreram como vítimas da mesma agressão. Esta mesma relação significativa, ocorreu na prática e no sofrimento como vítima da agressão social de espalhar rumores diretamente (ERD), com 70,83%, $p=0,022$. Com o teste Qui-Quadrado, ocorreu a mesma relação significativa, $p= 0,022$, entre os que indicaram a prática e foram vítimas da agressão

social de manipulação de relacionamento indireto (MRI), com 72,00%; Da exclusão social verbal indireta (ESVI), com 29,58%, $p=0,010$; E da exclusão social não verbal indireta (ESNVI), com 64,71%, $p=0,001$.

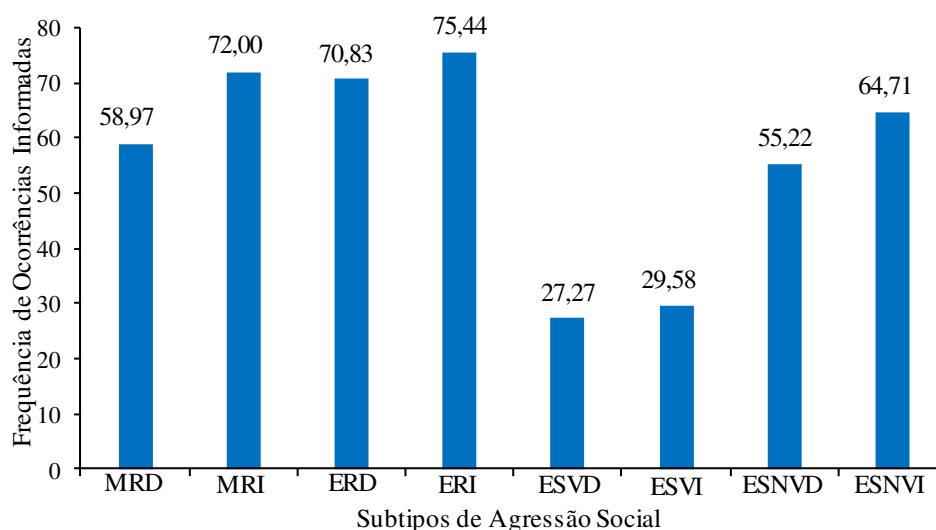


Figura 24 - Comparação das frequências de respostas dos que indicaram a prática da agressão social e também foram vítimas da mesma agressão.

A relação dos que indicaram terem agido como agressores e sofreram como vítimas da agressão social com o sexo dos participantes está descrita na Tabela 23. As características dessa tabela são semelhantes a da Tabela 10, com a diferença que nessa é feita uma comparação entre os sexos masculino e feminino.

Tabela 23 - Comparação das frequências de respostas dos que indicaram terem praticado a agressão social e também sofreram como vítimas da mesma agressão com o sexo dos participantes.

Agressão Social Conforme o Sexo		Subtipos de Agressão Social								
		MRD	MRI	ERD	ERI	ESVD	ESVI	ESNVD	ESNVI	
Indicou que praticou e sofreu como vítima da mesma agressão	Masc.	Sim	11	17	12	12	6	7	12	11
		f%	*12,64	18,68	13,33	13,33	6,59	7,87	13,48	12,22
		N	87	91	90	90	91	89	89	90
	Fem.	Sim	12	36	21	29	15	14	25	43
		f%	5,83	17,39	10,50	14,43	7,28	6,93	12,08	20,77
		N	206	207	200	201	206	202	207	207
		N Total	293	298	290	291	297	291	296	297
		p	*0,009	0,372	0,126	0,588	0,073	0,627	0,832	0,539

* Valor de $p \leq 0,05$ referente ao teste Exato de Fischer

Na comparação entre os que indicaram terem agido como agressores e também testemunharam a agressão social com o sexo dos participantes (conforme Tabela 23), observou-se que os homens sinalizaram esse comportamento em 6 dos 8 subtipos de agressão social. Nesse resultado se destacaram os homens que indicaram que agiram como agressores e foram vítimas da manipulação de relacionamento direto (MRD),

indicando uma frequência maior com 12,64%, do que a mulheres, com 5,83%. As mulheres, por sua vez, indicaram que agiram como agressoras e foram vítimas da exclusão não verbal indireta (ESNVI), com 20,77%, mais do que os homens, com 12,22%.

Considerando os que indicaram terem agido como agressores e também sofreram como vítimas da mesma agressão social com a idade dos mesmos (conforme Tabela 24), observou-se que os estudantes entre 19 e 20 anos sinalizaram mais esse comportamento em 5 dos 8 subtipos de agressão social.

Tabela 24 - Comparação das frequências de respostas dos que indicaram terem praticado a agressão social e também sofreram como vítimas da mesma agressão com a idade dos participantes.

Agressão Social Conforme Idade		Subtipos de Agressão Social								
		MRD	MRI	ERD	ERI	ESVD	ESVI	ESNVD	ESNVI	
Indicou que praticou e sofreu como vítima da mesma agressão	14 e 15 anos	Sim	4	11	4	7	4	4	6	7
		f%	7,27	19,64	7,14	12,50	7,02	7,27	10,53	12,28
		N	55	56	56	56	57	55	57	57
	16 anos	Sim	4	10	8	5	4	6	4	10
		f%	8,16	20,41	17,02	10,42	8,00	12,24	8,00	20,00
		N	49	49	47	48	50	49	50	50
	17 anos	Sim	2	8	3	6	1	2	6	10
		f%	3,77	14,29	5,56	11,32	1,82	3,70	11,11	18,52
		N	53	56	54	53	55	54	54	54
	18 anos	Sim	8	18	12	17	10	8	15	20
		f%	7,92	17,65	12,12	17,17	10,00	8,16	15,00	19,80
		N	101	102	99	99	100	98	100	101
	19 e 20 anos	Sim	5	5	6	6	2	1	5	6
		f%	16,67	16,67	20,69	20,00	6,67	3,33	16,67	20,00
		N	30	30	29	30	30	30	30	30
	N	Total	288	293	285	286	292	286	291	292
		p	0,171	0,39	0,198	0,314	0,342	0,468	0,929	0,29

* Valor de $p \leq 0,05$ referente ao teste Exato de Fischer

Relacionando os que indicaram terem agido como agressores e também sofreram como vítimas da mesma agressão social com o ano em curso no Ensino Médio (conforme Tabela 25), revelou-se que os estudantes do 4º Ano do Ensino Médio sinalizaram mais esse comportamento em 5 dos 8 subtipos de agressão social.

Tabela 25 - Comparação das frequências de respostas dos que indicaram terem praticado a agressão social e também sofreram como vítimas da mesma agressão com o ano em curso dos participantes.

Agressão Social		Subtipos de Agressão Social								
		MRD	MRI	ERD	ERI	ESVD	ESVI	ESNVD	ESNVI	
Indicou que praticou e sofreu como vítima da mesma agressão	1º Ano	Conforme	7	17	9	12	6	6	10	12
		em Curso	9,72	22,97	12,33	16,44	8,00	8,22	13,33	16,22
	2º Ano	Sim	5	8	6	4	3	3	4	8
		f%	9,26	14,81	11,11	7,41	5,45	5,56	7,41	14,55
	3º Ano	N	72	74	73	73	75	73	75	74
		Sim	5	14	6	10	8	6	9	13
	4º Ano	f%	5,95	16,28	7,32	12,2	9,52	7,23	10,71	15,29
		N	84	86	82	82	84	83	84	85
	Total	Sim	6	13	12	14	3	6	13	18
		f%	8,33	17,81	*17,14	19,44	4,17	8,45	18,06	25,00
	N	N	72	73	70	72	72	71	72	72
		Total	282	287	279	281	286	281	285	286
	p		0,181	0,615	*0,016	0,536	0,15	0,287	0,781	0,059

* Valor de $p \leq 0,05$ referente ao teste Exato de Fischer

Levando em consideração os que indicaram terem agido como agressores e também sofreram como vítimas da mesma agressão social com o desengajamento moral utilizado para justificá-la (conforme Tabela 26 ilustrada na Figura 25), observou-se que o mecanismo de atribuição de culpa a vítima (57,14) foi o mais utilizado para justificar a agressão social, seguido pela justificação moral (28,57%) e linguagem eufemística (10,71).

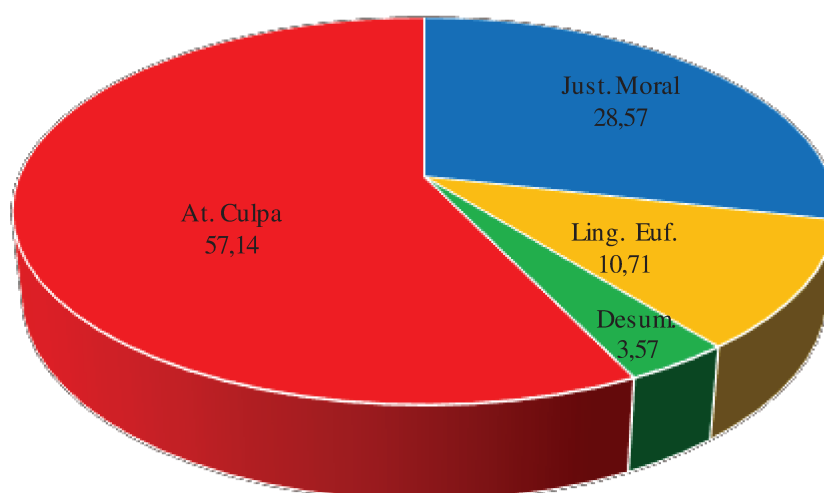


Figura 25 - Distribuição dos mecanismos de desengajamento moral dos que justificaram a prática da agressão social e sofreram como vítimas da mesma agressão.

Tabela 26 - Comparação das frequências de respostas dos que indicaram terem praticado a agressão social e também sofreram como vítimas da mesma agressão com o mecanismo de desengajamento moral utilizado pelos participantes para justificá-la.

Mecanismos de		Subtipos de Agressão Social											
Desengajamento Moral		MRD	MRI	ERD	ERI	ESVD	ESVI	ESNVD	ESNVI	Ger.	Dir.	Ind.	
Indicou que praticou e sofreu como vítima da mesma agressão	Just.	Sim	1	2	---	1	3	---	---	1	8	4	4
	Moral	f%	14,29	40,00	---	50,00	75,00	---	---	20,00	28,57	28,57	26,67
	Ling. Euf.	Sim	1	---	---	1	---	---	1	---	3	2	1
		f%	14,29	---	---	50,00	---	---	50,00	---	10,71	14,29	6,67
	C. Vant.	Sim	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---
		f%	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---
	Desl. Resp.	Sim	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---
		f%	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---
	Dif. Resp.	Sim	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---
		f%	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---
	Min. Cons.	Sim	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---
		f%	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---
	Desum.	Sim	---	1	---	---	---	---	---	---	1	---	1
		f%	---	20,00	---	---	---	---	---	---	3,57	---	6,67
	At. Culpa	Sim	5	2	1	---	1	2	1	4	16	8	8
		f%	71,43	40,00	100,00	---	25,00	100,00	50,00	80,00	57,14	57,14	53,33
	Com DM	Sim	7	5	1	2	4	2	2	5	28	14	15
	f%	30,43	33,33	12,50	18,18	66,67	66,67	28,57	29,41	31,11	31,82	32,61	
Sem DM	Sim	16	10	7	9	2	1	5	12	62	29	32	
	f%	69,57	66,67	87,50	81,82	33,33	33,33	71,43	70,59	68,89	65,91	69,57	
N	Total	23	15	8	11	6	3	7	17	90	44	46	
	p	0,185	0,817	0,0219	0,779	0,018	0,325	0,382	0,061				

* Valor de $p \leq 0,05$ referente ao teste Exato de Fischer

c) Comparação da frequência de resposta entre os que indicaram que praticaram e ajudaram as vítimas do mesmo subtipo de agressão social.

Nesta seção da apresentação dos resultados é realizada a comparação entre as frequências de respostas dos que indicaram a prática dos 7 subtipos de agressão social e ajudaram as vítimas da mesma agressão. Esses resultados estão decritos na Tabela 27. Essa tabela tem as mesmas características da Tabela 17, se diferenciando pelo fato de que nessa a comparação das frequências de respostas é feita entre os que indicaram a prática da agressão social e ajudaram as vítimas da mesma agressão.

Tabela 27 - Comparação das frequências de respostas entre os que indicaram a prática da agressão social e também ajudaram as vítimas da mesma agressão.

Subtipo Agressão Social	Defensor	Agressor			N	p
		Sim f (%)	Não f (%)	Não lembro f (%)		
MRD	Sim f (%)	21 (55,26)	8 (21,05)	9 (23,68)	38	*0,035
	Não f (%)	117 (48,35)	*82 (33,88)	43 (17,77)	242	
	Ñ Lembro f (%)	*13 (61,90)	1 (4,76)	*7 (33,33)	21	
	N	151	91	59	301	
ERD	Sim f (%)	*36 (75,00)	10 (20,83)	2 (4,17)	48	*0,025
	Não f (%)	130 (57,02)	*62 (27,19)	36 (15,79)	228	
	Ñ Lembro f (%)	16 (61,54)	3 (11,54)	*7 (26,92)	26	
	N	182	75	45	302	
ERI	Sim f (%)	35 (60,34)	16 (27,59)	7 (12,07)	58	0,059
	Não f (%)	131 (60,65)	56 (25,93)	29 (13,43)	216	
	Ñ Lembro f (%)	14 (58,33)	2 (8,33)	8 (33,33)	24	
	N	180	74	44	298	
ESVD	Sim f (%)	*27 (35,06)	*35 (45,45)	15 (19,48)	77	*0,005
	Não f (%)	54 (28,27)	70 (36,65)	*67 (35,08)	191	
	Ñ Lembro f (%)	5 (13,51)	12 (32,43)	*20 (54,05)	37	
	N	86	117	102	305	
ESVI	Sim f (%)	*30 (41,67)	*26 (36,11)	16 (22,22)	72	*0,014
	Não f (%)	64 (33,86)	*71 (37,57)	54 (28,57)	189	
	Ñ Lembro f (%)	10 (25,00)	9 (22,50)	*21 (52,50)	40	
	N	104	106	91	301	
ESNVD	Sim f (%)	*37 (55,22)	*18 (26,87)	12 (17,91)	67	*0,007
	Não f (%)	*115 (57,79)	*48 (24,12)	36 (18,09)	199	
	Ñ Lembro f (%)	16 (44,44)	4 (11,11)	*16 (44,44)	36	
	N	168	70	64	302	
ESNVI	Sim f (%)	*42 (50,00)	*26 (30,95)	16 (19,05)	84	*0,001
	Não f (%)	71 (41,28)	*45 (26,16)	56 (32,56)	172	
	Ñ Lembro f (%)	12 (26,67)	5 (11,11)	*28 (62,22)	45	
	N	125	76	100	301	

* Valor de $p \leq 0,05$ referente ao teste Qui-Quadrado

Observou-se, conforme Tabela 27 ilustrada na Figura 26, com o teste estatístico Qui-Quadrado, $p=0,025$, que 75% dos que indicaram a prática da agressão social de espalhar rumores diretamente (ERD), sinalizaram também que ajudaram as vítimas do mesmo subtipo de agressão. A mesma relação significativa ocorreu, $p=0,005$, foi apontada na prática e ajuda da vítima da agressão social de exclusão social verbal direta (ESVD), com 35,06%; Na exclusão social verbal indireta (ESVI), com 41,67%, $p=0,014$; E na exclusão social não verbal indireta (ESNVI), com 50,00%, $p=0,001$.

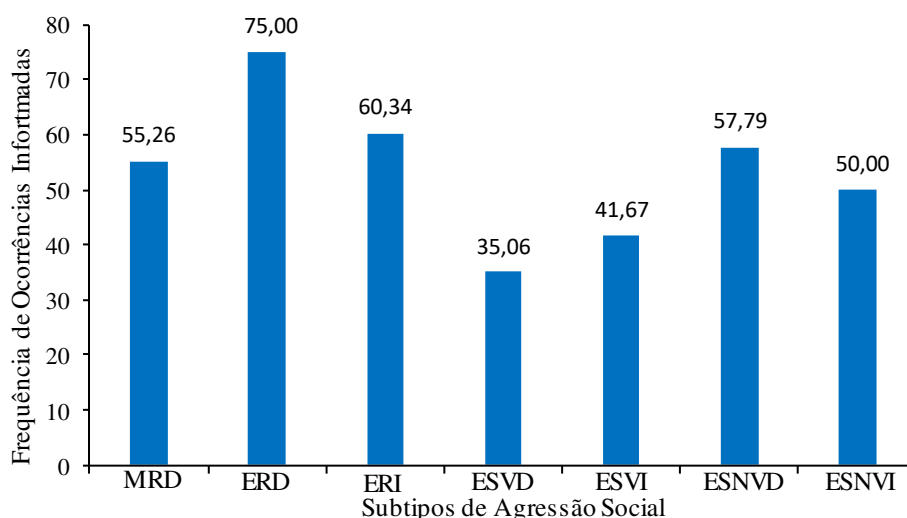


Figura 26 - Comparação das frequências de respostas dos que indicaram a prática da agressão social e também ajudaram as vítimas da mesma agressão.

A relação dos que indicaram terem agido como agressores e sofreram como vítimas da agressão social com o sexo dos participantes está descrita na Tabela 28. As características dessa tabela são semelhantes a da Tabela 10, com a diferença que nessa é feita uma comparação entre os sexos masculino e feminino.

Tabela 28 - Comparação das frequências de respostas dos que indicaram terem praticado a agressão social e também defenderam as vítimas da mesma agressão com o sexo dos participantes.

Agressão Social Conforme o Sexo		Subtipos de Agressão Social							
		MRD	MRI	ERD	ERI	ESVD	ESVI	ESNVD	ESNVI
Indicou que praticou e ajudou vítimas da mesma agressão	Sim	10	---	11	9	9	12	11	9
	Masc. f%	*11,63	---	12,36	10,11	10,00	13,33	12,50	10,23
	N	86	---	89	89	90	90	88	88
	Sim	11	---	24	24	17	17	26	32
	Fem. f%	5,26	---	11,59	11,82	8,13	8,29	12,5	15,46
	N	209	---	207	203	209	205	208	207
	N Total	295	---	296	292	299	295	296	295
p	*0,040	---	0,315	0,463	0,588	0,171	0,112	0,494	

* Valor de $p \leq 0,05$ referente ao teste Exato de Fischer

Na comparação entre os que indicaram terem agido como agressores e também ajudaram as vítimas da mesma agressão social com o sexo dos participantes (conforme Tabela 28), observou-se que os homens sinalizaram esse comportamento em 4 dos 7 subtipos de agressão social. Nesse resultado se destacaram os homens que indicaram que agiram como agressores e ajudaram as vítimas da manipulação de relacionamento direto (MRD), indicando uma frequência maior deste comportamento, com 11,36%, do que a mulheres, com 5,26%. Os participantes do sexo masculino também indicaram que agiram mais como agressores e ajudaram as vítimas da exclusão social verbal indireta (ESVI), com 13,33%, do que as mulheres, com 8,29%. Por sua vez, as mulheres

indicaram que agiram como agressoras e defensoras das vítimas da exclusão social não verbal indireta (ESNVI), com 15,46%, mais do que os homens, com 10,23%, e do espalhar rumores indiretamente (ERI), com 11,82%, mais do que os homens, com 11,82%.

Observou-se o entre os que indicaram terem agido como agressores e também ajudaram as vítimas da mesma agressão social com a idade dos participantes (Tabela 29), que os estudantes entre 19 e 20 anos sinalizaram mais esse comportamento em 3 dos 7 subtipos de agressão social. Com destaque para o espalhar rumores indiretamente (ERI), na faixa entre 19 e 20 anos, com 19,35%, das indicações.

Tabela 29 - Comparação das frequências de respostas dos que indicaram terem praticado a agressão social e também defenderam as vítimas da mesma agressão com a idade dos participantes.

Agressão Social Conforme o Sexo		Subtipos de Agressão Social								
		MRD	MRI	ERD	ERI	ESVD	ESVI	ESNVD	ESNVI	
Indicou que praticou e ajudou vítimas da mesma agressão	14 e 15 anos	Sim	3	----	3	6	3	5	5	3
		f%	5,45	----	5,26	10,71	5,17	9,09	8,77	5,56
		N	55	----	57	56	58	55	57	54
	16 anos	Sim	4	----	10	6	2	3	5	8
		f%	8,33	----	20,41	12,50	4,00	6,00	10,00	16,00
		N	48	----	49	48	50	50	50	50
	17 anos	Sim	3	----	6	7	5	8	6	8
		f%	5,36	----	10,71	12,50	8,77	14,29	10,91	14,29
		N	56	----	56	56	57	56	55	56
	18 anos	Sim	8	----	10	8	14	10	16	16
		f%	7,84	----	10,00	8,25	14,00	10,20	16,16	16,00
		N	102	----	100	97	100	98	99	100
	19 e 20 anos	Sim	2	----	6	6	2	3	4	6
		f%	6,90	----	20,00	*19,35	6,90	9,68	13,33	20,00
		N	29	----	30	31	29	31	30	30
	N	Total	290	----	292	288	294	290	291	290
		p	0,252	----	0,074	*0,046	0,497	0,979	0,27	0,411

* Valor de $p \leq 0,05$ referente ao teste Exato de Fischer

Levando em consideração os que indicaram terem agido como agressores e também ajudaram as vítimas da mesma agressão social com o ano em curso no Ensino Médio dos participantes (conforme Tabela 30), observou-se que os estudantes do 4º Ano do Ensino Médio sinalizaram mais esse comportamento em 6 dos 7 subtipos de agressão social.

Tabela 30 - Comparação da frequência de resposta dos que indicaram terem praticado a agressão social e também defenderam as vítimas da mesma agressão com o ano em curso dos participantes.

Agressão Social		Subtipos de Agressão Social								
		MRD	MRI	ERD	ERI	ESVD	ESVI	ESNVD	ESNVI	
Indicou que praticou e ajudou vítimas da mesma agressão	1º Ano	Conforme	6	---	7	10	6	6	9	6
		Ano em Curso	8,33	---	9,46	13,51	7,89	8,33	12,16	8,45
		N	72	---	74	74	76	72	74	71
	2º Ano	Conforme	6	---	8	6	2	3	5	6
		Ano em Curso	11,32	---	*14,81	11,11	3,64	5,45	9,26	10,91
		N	53	---	54	54	55	55	54	55
	3º Ano	Conforme	5	---	7	7	9	9	11	12
		Ano em Curso	5,75	---	8,24	8,33	10,47	10,34	12,79	13,79
		N	87	---	85	84	86	87	86	87
	4º Ano	Conforme	4	---	11	10	9	11	11	15
		Ano em Curso	5,56	---	*15,28	14,29	12,68	15,71	15,49	21,13
		N	72	---	72	70	71	70	71	71
	N	Total	284	---	285	282	288	284	285	284
		p	0,331	---	*0,010	0,457	0,654	0,651	0,666	0,228

* Valor de $p \leq 0,05$ referente ao teste Exato de Fischer

Considerando os que indicaram terem agido como agressores e também ajudaram as vítimas da mesma agressão social com o desengajamento moral utilizado para justificar essa prática (conforme Tabela 31 ilustrada na Figura 27), verificou-se que o mecanismo de atribuição de culpa a vítima (65,00) foi o mais utilizado para justificar a agressão social, seguido pela justificação moral (15,00%) e linguagem eufemística e desumanização (10%).

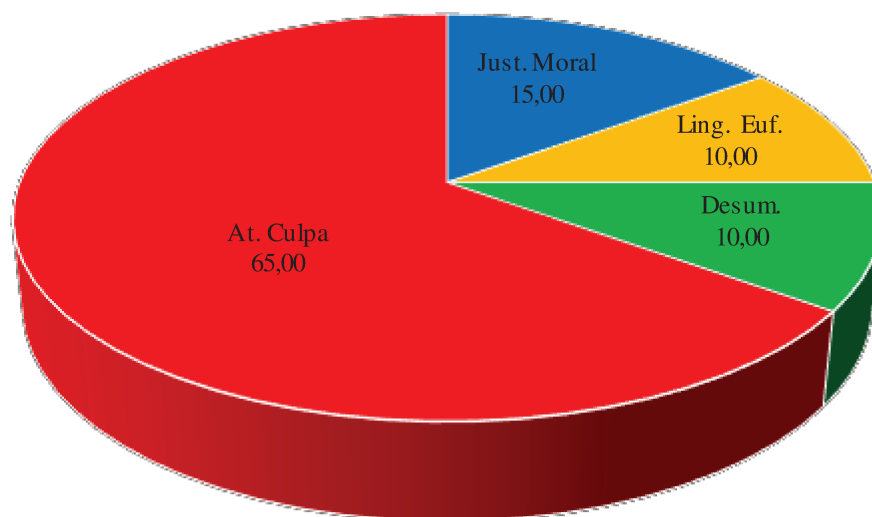


Figura 27 - Distribuição dos mecanismos de desengajamento moral dos que justificaram a prática da agressão social e ajudaram as vítimas da mesma agressão.

Tabela 31 - Comparação das frequências de respostas dos que indicaram terem praticado a agressão social e também defendeu as vítimas da mesma agressão com o mecanismo de desengajamento moral utilizado pelos participantes para justificá-la.

Mecanismos de		Subtipos de Agressão Social											
Desengajamento Moral		MRD	MRI	ERD	ERI	ESVD	ESVI	ESNVD	ESNVI	Ger.	Dir.	Ind.	
Indicou que praticou e ajudou vítimas da mesma agressão	Just.	Sim	1	---	---	---	1	---	---	1	3	2	1
	Moral	f%	16,67	---	---	---	25,00	---	---	33,33	15,00	15,38	14,29
	Ling. Euf.	Sim	---	---	---	1	---	---	1	---	2	1	1
		f%	---	---	---	100,00	---	---	50,00	---	10,00	7,69	14,29
	C. Vant.	Sim	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---
		f%	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---
	Desl. Resp.	Sim	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---
		f%	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---
	Dif. Resp.	Sim	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---
		f%	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---
	Min. Cons.	Sim	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---
		f%	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---
	Desum.	Sim	1	---	---	---	---	1	---	---	2	1	1
		f%	16,67	---	---	---	---	33,33	---	---	10,00	7,69	14,29
	At. Culpa	Sim	4	---	1	---	3	2	1	2	13	9	4
		f%	66,67	---	100,00	---	75,00	66,67	50,00	66,67	65,00	69,23	57,14
	Com DM	Sim	6	---	1	1	4	3	2	3	20	13	7
		f%	28,57	---	11,11	12,50	66,67	50,00	25,00	37,50	26,32	28,89	22,58
	Sem DM	Sim	15	---	8	7	2	3	6	5	56	32	24
		f%	71,43	---	88,89	87,50	33,33	50,00	75,00	62,50	73,68	71,11	77,42
N	Total	21	---	9	8	6	6	8	8	76	45	31	
	p	0,488	---	0,112	0,441	0,179	0,862	0,144	0,400				

* Valor de $p \leq 0,05$ referente ao teste Exato de Fischer

6.4- Síntese dos resultados.

A síntese dos resultados dessa pesquisa estão apresentadas em três quadros. No primeiro (Quadro 2), observa-se a síntese dos resultados sobre as frequências de respostas dos estudantes que indicaram que testemunharam, ajudaram, agrediram e foram vítimas da agressão social. No segundo (Quadro 3), essa relação é feita entre os que indicaram a agressão social e a justificaram com desengajamento moral. E no terceiro (Quadro 4), são apresentadas as frequências de respostas dos sinalizaram que agrediram e também testemunharam, ajudaram e foram vítimas dos 8 subtipos da agressão social. Nos quadros 2 e 3, os 8 subtipos de agressão social que mais se destacaram em cada variável de análise estão em evidência.

No Quadro 2, verifica-se que agressão social indicada como a mais testemunhada, da qual as vítimas foram mais ajudadas e a sinalizada como a mais sofrida foi o espalhar rumores (ERD, ERI), e a mais praticada foi a exclusão social verbal direta (ESVD) e a não verbal indireta (ESNVI). Observa-se também que as mulheres indicaram que testemunharam, ajudaram as vítimas e sofreram como vítimas da agressão social, mais do que os homens, estes, por sua vez, sinalizaram que foram os que mais a praticaram, exceto na da exclusão social não verbal indireta (ESNVI),

indicada como a mais praticada pelas mulheres. Com relação a faixa etária, os estudantes 14 e 15 anos sinalizaram mais que ajudaram e sofreram como vítimas da agressão social, e os de 19 e 20 anos os que mais a praticaram. Na comparação com o ano em curso, os do 4º ano informaram mais que testemunharam, ajudaram as vítimas e praticaram a agressão social, e os do 1º ano, os que mais sofreram como vítimas.

Quadro 2 – Comparação da frequência de respostas dos que indicaram que testemunharam, ajudaram, agrediram a foram vítimas da agressão social (* Valor de $p \geq 0,05$)

Percepção de Agressão Social					
Variáveis		Testemunho	Ajuda da Vítima	Agressão	Vítima
Ag. Soc.	Ger.	71,31	41,41	21,49	45,39
	Dir.	ERD	ERD	ESVD	ERD
		65,39	48,62	19,09	41,06
Ind.	ERI	ERI	ESNVI	ERI	
	77,24	34,21	23,88	49,72	
Sexo	Masc.	MRD - ERD - ESVD	ESVD - ESVI	*MRD - MRI - ERD ERI - ESVD - ESVI - ESNVD	MRD - ESVD- ESVI
		69,47	44,66	22,73	43,47
	Fem.	*MRI - ERI - ESVI *ESNVD - ESNVI	MRD - ERD - ERI - *ESNVD - ESNVI	ESNVI	*MRI - ERD - ERI ESNVD - ESNVI
		72,21	48,21	20,85	46,30
Idade	14-15	ESNVD	ERI - ESVI ESNVD	----	MRD - MRI ERI - ESNVI
		71,01	48,09	16,08	49,06
	16	MRD - MRI	MRD - ERD - ESVD	MRI	----
		73,69	47,32	22,23	46,15
	17	----	----	----	ESNVD
		69,23	45,14	19,73	40,70
	18	ERD - ESVD	----	ESVD - ESNVD	ESVI
		71,35	46,37	23,38	46,29
19-20	ERI - ESVI ESNVI	ESNVI	MRD - *ERD - ERI ESVI - ESNVI	ERD - ESVD	
	73,51	44,62	28,08	45,42	
Ano Ensino Médio	1	MRD - MRI - ERD -ESNVD	MRD - ESNVD	MRD - MRI ESNVD	MRD - MRI - ERI ESVD
		72,99	47,46	19,44	50,97
	2	ESVI	ERD	MRD	----
		71,60	43,74	18,19	39,29
	3	----	ESVI - ERI	ESVD	----
		68,66	45,91	21,33	43,35
	4	*ERI - ESVD ESNVI	ESVD - ESNVI	*ERD - ERI - ESVI *ESNVI	ERD - ESVI ESNVD - ESNVI
		73,80	49,63	25,85	48,28

* Valor de $p \geq 0,05$

A síntese de resultados do Quadro 3, sobre a relação dos que indicaram a prática da agressão social e a justificaram com desengajamento moral, revela que os estudantes sexo masculino justificaram mais a conduta agressiva com desengajamento moral do que os do sexo feminino, mas essa diferença não foi estatisticamente significativa., e que essa justificativa foi utilizada mais na faixa entre 14 e 15 anos e no 3º ano do Ensino Médio. Entre os mecanismos de desengajamento moral, o mais utilizado

foi a atribuição de culpa à vítima, em ambos sexos, em todas as faixas etárias e nos 4 anos do Ensino Médio pesquisado. Sendo mais utilizado na agressão social direta.

Quadro 3 – Comparação da frequência de respostas dos que indicaram que praticaram a agressão social e sua relação com o desengajamento moral.

Relação da Agressão Social com o Desengajamento Moral										
Variáveis		Com Deseng. Geral	Just. Moral	Ling. Euf.	Comp Vant.	Desl. Resp.	Difus. Resp.	Min. Cons.	Desum	Atrib. Culpa
Ag. Soc.	Ger.	50,1	7,82	10,70	0,82	16,87	1,23	2,06	15,23	45,27
	Dir.	45,27	10,00	10,00	1,82	0,91	0,91	1,82	13,64	60,91
	Ind.	54,73	6,02	11,28	---	30,08	1,50	2,26	16,54	32,33
Sexo	Masc.	MRD – MRI – ERD – ERI	13,51	13,51	---	14,86	1,35	---	14,86	41,89
		50,39								
Sexo	Fem.	*ESVD – ESVI – ESNVD - ESNVI	5,56	9,26	1,23	18,52	---	3,09	16,05	46,30
		49,61								
Idade	14-15	ESVD - ESVI	7,50	2,50	---	20,00	---	---	25,00	45,00
		53,83								
	16	MRI	8,82	20,59	---	17,65	---	---	20,59	32,35
		40,33								
	17	ESNVD ESNVI	2,22	4,44	---	22,22	---	4,44	20,00	46,67
		50,18								
	18	-----	10,00	14,44	2,22	14,44	---	2,22	22,22	44,44
		50,33								
19-20	MRD - ERD ERI	11,54	3,85	---	15,38	3,85	3,85	---	61,54	
	42,59									
Ano Ensino Médio	1	ESVI - ESNVI	7,55	7,55	---	16,98	---	---	22,64	45,28
		48,80								
	2	ESVD	9,38	18,75	---	15,63	---	---	18,75	37,50
		43,80								
	3	MRI - ERI ESNVD	8,43	7,23	2,41	21,69	---	3,61	14,46	42,17
		52,66								
	4	ERD	5,08	15,25	---	15,25	1,69	---	11,86	49,15
		42,10								

* Valor de $p \geq 0,05$

O Quadro 4 apresenta a síntese dos resultados dos que indicaram que agrediram e também testemunharam, ajudaram e foram vítimas da mesma agressão. Esse quadro revela, que em média 82,17%, dos que sinalizaram que agrediram também informaram que testemunharam a mesma agressão, com destaque para o espalhar rumores (ERD, ERI) com mais de 95% das indicações. Na relação entre os que indicaram que agrediram e foram vítimas da mesma agressão, em média 56,75%, sinalizaram essa conduta, novamente com destaque para o espalhar rumores (ERD, ERI), como mais de 70% das ocorrências. Na comparação entre os que agrediram e ajudaram as vítimas da mesma agressão, em média 53,22%, indicaram essa conduta, com destaque também para o espalhar rumores (ERD, ERI), com mais de 60% das sinalizações. Em todas essas relações, os homens sinalizaram mais essas condutas, tendo uma frequência maior de respostas na faixa entre 19 e 20 anos, e no 4º ano do Ensino Médio. O mecanismo

de desengajamento moral de atribuição de culpa a vítima, em todas as relações analisadas, foi o mais utilizado para justificar a sinalização da conduta agressiva, com destaque maior na relação entre os que indicaram ajudaram e agrediram as vítimas do mesmo subtipo de agressão social, com uma média de 65% das ocorrências assinaladas.

Quadro 4 – Comparação entre a frequência de respostas dos que indicaram que praticaram a agressão social e testemunharam, ajudaram e foram vítimas da mesma agressão

Frequência de Respostas dos que indicaram que Agrediram e Testemunharam a Agressão Social										
Variáveis	MRD	MRI	ERD	ERI	ESVD	ESVI	ESNVD	ESNVI	MED.	
Freq. %	*75,00	*84,21	*95,65	98,21	49,35	81,94	*83,58	*89,41	82,17	
Sexo	Masc.	*15,91	23,08	18,18	18,68	15,73	20,22	18,89	20,22	18,86
	Fem.	7,69	20,29	13,57	17,87	11,54	19,02	18,66	26,79	16,93
Idade	14-15	7,27	21,05	4,08	10,34	8,93	17,54	13,79	14,04	12,13
	16	10,20	26,53	23,4	20,41	8,00	18,37	18,00	24,00	18,61
	17	5,45	17,54	12,28	16,07	7,02	23,21	17,54	26,79	15,74
	18	11,76	17,82	14,14	21,00	20,00	19,39	22,22	27,27	19,2
	19-20	16,67	30,00	*31,03	26,67	13,79	20,69	20,00	35,48	24,29
Ano Ensino Médio	1	11,11	21,23	11,11	14,67	10,96	17,81	20,00	17,57	15,56
	2	14,81	22,64	16,36	16,36	5,45	12,96	14,81	16,36	14,97
	3	6,98	19,54	10,23	16,28	18,6	20,93	16,09	22,99	16,46
	4	9,59	22,22	21,74	25,00	13,89	24,29	23,61	*39,44	22,47
COM DM	37,93	29,41	8,33	15,38	40,00	30,00	30,00	26,32	27,17	
AT. CULPA	36,36	40,00	100,00	---	25,00	66,67	33,33	80,00	44,12	
Frequência de Respostas dos que indicaram que Agrediram e foram Vítimas da Agressão Social										
Variáveis	MRD	MRI	ERD	ERI	ESVD	ESVI	ESNVD	ESNVI	MED.	
Freq. %	*58,97	*72,00	*70,83	75,44	27,27	29,58	55,22	*64,71	56,75	
Sexo	Masc.	*12,64	18,68	13,33	13,33	6,59	7,87	13,48	12,22	12,27
	Fem.	5,83	17,39	10,5	14,43	7,28	6,93	12,08	20,77	11,9
Idade	14-15	7,27	19,64	7,14	12,5	7,02	7,27	10,53	12,28	10,46
	16	8,16	20,41	17,02	10,42	8,00	12,24	8,00	20,00	13,03
	17	3,77	14,29	5,56	11,32	1,82	3,70	11,11	18,52	8,76
	18	7,92	17,65	12,12	17,17	10,00	8,16	15,00	19,80	13,48
	19-20	16,67	16,67	20,69	20,00	6,67	3,33	16,67	20,00	15,09
Ano Ensino Médio	1	9,72	22,97	12,33	16,44	8,00	8,22	13,33	16,22	13,40
	2	9,26	14,81	11,11	7,41	5,45	5,56	7,41	14,55	9,45
	3	5,95	16,28	7,32	12,2	9,52	7,23	10,71	15,29	10,56
	4	8,33	17,81	*17,14	19,44	4,17	8,45	18,06	25,00	14,8
COM DM	30,43	33,33	12,50	18,18	66,67	66,67	28,57	29,41	31,11	
AT. CULPA	71,43	40,00	100,00	---	25,00	100,00	50,00	80,00	57,14	
Frequência de Respostas dos que indicaram que Agrediram e Ajudaram Vítimas da Agr. Social										
Variáveis	MRD	MRI	ERD	ERI	ESVD	ESVI	ESNVD	ESNVI	MED.	
Freq. %	55,26	----	*75,00	60,34	35,06	*41,67	55,22	*50,00	53,22	
Sexo	Masc.	*11,63	----	12,36	10,11	10,00	13,33	12,5	10,23	11,45
	Fem.	5,26	----	11,59	11,82	8,13	8,29	12,5	15,46	10,44
Idade	14-15	5,45	----	5,26	10,71	5,17	9,09	8,77	5,56	7,14
	16	8,33	----	20,41	12,5	4,00	6,00	10,00	16,00	11,03
	17	5,36	----	10,71	12,5	8,77	14,29	10,91	14,29	10,98
	18	7,84	----	10,00	8,25	14,00	10,2	16,16	16,00	11,78
	19-20	6,90	----	20,00	*19,35	6,90	9,68	13,33	20,00	13,74
Ano Ensino Médio	1	8,33	----	9,46	13,51	7,89	8,33	12,16	8,45	9,73
	2	11,32	----	*14,81	11,11	3,64	5,45	9,26	10,91	9,50
	3	5,75	----	8,24	8,33	10,47	10,34	12,79	13,79	9,96
	4	5,56	----	*15,28	14,29	12,68	15,71	15,49	21,13	14,31
COM DM	28,57	----	11,11	12,50	66,67	50,00	25,00	37,50	26,32	
AT. CULPA	66,67	----	100,00	----	75,00	66,67	50,00	66,67	65,00	

* Valor de $p \geq 0,05$

Esse estudo revelou que a agressão social foi indicada pelos estudantes pesquisados como testemunhada em média por 71,31%, das ocorrências. A ajuda às vítimas por 47,33%, a prática da agressão por 21,49%, e as sinalizações de terem sofrido como vítimas da agressão social, com uma média de 45,39%. A prática dessa agressão foi justificada principalmente pelo mecanismo de atribuição de culpa a vítima. Essa pesquisa revelou também que em média 82,17% dos estudantes, apontaram que agrediram e testemunharam a mesma agressão, 56,75%, que agrediram e sofreram como vítimas, e 53,22%, que agrediram e ajudaram as vítimas da mesma agressão.

7. DISCUSSÃO

Esta pesquisa exploratória analisou as frequências de respostas dos que indicaram terem testemunhado, ajudado as vítimas, agredido e sofrido como vítima da agressão social, a relação dos que sinalizaram a prática dessa agressão e a justificaram com mecanismos de desengajamento moral, e ainda a relação dos que apontaram a prática da agressão social e também testemunharam, sofreram como vítimas e ajudaram às vítimas da mesma agressão. Os tópicos de discussão foram elencados de acordo com os objetivos específicos, relacionados na apresentação e no método de estudo dessa dissertação.

7.1- A percepção dos estudantes do Ensino Médio sobre a ocorrência da agressão social, nas interações presenciais face a face no contexto escolar, e sua relação com o sexo, idade e ano em curso dos participantes.

Entre os que indicaram terem testemunhado, ajudado e sofrido como vítimas, o subtipo de agressão social mais sinalizado foi o de espalhar rumores na forma direta e indireta (ERD, ERI). E a agressão social apontada como a mais praticada foi a exclusão social verbal direta (ESVD) e a não verbal indireta (ESNVI). O que distingue esses dois subgrupos é que enquanto no espalhar rumores (ERD, ERI), o alvo do boato normalmente não está presente no ato da agressão, na exclusão social verbal (ESVD) e não verbal indireta (ESNVI), a vítima a ser excluída está presente percebendo claramente a exclusão (ESVD) ou sendo excluída de forma disfarçada (ESNVI).

Relação entre agressão social e o sexo dos participantes

Nos resultados que relacionaram a agressão social com o sexo dos participantes, observou-se que as mulheres indicaram que testemunharam, ajudaram e sofreram como vítimas da agressão social mais do que os homens. Com destaque, significativamente maior, para o testemunho da manipulação de relacionamento indireto (MRI) e a exclusão social não verbal direta (ESNVD), e também na ajuda as vítimas da exclusão social não verbal direta (ESNVD), e nas sinalizações de terem sofrido como vítimas da manipulação de relacionamento indireto (MRI).

O homens, por sua vez, sinalizaram que praticaram mais a agressão social em 7 dos 8 subtipos estudados (MRD, MRI, ERD, ERI, ESVD, ESVI, ESNVD), com destaque, significativamente maior, para manipulação de relacionamento direto (MRD). O único subtipo de agressão social, que as mulheres sinalizaram que praticaram mais do que os homens, foi o da exclusão social não verbal indireta (ESNVI), mas sem diferença

significativa. Esses resultados sugerem que no contexto escolar pesquisado os homens tiveram mais facilidade para agredir socialmente do que as mulheres. Sentizando esses resultados, enquanto as mulheres assinalaram que testemunharam, ajudaram e sofreram a agressão social mais do que os homens, estes por sua vez, apontaram que agrediram mais.

Esses resultados apoiam parcialmente a hipótese H1 (A quantidade de estudantes pesquisados do sexo feminino, que indicaram que perceberam a ocorrência da agressão social, é significativamente maior do que os do sexo masculino).

A indicação de que as mulheres testemunharam e defenderam mais as vítimas da agressão social, com destaque para a exclusão social não verbal direta (ESNVD), está em sintonia com os resultados da pesquisa de Paquette e Underwood (1999), Underwood et al. (2004), e Underwood e Buhrmester (2007), que assinalaram as mulheres como mais perceptivas a exclusão social não verbal direta (ESNVD) do que os homens. Esses resultados, também apoiam parcialmente as pesquisas que sinalizam a defesa entre pares ser normalmente realizadas por pessoas do mesmo sexo, com as mulheres assumindo mais o papel de defensoras do que os homens (GOOSSENS et al., 2006, SAINIO et al., 2010; FITZPATRICK e BUSSEY, 2011)

A sinalização de que os homens foram mais agressivos, como destaque para a manipulação de relacionamento direto (MRD), apoia parcialmente os estudos de Underwood et al. (2004) e Underwood e Buhrmester (2007), que assinalaram os homens serem mais verbalmente agressivos, na presença da vítima, do que as mulheres.

Relação entre agressão social, a faixa etária e o ano em curso no Ensino Médio

Pesquisas sobre a agressão social sinalizam que a mesma surge na primeira infância, atingindo o seu apogeu na adolescência (ESPELAGE e SWEARER, 2003; KARRIKER-JAFFE et al., 2008; UNDERWOOD et al., 2009; FITZPATRICK e BUSSEY, 2011). Segundo D’Aurea-Tardeli (2014), nessa faixa etária é comum os jovens e adolescentes se unirem formando subculturas juvenis, denominadas de tribos, onde se expressam por meio da construção de um estilo próprio que envolve música, linguagem e estética, entre outras expressões culturais e sociais. Consequentemente, nessa faixa de idade, o valor que é dado a interação, avaliação e recompensas sociais oferecidas pelos pares favorece a utilização dos relacionamentos sociais como poderoso mecanismo de agressão, para infligir danos significativos a desafetos (MARINI et al., 2006; STEINBERG, 2010; FITZPATRICK e BUSSEY, 2011).

Nessa pesquisa a relação da agressão social com a faixa etária dos participantes, entre 14 e 20 anos, não apresentou diferenças significativas nos que indicaram terem testemunhado, ajudado às vítimas e sofrido como vítimas da agressão social. A sinalização de diferença significativa ocorreu apenas nos que indicaram a prática da agressão social de espalhar rumores diretamente (ERD), com uma frequência maior na faixa entre 19 e 20 anos, do que nos demais anos pesquisados.

Na relação com o ano em curso no Ensino Médio, não houve diferenças significativas, entre o 1º e o 4º ano, entre os que assinalaram a ajuda às vítimas da agressão social. Ocorreram diferenças significativas nas indicações de testemunho do espalhar rumores indiretamente (ERI), na prática de espalhar rumores diretamente (ERD), e na exclusão social não verbal indireta (ESNVI), como uma frequência maior nas sinalizações dos estudantes do 4º ano do Ensino, do que nos outros anos em curso. Esses resultados, com destaque maior para prática da agressão social na faixa entre 19 e 20 anos e no 4º ano do Ensino Médio, sugerem que o convívio escolar não teve efeito na redução da agressão social.

A análise desses resultados indicam apoio para a hipóteses H2 (A quantidade de estudantes pesquisados, na faixa entre 18 e 20 anos, que indicaram a prática da agressão social é maior do que os da faixa entre 14 e 17 anos) e H3 (A quantidade de estudantes pesquisados, cursando o 3º e 4º ano do Ensino Médio, que indicaram a prática da agressão social é significativamente maior do que os que estão cursando o 1º e 2º ano).

Esses resultados divergiram dos estudos realizados por Karriker-Jaffeet et al. (2008), que indicaram o pico na agressão social em torno dos 14 anos de idade. Essa divergência pode ser explicada pelo método de estudo empregado, número da amostra, e faixa etária dos pesquisados. Enquanto nessa investigação, a pesquisa foi de corte transversal, com uma amostra de 320 alunos, em uma faixa etária entre 14 e 20 anos, a pesquisa realizada por Karriker-Jaffeet et al. (2008) foi de corte longitudinal, com uma amostra de 6100 estudantes, entre 11 e 18 anos, de 3 municípios rurais, do estado da Carolina do Norte, EUA. Essas diferenças de metodologias e resultados, sinalizam a necessidade de se ampliar os estudos na relação entre a agressão social e a idade dos participantes.

7.2- Relação entre as frequências de respostas dos que indicaram terem praticado a agressão social e os mecanismos de desengajamento moral utilizados para justificá-la, levando em consideração o sexo, idade e ano cursado dos participantes.

A justificativa para o comportamento agressor, através dos mecanismos de desengajamento moral, foi amplamente analisado por diversos pesquisadores, que indicaram o desengajamento moral como um dos determinantes para o comportamento agressivo (BANDURA, 1978; 1986; 1991; BANDURA et al., 1996; BANDURA, 1999; 2002; OSOFSKY et al., 2005; TURNER, 2008; PORNARI e WOOD, 2010; FITZPATRICK e BUSSEY, 2011; THORNBERG e JUNGERT, 2012; PERREN e GUTZWILLER-HELFENFINGER, 2012; POZZOLI, et al.; 2012. TOGNETTA e ROSÁRIO, 2013; BUSSEY et. al., 2015; GINI, et al., 2015).

Os resultados dessa investigação indicaram a atribuição de culpa a vítima, como o mecanismo de desengajamento moral mais utilizado para justificar a prática da agressão social (45,27%), em ambos os sexos, em todas as faixas etárias e anos em curso no Ensino Médio, sendo mais utilizado na agressão social direta (60,91%) do que na indireta (32,33%). Utilizado principalmente para justificar a exclusão social verbal direta (ESVD), com 42,47% das justificativas. A desumanização, foi o segundo mecanismo de desengajamento moral mais utilizado na agressão social direta (13,64%), ocupando a terceira posição na agressão social indireta (16,54%).

Observou-se também, que o mecanismo de desengajamento moral de deslocamento de responsabilidade foi o mais utilizado para justificar a manipulação de relacionamento indireto (MRI), com 41,67%, das justificativas, sendo pouco utilizado nos subtipos de agressão social direta. Essa diferença ocorreu porque a manipulação de relacionamento indireto (MRI), nessa pesquisa, foi analisada pela questão: *“Você já exigiu secretamente que seus amigos(as) ou colegas deixem de se relacionar com determinado amigo(a) ou colega(a)?”*. Nessa questão se percebe a indicação de duas vítimas: o manipulado e o excluído. Nas justificativas para manipular a vítima, que é o objeto de análise dessa questão, normalmente o agressor justificou esse comportamento colocando a culpa no alvo da exclusão, que nesse contexto, foi categorizada como deslocamento de responsabilidade. É importante destacar as diferenças entre os mecanismos de desengajamento moral de atribuição de culpa e deslocamento de responsabilidade. Enquanto, na atribuição de culpa se responsabiliza a vítima pelo próprio sofrimento promovido pelo agressor, no deslocamento de responsabilidade se culpam as circunstâncias ou outras pessoas pelo sofrimento da vítima. Nesse caso, o

agressor justificou a manipulação da vítima deslocando a responsabilidade pela ação ou características do alvo da exclusão.

Esses resultados apoiam a hipótese de pesquisa H4, de que a quantidade de estudantes que justificaram a prática da agressão social por meio do mecanismo de desengajamento moral de atribuição de culpa a vítima é maior do que aqueles que justificaram essa prática com os outros mecanismos.

Esses resultados estão em sintonia com os estudos de Díaz-Aguado (2015), que assinalaram os agressores justificarem a conduta agressiva entre pares normalmente colocando a culpa na vítima. E nas pesquisas de Salmivalli (2010), sobre a agressão entre pares no contexto escolar como um fenômeno grupal, indicando que os agressores têm a tendência de atribuir a causa da agressão à própria vítima.

Relacionando a agressão social com o desengajamento moral e o sexo dos participantes, observou-se que os homens, com uma média de 50,39% das ocorrências, utilizaram mais justificativas com desengajamento moral do que as mulheres, com 49,61%, mas essa diferença não foi estatisticamente significativa. Entretanto, as mulheres apresentaram uma diferença estatisticamente maior na frequência de justificativas para a exclusão social verbal direta (ESVD), $p=0,053$, com 73,47% das sinalizações, do que os homens, com 50%.

Esses resultados não apoiam a hipótese H5, de que a quantidade de estudantes pesquisados do sexo masculino que justificaram a prática da agressão social com mecanismos de desengajamento moral é maior do que os do sexo feminino.

Esses resultados estão em concordância com os estudos realizados por Bandura et al. (1996), Bandura (2002) e Turner (2008), que indicaram os participantes do sexo masculino utilizando mais o desengajamento moral, do que os do sexo feminino.

Na relação entre agressão social, desengajamento moral e idade dos participantes, os estudantes da faixa entre 14 e 15 anos, com uma média de 53,83%, se desengajaram mais do que os de outras idades pesquisadas. Entretanto, os alunos do 4º ano e da faixa entre 19 e 20 anos, utilizaram mais o mecanismo de atribuição de culpa à vítima. É importante considerar que essas diferenças não foram significativas. Portanto, esses resultados não ofereceram apoio para a hipótese H6, de que a quantidade de estudantes pesquisados, na faixa entre 18 e 20 anos, que justificaram a prática da agressão social com mecanismos de desengajamento é maior, do que os da faixa entre 14 e 17 anos.

Esses resultados apoiam os estudos realizados por Bandura et al (1996), de que não houve diferenças significativas na prática do desengajamento moral em relação a idade dos pesquisados.

7.3- A relação das frequências de respostas dos alunos pesquisados do Ensino Médio que indicaram terem praticado a agressão social e também testemunhado, ajudado a vítima e sofrido como vítima do mesmo tipo de agressão.

Esta seção de discussão dos resultados está organizada em três partes: Na primeira, discute-se a relação entre as frequências de respostas dos que praticaram a agressão social e testemunharam a mesma agressão. Na segunda, é discutida a relação entre os que praticaram e sofreram como vítimas da mesma agressão. E na terceira, a discussão é realizada sobre a relação dos que praticaram e ajudaram as vítimas da mesma agressão social

Relação entre os participantes que indicaram terem agido como agressores e testemunharam a mesma agressão social.

Nessa investigação a relação entre as frequências de respostas, dos que indicaram a prática da agressão social e a testemunharam, foi sinalizada em média por 82,17% dos pesquisados, com destaque significativo em 5 dos 8 subtipos de agressão social estudados (MRD, MRI, ERD, ESNVD, ESNVI). Considerando o sexo dos participantes, os homens em média (18,86%) indicaram mais esse comportamento do que as mulheres (16,93%), em 7 dos 8 subtipos de agressão social analisados. Com destaque significativo para manipulação de relacionamento direto (MRD). As mulheres, por sua vez, indicaram que agiram mais como agressoras e testemunhas da exclusão social não verbal indireta (ESNVI). Entretanto, essa diferença não foi significativa. Esses resultados apoiam, parcialmente, a hipótese H7, de que a quantidade de estudantes pesquisados que indicaram terem agido como agressores e testemunhas da agressão social é maior do que os que indicaram terem agido apenas como agressores.

Considerando a faixa etária e ano em curso dos estudantes, houve uma frequência maior de respostas relacionadas a essa conduta, na faixa entre 19 e 20 anos, em 5 dos 8 subtipos de agressão social investigados, e o 4º ano do Ensino Médio, em 6 dos 8 subtipos de agressão social analisados.

Esses resultados sobre a relação entre os que indicaram que agrediram e testemunharam a mesma agressão, com destaque para essa conduta entre 19 e 20 anos e 4º ano do Ensino Médio, sinalizam que o contexto escolar facilitou ou não inibiu a

prática da agressão social, sugerindo a possibilidade da modelação desse comportamento agressivo no ambiente escolar.

Segundo Salmivalli (2010), o testemunho da agressão entre pares no contexto escolar não é uma experiência neutra, ao contrário, aqueles que a testemunham podem sofrer uma forte influência negativa da agressão observada. Como no caso dos agressores, dependendo do contexto, serem vistos como populares e poderosos. Os que testemunham a agressão, influenciados por esse contexto, podem se juntar a eles com o objetivo de melhorar seu status social na sala de aula.

Na perspectiva da Teoria Social Cognitiva, as pessoas aprendem a conduta agressiva observando o comportamento de outros e suas consequências, podendo desenvolver e até mesmo aprender novas formas de agressão nesse processo de modelação. Segundo Bandura (1978), existem três contextos principais de modelação do comportamento agressivo. O primeiro, e um dos mais importantes, é a família. Pais que utilizam ações agressivas no enfrentamento de conflitos, modelam o comportamento dos filhos, que tendem a usar as mesmas estratégias nos conflitos pessoais. A subcultura em que as pessoas estão inseridas, é o segundo contexto importante de modelação da agressão. Se uma comunidade tem muitos modelos agressivos e a agressão é considerada um valor, as pessoas que ali convivem tendem a expressar mais condutas agressivas.

O terceiro contexto de modelação do comportamento agressivo é a mídia. A exposição de modelos agressivos pelos meios de comunicação, podem promover a aprendizagem desses comportamentos. Além de desinibir condutas agressivas que estavam inibidas, os modelos agressivos divulgados pela mídia podem dessensibilizar os expectadores, pela diminuição das respostas emocionais e fisiológicas, ao testemunhar rotineiramente a agressão como forma normal de resolução de conflitos. A observação de modelos agressivos na mídia pode também modelar a imagem da realidade social, na qual as pessoas baseiam suas ações, levando-as a interpretar o contexto de suas interações sociais, de acordo com os estereótipos agressivos promovidos pela mídia, promovendo a ampliação da sensação de insegurança e desconfiança nas relações diárias (BANDURA, 1978). Em um estudo realizado por Coyne et al. (2006), com 422 adolescentes, observou-se que os mesmos foram expostos a agressão social cerca de 10 vezes mais na mídia televisa do que na escola. Segundo esses pesquisadores, essa exposição midiática, pode aumentar significativamente a agressão social no contexto escolar.

O comportamento agressivo, aprendido pelo processo de modelação, para ser exibido depende de um contexto que favoreça essa conduta (BANDURA, 1978; 1986; 1991). Segundo Salmivalli (2010), alguns contextos de sala de aula podem inibir o comportamento agressivo pela valorização das amizades e empatia, ou incentivar a agressão, conferindo prestígio e poder social aos agressores, pela valorização e não repreensão de sua conduta.

Salmivalli et al. (2007), realizou uma pesquisa com 2.578 adolescentes, de 109 salas de aula, de 43 escolas localizadas nos Países Baixos-Europa. Nesse estudo, observou-se que nas salas de aula em que a agressão entre pares não era um padrão de conduta valorizado, os adolescentes que se comportavam como agressores, tinham maior possibilidade de serem rejeitados, inibindo desta forma sua conduta. Entretanto, nas salas de aula, em que a agressão entre pares era um conduta comum, o adolescente agressor tinha menor possibilidade de ser rejeitado, podendo o mesmo não sofrer qualquer restrição da sua conduta, ou até mesmo ser valorizado. Essa investigação aponta a importância do contexto de sala aula na promoção ou inibição do comportamento agressivo.

Relação entre os participantes que indicaram terem agido como agressores e que sofreram como vítimas da agressão social.

Entre os pesquisados, em média 56,75%, indicaram que agiram como agressores e foram vítimas da mesma agressão social. Com destaque significativo em 4 dos 8 subtipos de agressão social investigados (MRD, MRI, ERD, ESNVI). Com relação ao sexo dos participantes, os homens em média (12,27%), sinalizaram mais essa conduta do que as mulheres (11,90%), com destaque significativo para a manipulação de relacionamento direto (MRD). As mulheres, por sua vez, apontaram que agiram mais como agressoras e de terem sofrido a agressão social, apenas na exclusão social não verbal indireta (ESNVI), entretanto, essa diferença não foi significativa. Na relação com a faixa etária e ano em curso dos estudantes, houve uma frequência maior de respostas relacionadas a essa conduta, na faixa entre 19 e 20 anos e 4º ano do Ensino Médio, em 5 dos 8 subtipos de agressão social.

Esses resultados não apoiam a hipótese de pesquisa H8, de que a quantidade de estudantes pesquisados que indicaram terem agido como agressores e vítimas é menor do que os que indicaram terem agido apenas como agressores.

Alguns estudos apontam que cerca de 4 a 6%, dos estudantes podem ser classificados como agressores e vítimas (SALMIVALLI, 2010). Em um estudo realizado por Marini et al. (2006), cerca de 33% dos alunos pesquisados foram identificados como agressores e vítimas.

Na perspectiva da Teoria Social Cognitiva, a relação agressor-vítima pode sugerir, além de outras possibilidades de interação entre fatores pessoais, comportamentais e ambientais, um comportamento agressor aprendido ao observar a conduta agressiva de outros, e as consequências sociais das mesmas. E, posteriormente, a exibição desse comportamento aprendido em um contexto favorável a essa conduta (BANDURA, 1978).

Relação entre os participantes que indicaram terem agido como agressores e defensores das vítimas da agressão social.

Ao estudar a agressão entre pares como um fenômeno grupal, Fitzpatrick e Bussey (2011), afirmaram que as pessoas podem se envolver em mais de um papel, como o de testemunha, defensor, agressor e vítima, dependendo dos diferentes contextos de interação. Para Bandura (2002), dadas condições sociais adequadas, pessoas decentes e comuns podem fazer coisas extraordinariamente cruéis.

No contexto escolar, dadas condições sociais propícias, tanto agressores como defensores podem ser valorizados socialmente (FITZPATRICK e BUSSEY, 2011; SALMIVALLI, 2010). Os agressores podem sofrer rejeição por um grupo de pares, ou serem percebidos como populares e poderosos por outros. Da mesma forma o defensor, que normalmente é valorizado, ao desafiar o comportamento do agressor para defender a vítima, dependendo do contexto escolar, pode correr o risco de se tornar o próximo alvo da agressão. Portanto, o contexto de sala aula pode favorecer ou apoiar a conduta que será mais valorizada e naturalmente exibida entre os pares. Se o comportamento agressor ou as amizades (SALMIVALLI, 2010).

Essa valorização do comportamento agressor e defensor, que depende do contexto de sala de aula para ser exibido, pode sugerir a compreensão dos resultados dessa pesquisa, no qual uma quantidade significativa de agressores, indicaram que também agiram como ajudadores das vítimas da agressão social. Em média (53,59%), dos estudantes pesquisados indicaram que agrediram e também auxiliaram as vítimas da mesma agressão. Com destaque significativo em 3 dos 7 subtipos de agressão social pesquisados (ERD, ESVI, ESNVI). Considerando o sexo dos participantes, os homens

em média (11,45%) sinalizaram uma frequência maior desse comportamento do que as mulheres (10,44%). Com destaque na manipulação de relacionamento direto (MRD). Apenas na exclusão não verbal indireta (ESNVI), as mulheres indicaram com uma frequência maior dessa conduta do que os homens, entretanto sem diferença significativa.

Esses resultados não apoiaram hipótese H9, em que a quantidade de estudantes pesquisados, que indicaram terem agido como agressores e ajudadores das vítimas da agressão social é menor do que os que indicaram terem agido apenas como agressores.

Na análise dos resultados dessa seção é interessante relacionar as indicações desses comportamentos com os mecanismos de desengajamento moral. Na comparação de todas as frequências dos que sinalizaram que agrediram e também foram testemunhas, vítimas e ajudadores das vítimas da mesma agressão social, o mecanismo de desengajamento moral mais utilizado para justificar a prática dessa agressão foi o de atribuição de culpa a vítima. Entretanto, os que agrediram e defenderam as vítimas da agressão social utilizaram mais esse mecanismo (65,00%), dos que os que agrediram e testemunharam (44,12%) e os que agrediram e foram vítimas da mesma agressão (57,14%). Esses resultados sinalizam que entre os que agrediram e ajudaram as vítimas, algumas vítimas foram consideradas culpadas pelo sofrimento que receberam, sugerindo que nem todas as vítimas da agressão social são potencialmente defendidas ou auxiliadas, por aqueles que se comportam como agressores e ajudadores das vítimas.

Segundo Sokol et al. (2015), normalmente as vítimas que expressam tristeza, têm maior possibilidade de serem defendidas, do que as vítimas que expressam irritação. Em um estudo realizado por Sainio et al. (2010), foi observado que 72,3 %, das vítimas pesquisadas, consideradas de elevado status social, foram defendidas por pelo menos um colega de classe. Enquanto que 27,7%, das vítimas consideradas de baixo status social, não tiveram nenhum tipo de defesa pelos colegas de classe, sofrendo desta forma além da vitimização, a rejeição e a menor aceitação social entre os pares. Neste contexto de análise, é possível que o defensor ou ajudador de uma vítima de elevado status social, possa também ser o agressor de uma outra vítima de menor aceitação e maior rejeição entre os pares.

Na perspectiva da Teoria Social Cognitiva, a decisão sobre a conduta moral a ser realizada, como ajudar ou agredir uma pessoa, depende além de um padrão moral pessoal valorizado socialmente, de uma constelação de outros fatores, que podem ter peso maior ou menor na decisão moral, dependendo do contexto de cada situação moral.

Entre os muitos fatores que são considerados para julgar a censurabilidade da conduta estão a natureza da transgressão, a sua taxa básica de ocorrência e nível de variação da norma estabelecida; os contextos em que é realizada e os motivadores situacionais e pessoais percebidos; a consequência imediata ou de longo alcance das ações; se produz danos pessoais ou danos materiais; se é dirigido a agências e corporações sem rosto ou a indivíduos; as características dos malfeitores, como sua idade, sexo, etnia e status social; e as características das vítimas e sua culpabilidade percebida (BANDURA, 1991, p.16 – Grifo Nosso)

Os resultados da relação das frequências de respostas dos alunos pesquisados do Ensino Médio que indicaram terem praticado a agressão social e também testemunhado, ajudado a vítima e sofrido como vítima do mesmo tipo de agressão, sugerem que a agressão social seja uma agressão situacional influenciada por contextos grupais de interação social. Há vários estudos sobre a agressão entre pares no contexto escolar, indicando a mesma como um fenômeno grupal (SALMIVALLI et al. 1996; ESPELAGE e SWEARER, 2003; MENESINI et al., 2003; SALMIVALLI, 2007; SAINIO et al., 2010; SALMIVALLI, 2010; FITZPATRICK e BUSSEY, 2011). Em um estudo realizado na Finlândia, com 7000 alunos, em 378 salas de aula, observou-se que 87% da agressão entre pares estava relacionada a fatores pessoais, e 13%, com contextos de sala de aula. Em outros estudos, as diferenças entre as salas de aula, se relacionaram entre 19% e 35%, com a agressão entre pares no contexto escolar (SALMIVALLI, 2010).

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados obtidos por essa pesquisa exploratória, bem como sua discussão posterior, sugerem que a agressão social seja um fenômeno grupal, praticada significativamente no contexto escolar por alunos e alunas, e justificada principalmente por meio do mecanismo de desengajamento moral de atribuição de culpa à vítima, seguido pelo de desumanização.

Estudos sobre os mecanismos de desengajamento moral, sugerem que a utilização maior de um mecanismo em detrimento de outros, depende do contexto de cada situação moral. Em um estudo realizado por Osofsky et al. (2005), que analisou o papel do desengajamento moral nos processos de execução penal, os mecanismos de desengajamento moral mais utilizados pelos carrascos foram os de justificação moral, delegação de responsabilidade e desumanização dos alvos da execução. Em outra investigação, realizada por Pornari e Wood (2010), sobre o papel do desengajamento moral nas agressões em ambiente virtual, os mecanismos mais utilizados para justificar a agressão tradicional entre pares foram a justificação moral, a linguagem eufemística e o deslocamento de responsabilidade. E no ambiente virtual, foi principalmente a justificação moral. No estudo realizado por Tognetta e Rosário (2013), sobre o bullying escolar, o mecanismo de desengajamento moral de deslocamento de responsabilidade foi o mais indicado em 29,70% das justificativas, seguido pela difusão de responsabilidade, com 28,10%, atribuição de culpa a vítima, com 27,40%, e desumanização, com 23,70%.

A agressão social, como fenômeno grupal, indica que alguns contextos de sala de sala podem inibir o comportamento agressivo, pela valorização das amizades e empatia, ou incentivar a agressão, pela valorização dos agressores e sua conduta (SALMIVALLI, 2010).

Na implantação de projetos de intervenção, que visem a redução da agressividade em contexto escolar, vários estudiosos indicaram a valorização das amizades e das relações empáticas entre pares para atingir esse objetivo (BANDURA, 1978, 1991, 1999, 2002; BANDURA et al., 1996; PRINSTEIN et al., 2001; ESPELAGE e SWEARER, 2003; MENESINI et al., 2003; SALMIVALLI, 2010; TOGNETTA et al., 2013; BUSSEY et al., 2015; GUTZWILLER-HELFFENFINGER, 2015).

Para Bandura (1978), o ato de ferir uma pessoa pode sinalizar um distanciamento ou desumanização da vítima. Agredir pessoas humanizadas e próximas

promove forte angústia vicariante, autocondenação e autodesvalorização no agressor. Portanto, personalizar e humanizar as pessoas pode ser uma forma eficaz de reduzir o comportamento agressivo.

Centrando-se sobre o bem-estar dos outros, os indivíduos são mais fortemente motivados a agir de acordo com seus padrões morais e de experimentar culpa e auto-condenação se violar esses padrões. (BUSSEY et al., 2015, p.13)

Bandura (1999), ao afirmar o poder da empatia ou humanização na redução da violência, cita o caso do segundo-tenente William Calley e do piloto de helicóptero Hugh Thompson. Na Guerra do Vietnã, em 1968, Calley ordenou que seus homens atirassem em tudo que se mexesse, iniciando o que foi conhecido como o massacre da aldeia MyLai, local em que os soldados americanos mataram cerca de 500 mulheres, crianças e idosos. Nesse contexto de extrema violência, o piloto de helicóptero, Hugh Thompson, que sobrevoava o local e viu a chacina, pousou sua aeronave e pediu a um dos soldados envolvidos no massacre, David Mitchell, que o ajudasse a retirar os feridos e obteve como resposta que o ajudaria a *“mandá-los para o inferno”*. A seguir Thompson procurou Calley, que aos gritos disse que estava cumprindo ordens. Ao ver uma mulher com uma criança no colo e outra agarrada em sua perna, na eminência de ser morta, Thompson fez a seguinte afirmação a um jornalista: *“Aquelas pessoas estavam me olhando e pedindo ajuda, não havia como dar as costas para elas.”* Então, ele moveu seu helicóptero para a linha de combate e ordenou ao seu atirador que atirasse nos soldados americanos que se aproximassem tentando ferir outros moradores. Thompson, participou do resgate dos últimos 12 sobreviventes, movido por forte sentimento empático e humanizador.

A humanização pode despertar sentimentos de empatia e forte senso de obrigação social, ligados a uma sanção autoavaliativa que motiva ações humanitárias em favor de outros. Podendo, inclusive em alguns casos, sacrificar interesses pessoais e até mesmo arriscar a própria vida para ajudar alguém. Exemplificando essa obrigação moral, Bandura (2002) cita os socorristas, que veem seu comportamento como um dever humano, no lugar de atos de heroísmo.

Há vários fatores ambientais e sociais que podem favorecer o enfraquecimento da humanização e empatia, como o crescimento da urbanização, a forte mobilidade geográfica, a segregação ou separação das pessoas em grupos, e a expansão da mídia virtual, entre outros. Para fortalecer a humanização são necessárias ações que diminuam

a impessoalidade, o anonimato e a distância entre as pessoas, promovida por estes e outros contextos sociais (BANDURA, 1978, 1991, 1999, 2002).

Bandura e seus colegas (1996) postularam que a adesão a padrões morais pode ser reforçada por uma série de fatores, incluindo a preocupação empática pelos outros, assumindo a responsabilidade pessoal pelas ações, não minimizando os efeitos prejudiciais das mesmas, e centrando-se na humanidade comum, no lugar das diferenças potenciais das vítimas. (BUSSEY et al., 2015, p.10)

Em um estudo realizado por Bussey et al. (2015), com 1152 adolescentes australianos, de 12 a 16 anos, observou-se a eficácia do poder moderador da empatia na redução da agressão e desengajamento moral.

A humanização para reduzir o desengajamento moral e a agressividade pode ser observada, no contexto brasileiro, no sistema prisional denominado de APAC, Associação de Proteção e Assistência ao Condenado. Uma ONG, iniciada em 1972, em São José dos Campos-SP, que administra cerca de 100 unidades prisionais, que tem como princípio a humanização no cumprimento das penas privativas de liberdade. (ALMEIDA, 2012). Nesse sistema, os detentos chamados de recuperandos, entram por uma porta com os seguintes dizeres: “Aqui entre o homem, o delito fica lá fora”. No processo de humanização, o recuperando não usa uniforme e é chamado pelo nome, no lugar de um número como ocorre no sistema prisional comum. Segundo Almeida (2012) e Pombo e Amaral (2016), esse sistema prisional custa cerca de um terço do sistema prisional comum. Porque nele os próprios detentos cuidam da alimentação, limpeza e de todos os demais afazeres da cadeia. São eles que fazem o pão e a comida, e cuidam da limpeza, pintura, e manutenção das instalações, até mesmo da portaria. Conforme Pombo e Amaral (2016), enquanto no sistema prisional comum estima-se que cerca de 70% volta a praticar o crime. No sistema APAC o índice de recuperação gira em torno de 85%. O ex-goleiro Bruno Fernandes de Souza do Flamengo, condenado por homicídio, fez a seguinte declaração sobre o APAC:

O sistema convencional é isso, um lixão, um depósito de gente. Na Apac, a pessoa consegue mudar de vida. Deixei de ser tratado como um número. Me devolveram meu nome. Deixei de usar um uniforme vermelho da Suapi (Subsecretaria de Administração Prisional) e voltei a usar a roupa que eu gosto... Depois que eu vim para cá eu voltei a ter esperança. Acendeu uma luz no fim do túnel. Reconheço que eu tenho que pagar a minha dívida com a justiça... Quando eu fui preso, eu não fui preso sozinho. Eu trouxe a minha família para dentro da cadeia. Um erro cometido, eu fiz todas essas pessoas sofrerem. Uma decisão meio que inconsequente, eu fiz essas pessoas chorarem. Eu vou lutar e vou dar a volta por cima. (POMBO e AMARAL, 2016)

Para pesquisas futuras, além da ampliação do estudo sobre a eficácia da implementação de projetos de humanização, para redução da agressividade e

desengajamento moral, sugere-se também que se mantenha a forma de coleta de dados sobre o desengajamento moral utilizado nesse estudo. Nessa pesquisa, os participantes não sinalizaram o nível de aceitação a um pensamento desengajado pré-estabelecido que estivesse de acordo com os mecanismos de desengajamento moral, como normalmente foi utilizado em pesquisas anteriores (BANDURA et al., 1996; HYMEL et al., 2005; JACKSON e SPARR, 2005; IGLESIAS et al., 2012; TOGNETTA e ROSÁRIO, 2013; GINI et al., 2014).

Nessa investigação a identificação dos mecanismos de desengajamento moral, foi realizada após a indicação dos pesquisados da praticada de uma forma de agressão social direta e indireta, seguida pela justificação dessa conduta agressiva em um questionário semi-estruturado. Desta forma, não se observou a concordância sobre um determinado pensamento desengajado, mas o próprio pensamento desengajado do participante. Entretanto, em muitos casos categorizados como sem desengajamento moral ou com dados insuficientes, não foi possível identificar se houve ou não a utilização dos mecanismos de desengajamento moral. Em pesquisas futuras, sugere-se que nessas situações haja uma entrevista para categorização mais precisa das justificativas.

Para melhor compreensão do fenômeno da agressão social no contexto escolar, sugere-se que em pesquisas futuras se amplie o tamanho da amostra para uma análise mais ampliada de todas as formas de agressão social e mecanismos de desengajamento moral. Sugere-se, também, a elaboração de questionários específicos para as agressões presenciais e virtuais, e que o número de participantes de ambos os sexos sejam mais equiparáveis.

Em pesquisas futuras pode-se ampliar os estudos sobre a relação da prática e defesa da vítima da mesma agressão social pelo mesmo sujeito. E também ampliar os estudos da relação entre agressão social como fenômeno grupal e a empatia, como projeto de intervenção para reduzi-la

REFERÊNCIAS

ABRAMO, H. W.; BRANCO P. P. M. (Orgs.). **Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Instituto de Cidadania e Fundação Perseu Abramo, 2005.

ABRAMOVAY, M. **Escola e violência**. Brasília: UNESCO no Brasil, 2003.

ABRAMOVAY, M. **Cotidiano das escolas: entre violências**. Brasília: UNESCO no Brasil, 2005. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0014/001452/145265POR.pdf>> Acesso em: 01 maio 2015.

ABRAMOVAY, M.; AVANCINI, M. F. **A violência e a escola: O caso Brasil**, 2005. Disponível em: <<http://www.ucb.br/observatorio/pdf/A%20Viol%EAncia%20e%20a%20Escola.pdf>> Acesso em: 01 maio 2015.

ALMEIDA, F. G. S. **A IMPORTÂNCIA DO MÉTODO DE ASSOCIAÇÃO E PROTEÇÃO AOS CONDENADOS (APAC) PARA O SISTEMA PRISIONAL BRASILEIRO**. Revista Direito & Dialogicidade, Ano III, v.III, p.1-9, 2012.

AMANTINO, M. **As Guerras Justas e a escravidão indígena em Minas Gerais nos séculos XVIII e XIX**. Varia hist.[online].vol.22, n.35, p.189-206, 2006.

ALVARENGA, C. E. A.; AZZI, R. G. **Autoeficácia computacional docente e o uso didático de tecnologias de informática**. I Encontro Internacional TIC e Educação, p. 67-74, Lisboa, 2010.

AQUINO, J. G. **A desordem na relação professor-aluno: indisciplina, moralidade e conhecimento**. In: AQUINO, J. G. (Org.). **Indisciplina na escola: Alternativas teóricas e práticas**. 3. ed. São Paulo: Sumus, p.39-55, 1996.

ARAÚJO, U. F. **O Ambiente Escolar Cooperativo e a Construção do Juízo Moral Infantil : Sete Anos de Estudo**. Rev. Online Bibl. Prof. Joel Martins, Campinas, SP, v.2, n.2 , p.1-12, fev.2001

ARCHER, J.; COYNE, S. M. **An Integrated Review of Indirect, Relational, and Social Aggression**. Personality and Social Psychology Review. Vol. 9, No. 3, p.212–230, 2005.

AVILÉS, J. **BULLYING GUIA PARA EDUCADORES**. Campinas – SP. Mercado de Letras, 2013.

AZZI, R. G.; GUERREIRO-CASANOVA, D. C.; DANTAS, M. A. **Autoeficácia acadêmica: possibilidade para refletir sobre o Ensino Médio**. EccoS – Rev. Cient., São Paulo, v. 12, n. 1, p. 51-67, jan./jun., 2010.

AZZI, R. G.; LIMA, E; ARAÚJO, E.; CORRÊA; W. G. **Relações Agressivas Entre Alunos do Ensino Médio Analisadas a Partir do Modelo de Agressão Social**. PSICOLOGIA: ENSINO & FORMAÇÃO, p. 121-138, 2015.

BANDURA, A.; AZZI, R. G.; TOGNETTA, L. A. (Orgs) **DESENGAJAMENTO MORAL. TEORIA E PESQUISA A PARTIR DA TEORIA SOCIAL COGNITIVA.** Campinas – SP, Mercado de Letras, 2015.

BANDURA, A. **Agression: A Social Learning Analysis.** Englewood Cliffs, N.J.: Prentice-Hall, 1973.

BANDURA, A. **Social Learning Theory of Aggression.** Journal of Communication, 12-29, 1978.

BANDURA, A.; WALTERS, R. H. **Adolescent Aggression.** New York: Ronald Press, 1959.

BANDURA, A.; WALTERS, R. H. **Social learning and personality development.** New York: Holt, Rinehart & Winston, 1963.

BANDURA, A. **Social foundations of thought and action: A social cognitive theory.** Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall, 1986.

BANDURA, A. **Social cognitive theory of moral thought and action.** In W. M. Kurtines & J. L., 1991.

BANDURA, A. **Moral disengagement in the perpetration of inhumanities.** Personality and Social Psychology Review, 3, p.193–209, 1999.

BANDURA, A. **Selective moral disengagement in the exercise of moral agency.** Journal of Moral Education, 31, p.101–119, 2002.

BANDURA, A.; AZZI, R. G.; POLYDORO, S. **Teoria Social Cognitiva – Conceitos Básicos.** Porto Alegre: Artmed, 2008.

BANDURA, A., et al. **Mechanisms of moral disengagement in the exercise of moral agency.** Journal of Personality and Social Psychology, 71, p.364–374, 1996.

BUSS, A. H. **The psychology of aggression.** New York: Wiley, 1961.

BUSSEY, K.; QUINN, C.; DOBSON, J. **The Moderating Role of Empathic Concern and Perspective Taking on the Relationship Between Moral Disengagement and Aggression.** Merrill-Palmer Quarterly, Vol. 61, No. 1, p. 10–29. January 2015.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional** – Lei nº 9394/1996, de 20 de dezembro de 1996.

BRASIL, SECRETARIA NACIONAL DE JUVENTUDE. Coordenação Geral de Políticas Transversais. Participatório - Observatório Participativo da Juventude. **Pesquisa Agenda Brasil: pesquisa nacional sobre o perfil e opinião dos jovens brasileiros - 2013.** Brasília: SNJ, 2013.

CAIRNS, R. B., et al. **Social Networks and Aggressive Behavior: Peer Support or Peer Rejection?** Developmental Psychology. Vol. 24, No. 6, p. 815-823, 1988.

CAMACHO, L. M. Y. **Violência e indisciplina nas práticas escolares de adolescentes: um estudo das realidades de duas escolas semelhantes e diferentes entre si.** Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

CAMACHO, L. M. Y. **As sutilezas das faces da violência nas práticas escolares de adolescentes.** Educação e Pesquisa, São Paulo, v.27, n.1, p. 123-140, jan./jun. 2001.

CARD, N. et al. **Direct and indirect aggression during childhood and adolescence: A meta-analytic review of gender differences, intercorrelations, and relations to maladjustment.** Child Dev 79, p.1185–1229, 2008.

CAURCEL, M. J. C.; ALMEIDA, A. **La perspectiva moral de las relaciones de victimización entre iguales: un análisis exploratorio de las atribuciones de adolescentes españoles y portugueses.** European Journal of Education an Psychology. v.1, n.1, p.51-68, 2008.

CHARLOT, B. **A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão.** Sociologias, 4(8), p. 432-443, 2002.

CHOMSKY, N. **Contendo a democracia.** RIBEIRO, V. (trad.). Rio de Janeiro: Record, p. 266-267, 2003.

COYNE, S.M.; ARCHER, J.; ESLEA, M. **“We’re not friends anymore! Unlessy”:** The frequency and harmfulness of indirect, relational, and social aggression. Aggr Behav 32, p. 294–307, 2006.

COLETA, J. A. C.; MIRANDA, H. C. N. **O Rebaixamento cognitivo, agressão verbal e outros constrangimentos e humilhações.** Trabalho apresentado na 26ª Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação. Poços de Caldas, MG, 2003.

CRICK, N. R.; GROTPETER, J. K. **Relational Aggression, Gender, and Social-Psychological Adjustment.** Child Development, 66, p. 710-722. 1995.

D’AUREA-TARDELI, D. **Esses adolescentes de hoje... vivem em tribos? O papel das tribos urbanas na formação da moral** In: TOGNETTA, L.R; VINHA, T. P. (Orgs.). Esses adolescentes de hoje... O desafio de educar moralmente para que a convivência seja um valor. Americana-SP, ADONIS, 2014

DAHLBERG, L. L.; KRUG, E. G.. **Violência: um problema global de saúde pública.** Ciênc. saúde coletiva, Rio de Janeiro , v. 11, supl. p. 1163-1178, 2006.

DEBARBIEUX, E. **Violências nas escolas: divergências sobre palavras e um desafio político.** In E. Debarbieux & C. Blaya (Orgs.), Violência nas escolas e políticas públicas, p. 59-87. Brasília: UNESCO, 2002.

DIAZ-AGUADO, M. J. **Da Violência Escolar à Cooperação em Sala de Aula.** Americana-SP, ADONIS, 2015.

ESPELAGE D. L.; SWEARER S. M. **Research on school bullying and victimization: What have we learned and where do we go from here?** School Psychol Review, V.32, N° 3, p. 365–383, 2003.

FESHBACH, N. D. **Sex differences in children's modes of aggressive responses toward outsiders** Merrill-Palmer Quarterly of Behavior and Development. Vol. 15, No. 3, p. 249-258, July, 1969.

FITZPATRICK, S; BUSSEY, K. **The development of the social bullying involvement scales.** Aggressive Behavior, 37, p.177-192, 2011

GALEN, B. R; UNDERWOOD, M. K. **A developmental investigation of social aggression among children.** Developmental Psychology, n. 33, p. 589–600, 1997.

GARCIA, J.; F.; TOGNETTA, L. R. P.; VINHA, T. P. **Indisciplina, conflitos e bullying na escola.** Campinas – SP, Mercado das Letras, 2013.

GINI, G.; POZZOLI, T.; BUSSEY, K. **The Role of Individual and Collective Moral Disengagement in Peer Aggression and Bystanding: A Multilevel Analysis.** J Abnorm Child Psychol, 43, p. 441–452, 2015.

GINI, G; POZZOLI, T.; BUSSEY, K. **Developmental Collective moral disengagement: Initial validation of a scale for adolescents.** European Journal of Developmental Psychology, Vol. 11, No. 3, p. 386–395, 2014.

GOOSSENS, F. A.; OLTHOF, T.; DEKKER, P. H. **New Participant Role Scales: Comparison Between Various Criteria for Assigning Roles and Indications for Their Validity.** AGGRESSIVE BEHAVIOR. V. 32, p. 343–357, 2006.

GUERREIRO-CASANOVA, D. C.; DANTAS, M. A. e AZZI, R. G. **Autoeficácia de alunos do ensino médio e nível de escolaridade dos pais.** 36 Estudos Interdisciplinares em Psicologia, Londrina, v. 2, n. 1, p. 36-55, jun. 2011.

GUTZWILLER-HELFENFINGER, E. **Moral Disengagement and Aggression: Comments on the Special Issue.** Merrill-Palmer Quarterly: Vol. 61, p.192-214, 2015.

HYMEL, S.; ROCKE-HENDERSON, N.; BONANNO, R.A. **Moral Disengagement: A Framework for Understanding Bullying Among Adolescents.** Journal of Social Sciences, Special Issue, No. 8, p. 1-11, 2005.

HOCK, R. R. **Forty Studies that changed Psychology.** Sixth Edition. New Jersey: Pearson Prentice Hall, 2009.

IGLESIAS, F. **Desengamento Moral** In: BANDURA, A; AZZI, R. G.; POLYDORO, S. et al. **Teoria Social Cognitiva – Conceitos Básicos.** Porto Alegre: Artmed, p. 165-174, 2008.

JACKSON, L. E.; SPARR, J. L. **Introducing a new scale for the measurement of moral disengagement in peace and conflict research.** Conflict e Communication online, Vol. 4, Nº2, p.1-16, Berlim, 2005.

KARRIKER-JAFFE, K. J. et al. **The Development of Aggression During Adolescence: Sex Differences in Trajectories of Physical and Social Aggression Among Youth in Rural Areas.** J Abnorm Child Psychol 36, p.1227–1236, 2008.

KELMAN, H. C. **Paper prepared for the Conference on System Criminality in International Law,** Amsterdam Center for International Law, 20–21 October, 2006.

KYRAWCZYK, N. (Org.). **Sociologia do Ensino Médio. Crítica ao economicismo na política educacional.** São Paulo, Cortez, 2014.

LAGERSPETZ, K. M. J.; BJORKQVIST, K; PELTONEN, T. **Is Indirect Aggression Typical of Females? Gender Differences in Aggressiveness in 11 to 12, Year Old Children.** Aggressive Behavior, V. 14, p.403-414. 1988.

LAJONQUIÈRE, L. **A criança, “sua” (in)disciplina e a psicanálise.** In: AQUINO, J. G. (Org.). **Indisciplina na escola: Alternativas teóricas e práticas.** 3. ed. São Paulo: Sumus, p. 39 – 55, 1996.

MARINI, Z. A.; DANE, A.V.; BOSACKI, S. L. **Direct and indirect bully-victims: Differential psychosocial risk factors associated with adolescents involved in bullying and victimization.** Aggr Behav 32, p.551–569, YLC-CURA, 2006.

MARRIEL, L. C.; ASSIS, S. G.; AVANCI, J. Q.; OLIVEIRA, R. V. C. **Violência escolar e auto-estima de adolescentes.** Cad. Pesqui. [online], 36, (127), p.35-50, 2006.

MENESINI, E.; CODECASA, E.; BENELLI, B., COWIE, H. **Enhancing children’s responsibility to take action against bullying: Evaluation of a befriending intervention in Italian middle schools.** Aggr Behav 29, p.10–14. 2003.

MILGRAM, S. **Obedience to authority: An experimental view.** New York: Harper & Row, 1974.

NETO, I. L.; IGLESIAS, F.; GÜNTHER, H. **Uma Medida de Justificativas de Motoristas para Infrações de Trânsito** PSICO - v. 43, n. 1, p. 7-13, jan./mar. 2012.

NJAINÉ, K; MINAYO, M.C.S. **Violência na escola: identificando pistas para a prevenção.** Interface (Botucatu) [online]. vol.7, n.13, p.119-134, 2003.

OLIVEIRA, E. C. S. e MARTINS, S. T. F. **Violência, sociedade e escola: da recusa do diálogo à falência da palavra.** *Psicol. Soc.* [online], vol.19, n.1, p. 90-98, 2007.

OLWEUS, D. **Annotation: Bullying at School: Basic Facts and Effects of a School Based Intervention Program.** J. Child Psychol Psychiat. Vol. 35. No. 7, p. 1171-1190, 1994.

OSOFSKY, M. J.; BANDURA, A.; ZIMBARDO, P. G. **The Role of Moral Disengagement in the Execution Process.** *Law and Human Behavior*, Vol. 29, No. 4, August 2005.

PAQUETTE, J. A; UNDERWOOD, M. K. **Gender differences in young adolescents' experiences of peer victimization: Social and physical aggression.** *Merrill-Palmer Quarterly*, 45, p. 242–266, 1999.

PERREN, S.; GUTZWILLER-HELFFENFINGER, E. **Cyberbullying and traditional bullying in adolescence: differential roles of moral disengagement, moral emotions, and moral values.** *European Journal of Developmental Psychology*, v. 9, n. 2, p. 195–209, 2012.

PLAN. Pesquisa “**O Bullying escolar no Brasil**”. Relatório Final. São Paulo: Plan, 2010.

POMBO, B.; e AMARAL, L. C. **Bruno na cadeia: tentativa de suicídio, facada, faxina e reencontro com a bola.** *globoesporte.globo.com*. Santa Luzia, MG. 17/05/2016. <http://globoesporte.globo.com/noticia/2016/05/bruno-na-cadeia-tentativa-de-suicidio-facada-faxina-e-reencontro-com-bola.html>. Acessado em: 18 mai. 2016.

PORNARI, C. D.; WOOD, J. **Peer and cyber aggression in secondary school students: the role of moral disengagement, hostile attribution bias, and outcome expectancies.** *Aggressive behavior*, v. 36, n. 2, p. 81–94, 2010.

PORTA, D. D. **Onde a Mão Limpas Errou.** *Veja*, São Paulo, Edição 2471, Ano 49, n.13, p. 13–17, Entrevista concedida a Pieter Zalis, 30 mar. 2016.

POZZOLI, T.; GINI, G.; VIENO, A. **Individual and Class Moral Disengagement in Bullying.** *AGGRESSIVE BEHAVIOR* Volume 38, p. 378–388, 2012.

PRINSTEIN, M. J.; BOERGERS, J.; VERNBERG, E. M. **Overt and Relational Aggression in Adolescents: Social–Psychological Adjustment of Aggressors and Victims.** *Journal of Clinical Child Psychology*, Vol. 30, No. 4, p. 479–491, 2001.

RAMOS, M. D. **Reflexões sobre o processo histórico-discursivo do uso da legítima defesa da honra no Brasil e a construção das mulheres.** *Rev. Estud. Fem.* [online]. vol.20, n.1, p. 53–73, 2012.

REGO, T. C. R. **A Indisciplina e o processo educativo: uma análise na perspectiva vygotskiana.** In: AQUINO, J. G. (Org.). **Indisciplina na escola: Alternativas teóricas e práticas.** 3. ed. São Paulo: Sumus, p. 83–101, 1996.

SÃO PAULO (Estado). Secretaria de Educação. **Manual de Proteção Escolar e Promoção da Cidadania – Sistema de Proteção Escolar**, São Paulo, 2009.

SALMIVALLI, C. et al. **Bullying as a group process: Participant roles and their relations to social status within the group.** *Aggressive Behavior*, 22, p.1–15, 1996.

SALMIVALLI, C. et al. **Person–Group Dissimilarity in Involvement in Bullying and Its Relation with Social Status.** *J Abnorm Child Psychol*, p.1009–1019, 2007.

SALMIVALLI, C. **Bullying and the peer group: A review.** *Aggression and Violent Behavior* 15, p.112–120, 2010.

SAMPIERI, R. H.; COLLADO, C. F.; LUCIO, P. B. **Metodologia de Pesquisa.** (5. ed.). Porto Alegre: Penso, 2013.

SAINIO, M. et al. **Victims and their defenders: A dyadic approach.** *International Journal of Behavioral Development*, p.144–151, 2010.

SOKOL, N. ; BUSSEY, K.; RAPEE, R. M. **The effect of victims' responses to overt bullying on same-sex peer bystander reactions.** *Journal of School Psychology* 53, p.375–391, 2015.

SPOSITO, M. P. **Percepções sobre jovens nas políticas públicas de redução de violência em meio escolar.** *Pro-Posições*, Campinas, vol.13, nº 3 (39), p. 71-83, set/dez. 2002.

SPOSITO, M. P. **Uma perspectiva não escolar no estudo sociológico da escola.** *Revista USP*, São Paulo, nº 57, p. 210-226, março/maio 2003.

STEINBERG, L. A. **behavioral scientist looks at the science of adolescent brain development.** *Brain and Cognition* 72, p. 160–164, 2010

STELKO-PEREIRA, A. C.; WILLIAMS, L. C. A. **Reflexões sobre o conceito de violência escolar e a busca por uma definição abrangente.** *Temas psicol.*[online].vol.18, n.1, p. 45-55, 2010.

TOGNETTA, L. R. P.; FRICK, L. T.; MENIN, M.S.S. **Um estudo sobre as relações entre os conflitos interpessoais e o bullying entre escolares.** *Reflexão e Ação (Online)*, v. 21, p. 92-112, 2013.

TOGNETTA, L.R; VINHA, T. P; BOZZA, T. L. **Esses adolescentes de hoje... convivem com o bullying na escola?** In: TOGNETTA, L.R; VINHA, T. P. (Orgs.). *Esses adolescentes de hoje... O desafio de educar moralmente para que a convivência seja um valor.* Americana-SP. ADONIS, 2014.

TOGNETTA, L. R. P.; ROSÁRIO, P. **Bullying: dimensões psicológicas no desenvolvimento moral.** *Revista Estudos em Avaliação Educacional.* Fundação Carlos Chagas, v. 24, no. 56, p. 106-137, São Paulo, setembro-dezembro 2013.

THORNBERG, R.; JUNGERT, T. **Bystander behavior in bullying situations: basic moral sensitivity, moral disengagement and defender self-efficacy.** *Journal of Adolescence*, 2012.

TRASSI, M. L.; MALVASI, P. A. **Violentamente pacíficos – desconstruindo a associação entre juventude e violência.** *Coleção Construindo o compromisso social da psicologia.* São Paulo: Cortez, 2010.

TURNER, R. M. **MORAL DISENGAGEMENT AS A PREDICTOR OF BULLYING AND AGGRESSION: ARE THERE GENDER DIFFERENCES?.** Presented to the Faculty of The Graduate College at the University of Nebraska In Partial Fulfillment of Requirements For the Degree of Doctor of Philosophy. Under the Supervision of Professor Susan M. Swearer Lincoln, Nebraska. April, 2008

UDEMO. **Pesquisa Violência nas Escolas. 2010.** Disponível em: <<http://www.udemo.org.br>>. Acesso em: 01 maio de 2015.

UNDERWOOD, K.; GALEN, B.R.; PAQUETTE, J.A. **Top ten challenges for understanding gender and aggression in children: Why can't we all just get along?** Soc Dev 10, p. 248–266, 2001.

UNDERWOOD, M. K. **Social Aggression Among Girls.** The Guilford series on social and emotional development. Guilford Press, 2003.

UNDERWOOD, M. K. **Glares of Contempt, Eye Rolls of Disgust and Turning Away to Exclude: Non-verbal Forms of Social Aggression among Girls.** Feminism & Psychology, 2004.

UNDERWOOD, M. K. et al. **An Observational Study of Social Exclusion Under Varied Conditions: Gender and Developmental Differences.** Child Development, , Volume 75, Number 5, p. 1538-1555. September/October 2004.

UNDERWOOD, M. K.; BUHRMESTER, D. **Friendship Features and Social Exclusion. An Observational Study Examining Gender Social Context.** Merrill-Palmer Quarterly, Vol. 53, No. 3, p. 412-438, July 2007.

UNDERWOOD, M. K.; BERON, K. J.; ROSEN, L. H. **Continuity and change in social and physical aggression from middle childhood through early adolescence.** Aggressive Behavior, 35(5), p.357–375, 2009.

UNDERWOOD, M. K.; ROSEN, L. H. **Facial attractiveness as a moderator of the association between social and physical aggression and popularity in adolescents.** Journal of School Psychology 48, p. 313–333, 2010.

UNDERWOOD, M. K. et al. **The BlackBerry Project: Capturing the Content of Adolescents' Text Messaging.** Developmental Psychology, Vol. 48, No. 2, p. 295–302, 2012.

VICENTIN, V. F. **Esses adolescentes de hoje... são mesmo agressivos ou estão fadados à submissão?** In: TOGNETTA, L.R; VINHA, T. P. (Orgs.). Esses adolescentes de hoje... O desafio de educar moralmente para que a convivência seja um valor. Americana-SP. ADONIS, 2014.

VINHA, T. P.; TOGNETTA, L. P. . **Os conflitos interpessoais no Brasil e as violências escondidas.** INFAD (Barcelona), v. 7, p. 323-332, 2014.

WAISELFISZ, J. J. Mapa da Violência 2015: Juventude Viva - Mortes Matadas por Armas de Fogo. Secretaria Nacional de Juventude e Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial. Brasília. Brasil, 2015.

WENDT, G. W.; CAMPOS, D. M., LISBOA, C. S. M. Agressão entre pares e vitimização no contexto escolar: bullying, cyberbullying e os desafios para a educação contemporânea. Universidade do Vale do Rio dos Sinos. São Leopoldo, Rio Grande do Sul, 2010.

XIE, H. ; CAIRNS, R. B.; CAIRNS, B. D. The Development of Social Aggression and Physical Aggression: A Narrative Analysis of Interpersonal Conflicts. AGGRESSIVE BEHAVIOR. V. 28, p. 341–355, 2002.

ANEXOS

ANEXO A – CATEGORIZAÇÃO DAS JUSTIFICATIVAS PARA PRÁTICA DA AGRESSÃO SOCIAL DE ACORDO COM OS MECANISMOS DE DESENGAJAMENTO MORAL

O presente estudo categorizou as respostas abertas dos participantes, referentes as justificativas para as respostas de participação ou não na pratica da agressão social, afim de torna-las passíveis de análise quantitativa. Foram previamente estabelecidas 11 (onze) categorias que correspondem aos 8 (oito) mecanismos de desengajamento moral criados por Bandura (1978) – justificação moral, comparação vantajosa, linguagem eufemística, difusão de responsabilidade, deslocamento de responsabilidade, minimização das consequências, atribuição de culpa à vítima – justificativas sem desengajamento moral ou com dados insuficientes, comportamentos sem justificativas e missing.

A seguir serão apresentadas as descrições de cada uma das 11 (onze) categorias acompanhadas das respectivas justificativas de acordo com o sexo dos participantes.

1- Justificação Moral

Segundo Bandura (2002), a justificação moral é percebida quando o indivíduo justifica o seu comportamento antissocial como a serviço de um valor socialmente reconhecido. A ação danosa é justificada por sua função e consequências.

Neste estudo, as justificativas classificadas como integrantes desta categoria incluem respostas que atribuem ao comportamento agressivo as funções de autopreservação, defesa de seus pares e até mesmo da vítima, e também de estar a serviço de princípios morais como a franqueza, reciprocidade e liberdade de escolha.

Algumas respostas referentes às questões sobre manipulação de relacionamento indireto exigem uma atenção especial, pois podem justificar este tipo de agressão social atribuindo a ele a função de defesa de alguém, como a própria vítima de manipulação, e ainda justificar um comportamento de exclusão social de uma terceira pessoa responsabilizando a vítima da exclusão, devido as suas ações ou características. Assim, a justificação moral serve como justificativa para a manipulação do relacionamento, que é o comportamento em questão, e um outro mecanismo de desengajamento serve para justificar a exclusão social, tipo de agressão que não é avaliado por tal questão. Exemplo:

“Sim. Boa parte dos momentos que fiz foi para ajuda-lo, pois, a tal pessoa não era de boa índole”.

Seguem as respostas categorizadas como justificaco moral, conforme critérios descritos anteriormente:

Feminino	Masculino
<p>a) Autoproteco</p> <ul style="list-style-type: none"> • Sim pois estava me prejudicando e fazendo mal aos demais. • Já combinei porque a relao estava difícil e estava prejudicando a mim e a outras pessoas. • Por coisas que a pessoa fez comigo e eu gostei e não me fizeram bem eu resolvi não me relacionar mais com ela. <p>b) Para o bem e defesa dos pares</p> <ul style="list-style-type: none"> • Porque eu não queria magoar a pessoa que não seria convidada. • Não querer a presena da pessoa, sem que ela saiba para não chatear. <p>c) Princípios morais de franqueza, reciprocidade e liberdade de escolha.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Eu cobro muito das minhas amigas. Quero que faam por mim o que eu fao por elas. • Se eu não quero mais fazer atividades juntos ou sair a escolha  minha, não  agresso. • Sim, sou sincera • Fiz isso pois procuro deixar bem claro quando alguém me desagrada. 	<p>a) Autoproteco</p> <ul style="list-style-type: none"> • Fiz isso para proteger meu namoro. • Por prevenir certas situaoes. • Pois a companhia dele estava fazendo mal. <p>b) Para o bem e defesa dos pares</p> <ul style="list-style-type: none"> • Era para o bem deles (2 ocorrências) • Livrar ele de fazer algo errado • Sim. Boa parte dos momentos que fiz isso foi para "ajudá-lo" pois a tal pessoa não era de boa indole. • Porque a pessoa atrapalhava no momento e o grupo precisava focar (TCC). • Pois gosto de prevenir as pessoas de situaoes de risco. • Gosto da verdade.

2- Linguagem Eufemística

O mecanismo denominado linguagem eufemística se refere  tentativa de atribuir caráter mais aceitável  ao antissocial alterando apenas a sua nomenclatura. Nomear suas aoes repreensíveis com palavras em formas diminutivas ou termos sanitaristas, como quando chamamos uma agresso física de tapinha, um suborno de cafezinho ou a excluso de pessoas de limpeza do ambiente, são exemplos do uso da linguagem eufemística (Bandura, 2002).

Esta categoria de respostas reúne justificativas em que os comportamentos agressivos descritos nos enunciados das questoes têm alteradas as formas pelas quais são chamados. Diferentes formas de agresso são chamadas de brincadeira ou zueira, a ao de exigir  denominada como dar conselho ou decidir junto e espalhar boatos se torna relatar fatos ou dizer verdades. Seguem as respostas categorizadas como linguagem eufemística conforme critérios descritos anteriormente:

Feminino	Masculino
<p>a) Brincadeira ou Zoeira</p> <ul style="list-style-type: none"> • Por brincadeira. (3 ocorrências) • Talvez porque era imaturo não me lembro muito bem, poderia falar na brincadeira. • Sim, mas na brincadeira. Nunca foi uma coisa seria. • Já disse mas não foi maldade, foi por brincadeira. Porque sempre eu a chamava e ela não ia, pois isso disse que não a convidaria mais. • Era tudo nome da zueira... não para excluir. • Somente na brincadeira, e depois com conscientização. • Costumo fazer algumas brincadeiras desse tipo as vezes. <p>b) Conselho, pedido ou orientação</p> <ul style="list-style-type: none"> • Não foi bem exigir, mais sim um conselho, pois determinada pessoa com quem ela estava andando lhe oferecia bebidas. • Uma briga no grupo, e decidimos nos afastar. • Exigir não, mas pedir sim. Já fui amiga de certas pessoas que depois mostraram não ser o que eram antes. <p>c) Relato de fatos e verdade</p> <ul style="list-style-type: none"> • Eram verdadeiros. • Não eram boatos e sim fatos, porém não com a intenção de compromete-lo. • Não espalhei boatos, mas desabafei com uma amiga. • Compartilhava o que era verdade 	<p>a) Brincadeira ou Zoeira</p> <ul style="list-style-type: none"> • Por brincadeira. (1 ocorrências) • Zueira (eramos todos amigos) • Não diria maldosos pois na maioria das vezes é por uma brincadeira era um que de pontos de vista. • Pela zueira. (2 ocorrências) • Mais eu estava só brincando. • Mais por brincadeira. • Normalmente como uma "zoeira" entre amigos com alguém que o grupo não gosta. <p>c) Relato de fatos e verdade</p> <ul style="list-style-type: none"> • Não era boato, apenas relatei o ocorrido. • Apenas relatei o ocorrido.

3- Comparação Vantajosa

O mecanismo de desengajamento moral denominado comparação vantajosa atua na tentativa de amenizar o caráter repreensível de uma ação danosa comparando-a a algum outro comportamento que sofra maior rejeição social (Bandura, 2002).

A categoria de respostas denominada Comparação Vantajosa reúne as respostas dos participantes que justificam suas ações comparando-as a outros comportamentos antissociais ou comparando-as a alternativas para suas próprias ações. Seguem as respostas categorizadas como comparação vantajosa conforme critérios descritos anteriormente:

Feminino	Masculino
<ul style="list-style-type: none"> • Sim, decidi falar logo do que ficar agindo de má fé • Prefiro falar para o próprio do que nas costas. • “Não foi por mal, mas eu não queria estar com a pessoa, então para não tratar ela mal, não convidei”. 	<p style="text-align: center;">-----</p>

4- Deslocamento de Responsabilidade

As autossanções morais são ativadas de forma intensa quando as pessoas se percebem claramente responsáveis pela ação prejudicial praticada. O deslocamento de responsabilidade opera obscurecendo, distorcendo ou minimizando a agência pessoal na conduta contrária ao padrão moral, deslocando a responsabilidade pela ação a uma autoridade legítima, terceiros ou a determinadas circunstâncias. (BANDURA, 1991, 2015).

Nesta pesquisa, as justificativas identificadas como integrantes desta categoria incluem respostas que deslocam a responsabilidade pelo comportamento agressivo a influência de terceiros ou a determinados contextos situacionais. Segue respostas categorizadas como deslocamento de responsabilidade conforme esses critérios descritos:

Feminino	Masculino
<p>a) Deslocamento de responsabilidade a terceiros:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Sim , pois as pessoas me afetaram também. • Sim, por influencia de outros. • Já caçoei de pessoas com outros amigos, por "força" do grupo. • Já fui na onda dos outros, ou fazia para provocar. • Porque eu era muito criança e fiz isso porque faziam comigo também. <p>b) Deslocamento da responsabilidade a determinados contextossituacionais:</p> <ul style="list-style-type: none"> • circunstâncias e acontecimentos (2 ocorrências) • O mesmo ter ocorrido comigo (2 ocorrências) • Por conta de alguns acontecimentos. • Já fiz isso pelo que passei no passado. 	<p>a) Deslocamento de responsabilidade a terceiros:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Porque falava-se de mim

É necessária uma atenção especial nas justificativas que tratam do deslocamento de responsabilidade nas questões que se referem a prática da agressão social por meio da manipulação de relacionamento indireto. Nessa agressão manipula-se o relacionamento de uma pessoa para atingir um terceiro, procurando convencê-la secretamente a gerar dano social à vítima. Esta investigação foi realizada com seguinte questão: *“Você já exigiu secretamente que seus amigos(as) ou colegas deixem de se relacionar com determinado amigo(a) ou colega(a)?”* É importante destacar que neste caso há duas vítimas: o manipulado e o excluído, com o agressor em alguns casos justificando a conduta de manipulação da vítima pelas características ou conduta do excluído. Como pode se verificar nas respostas categorizadas como deslocamento de responsabilidade segundo esse critério:

Feminino	Masculino
<ul style="list-style-type: none"> • Pois a pessoa estava dando em cima do namorado de todos da turma. • Pois a pessoa fazia muitas coisas improprias. • Sim, pois muitas vezes o individuo não era "sociavel" mesmo pelas suas atitudes. • Por atitudes más das pessoas • Pela pessoa ser um espalhador de boatos falsos. • Por determinada atitude da pessoa. • Sim. Pois eu achava que uma tal pessoa não tinha um bom caráter. • Achava que não era uma pessoa de caráter para andar com minha amiga • Sim, pois a pessoa era esnobe e mesquinha. • Sim, pois as vezes esse alguém me magoou muito. • Porque a pessoa em questao estava espalhando boatos de todos. • Eu agi dessa forma porque a pessoa que foi escolhida não era verdadeiro e com caráter. • Porque ela foi ignorante • Porque a pessoa era uma má influencia. • Por não gostar da pessoa ou das atitudes da mesma. • Porque tem pessoas que eu não gosto e acho que são erradas. • Infelizmente sim pelo fato de não me 	<ul style="list-style-type: none"> • Por causa da má influência da pessoa (drogas). • O cara deu mancada com a galera. • Pois a pessoa falava mal de nós por trás. • Porque ele não gostava de mim. • Porque o meu amigo mancada grande comigo deu uma. • Pelas atitudes tomadas • Porque ele falava coisas de mim que não era certo, e disse para meus amigos evitarem ele. • Achar que ele(a) não era uma boa pessoa. • O cara era chato.

<p>relacionar com a pessoa, e não tolerar algumas atitudes.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Sim, pois senti que fazia mal para mim e outros amigos, pedi para que se afastasse. • Por conta de não saber se aquela pessoa não iria fazer bem. • Sim. A pessoa estava irritando a todos 	
--	--

5- Difusão de Responsabilidade

A força das autossanções morais são enfraquecidas quando a relação entre a conduta e os efeitos do comportamento condenável é obscurecido, distorcido ou minimizado pela difusão da responsabilidade da agencia pessoal. Isto pode ser feita por meio da divisão do trabalho, que favorece o distanciamento da tarefa realizada com a consequência final da ação; pela conduta coletiva, na qual a responsabilidade por um comportamento prejudicial realizado em grupo pode ser atribuída ao grupo ou a qualquer membro. E pela decisão coletiva, que favorece a pessoa não se considerar responsável pela mesma. Onde todos são responsáveis, ninguém se percebe realmente responsável. (BANDURA, 1991, 1999).

As justificativas identificadas como integrantes deste mecanismo de desengajamento moral, incluem respostas que difundem a responsabilidade pelo comportamento agressivo justificando-o como uma ação coletiva. Segue as respostas categorizadas nesse critério.

Feminino	Masculino
<ul style="list-style-type: none"> • Sim, quem nunca fez um boato maldoso? 	<ul style="list-style-type: none"> • As vezes já cometi isso, ao estar em um grupo de pessoas que estavam apontando defeitos sobre "o colega em questão, e sem perceber, eu eu colaborei com o comentário maldoso sobre a pessoa.

6- Minimização das Consequências

Minimização das consequências é o nome do mecanismo de desengajamento moral que atua sobre a percepção das consequências geradas pela ação do indivíduo. Determinado comportamento pode perder seu caráter repreensível quando suas consequências danosas são ignoradas, minimizadas ou distorcidas. As pessoas tendem a não se culparem por ações que não produzem prejuízos que sejam percebidos (BANDURA, 2002).

As justificativas que compõem esta categoria de respostas minimizam ou até negam os efeitos prejudiciais do comportamento agressivo, relatando-os como “nada de mais” ou corriqueiro, ou ainda negando a existência de dano por falta do conhecimento da vítima sobre a agressão. Há também a possibilidade de distorção das consequências, quando o agressor percebe os efeitos do seu comportamento antissocial como positivos para a vítima. Segue respostas categorizadas nesses critérios:

Feminino	Masculino
<p>a) Distorção do prejuízo considerando-a como ação corriqueira e descontraída que não faz mal:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Sim, com amigos para fazer drama apenas.” • Fiquei de mal com as pessoas mas nada demais, amigos brigam. • No momento foi engraçado. • Momentos de descontração. • Sim, era engraçado. <p>a) Ação sem prejuízo por desconhecimento da vítima:</p> <ul style="list-style-type: none"> • O fato de achar que a pessoa nunca vai saber 	<p>-----</p>

7- Desumanização

A desumanização atua na elaboração do pensamento sobre a vítima considerando-a como destituída de qualidades humanas ou possuidora de atributos desumanos, ou ainda a depreciando, dificultando assim a percepção de similaridades com a vítima. O que, por sua vez, dificulta a ativação de emoções empáticas ou vicárias. Este mecanismo libera o indivíduo a agir em relação à vítima sem o mesmo nível de exigência que o tratamento dirigido a outro ser humano requer. Por este motivo, segundo Bandura (2015), a distinção das pessoas entre pertencentes ou não ao seu grupo favorecem desconsiderar o bem-estar dos que estão fora dele.

Esta categoria é composta por respostas que justificam as ações agressivas destacando características depreciativas da vítima, o não pertencimento da vítima ao grupo e a falta de identificação com ela. Seguem as respostas categorizadas conforme critérios descritos anteriormente:

Feminino	Masculino
<p>a) Características depreciativa da vítima:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Porque tem gente muito preguiçosa relacionado a isso e as vezes você tem 	<p>a) Características depreciativa da vítima:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Porque ele era chato. • Pelo jeito dele ser

<p>que dar um tranco.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Achava que o cara era um verdadeiro idiota. • Provavelmente essa pessoa era um pouco inconveniente. • A pessoa não sabia se comportar • Ele era muito parado. • Pela pessoa ser inconveniente as vezes, eu achei necessário. • Se a pessoa não é muito sociável, não há motivos para termos que aturar a presença dela. • A pessoa era chata e eu tinha 10 anos. • Tive motivos pra isso, pois não era uma boa pessoa para mim. • Porque ou a pessoa era muito chata ou falsa ou os dois. • Na 4ª série, eu tinha um(a) colega negro e não gostava, e falava pros colegas não falarem ou brincarem com ele(a). Mas já aprendi. • Porque tem pessoas que as vezes são chatas. • A pessoa era chata. • Sim, ele era chato. • Porque ele era falso • Não era uma pessoa agradável. • Ele não era legal e era sem graça. • Por não querer algum tipo de relacionamento com o individuo; Assim jugando-o inconveniente. • Porque o colega em si se sentia superior. • Pessoa mentirosa. • Porque tem pessoas que eu não gosto e são chatas. • A pessoa ser falsa ou muito chata 	<ul style="list-style-type: none"> • A pessoa era chata • Porque o cara é o mais chato de todos • Por desprazer com a pessoa ou mudança no caráter da mesma. • Pessoa inconveniente. • Porque sabia que era falsa a pessoa. • Porque a pessoa era falsa. • Porque ele era muito chato <p>b) O não pertencimento da vítima ao grupo ou falta de identificação com a mesma:</p> <ul style="list-style-type: none"> • A pessoa não se encaixava no grupo. • O cara era novo na sala.
--	---

8- Atribuição de Culpa

Considerar os destinatários da conduta prejudicial como responsáveis pelo seu próprio sofrimento é um recurso eficaz para evitar autossanções condenatórias. O mecanismo de atribuição de culpa considera a vítima ou as circunstâncias vivenciadas por ela como as responsáveis pela ação antissocial. Nesse processo o agente da conduta danosa considera sua ação como forçada por provocação de uma ação ou situação vivida pela própria vítima (BANDURA, 1991, 1999).

Nesta investigação, as respostas identificadas como atribuição de culpa envolvem justificativas para a conduta prejudicial uma agressão anterior da vítima e o não atendimento de uma demanda do agressor. Seguem as respostas conforme critérios descritos anteriormente:

Feminino	Masculino
<p>a) Conduta prejudicial da vítima:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Era algo recíproco, também passava pelo mesmo. • Porque meu amigo não tinha respeito. • Por achar que o indivíduo estava errado/faz algo errado. • Fiz isso com uma pessoa que também havia espalhado boatos meus. • Porque de certa forma a pessoa me ofendeu. • A pessoa me traiu. • Pois não gostava da pessoa e/ou porque ela fez algo de ruim para mim. • A pessoa também tinha feito comigo, foi tipo uma vingança mas hoje sei que não posso fazer isso. • Vingança • Quando me faziam mal • Sim, pois ele havia feito o mesmo! Porém, me arrependi e pedi desculpas, ninguém ganha nada com isso • Sim, quando a pessoa age igual comigo. • Vingança • Pois me traiu, traiu minha confiança Sim, pois uma vez o meu colega bebeu e ficou caçando brigas; daí no grupo do whats e pessoalmente falamos(mesmo que na brincadeira). • Já disse por na maioria das vezes o outro estar agindo de maneira falsa • Por ser uma pessoa que espalha boatos falsos. • Porque ele agiu de má fé com o grupo • Já fiz isso com uma "amiga" que deu mancada. • Porque a pessoa fez o mesmo • Porque ele foi falso comigo • Sim. Atitude da pessoa, que por vezes foi diferente da minha. Cabeça quente nos faz falar sem pensar. • Essa pessoa já tinha zoadado com a 	<p>a) Conduta prejudicial da vítima:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Porque a pessoa tinha feito mal para nós dois e só eu via isso. • Fez mesmo comigo, apenas revidei. • A menina tinha me traído, aí espalhei histórias dela (me arrependo e já me desculpei pessoalmente). • Para revidar alguma atitude que essa pessoa fez e me magoou. • Porque a pessoa fez algo ruim comigo, daí disse o que ocorreu. • Por falar de mim também. • Já aconteceu, principalmente por falta de afinidade ou mancadas feitas pela outra pessoa. • O cara sempre bebia e dava trabalho. • Porque ele deu relaxo • O cara nem era nosso amigo e ficava entrosando nos "rolê". • Sim, por motivo em que esse colega prejudicava o grupo. • Achar que ele(a) estava envolvido com coisas erradas. • Ele tinha espalhado boatos sobre mim. • Esta determinada pessoa agiu de má fé também, então me interessei. • Para desprezá-lo por suas atitudes. • Porque a pessoa já havia me desprezado. <p>b) Não atendimento a uma demanda do agressor:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Porque já havia pedido por um tempão, e era algo que ele me devia. • Ele sempre não aceitava nada. • Por alguma atitude que teve comigo que me entristeceu. • Sim pois fiquei muito bravo com atitudes dele. • Ele não estava realizando sua função, no grupo de TCC. • Eu tenho me decepcionado com essa pessoa.

<p>minha cara.</p> <ul style="list-style-type: none"> • O que me levou a fazer isso foi a pessoa me deixar chateada • Porque ele não tinha um bom comportamento e ele não respeita ninguém. • Já fiz isso com uma "amiga" que deu mancada. • Esta determinada pessoa agiu de má fé também, então me interessei. • Pois a pessoa dava muito trabalho, arrumava briga. • Pois a pessoa não agia de maneira justa com as pessoas do âmbito • Sim, a pessoa estava irritando a todos. Não aguentava mais os ""chiliques"" dela. • Se ele tivesse feito alguma coisa desagradável sim. • Quando me fazem mal ou dão mancada. • Se a pessoa me magoou ou me deixar com raiva eu me afasto. • Porque a pessoa mereceu • Meu ex pois ele não me deixava em paz. • Já fiz isso com uma "amiga" que deu mancada. • Porque deu em cima do meu namorado. • Sim, pois a pessoa me estressou e não agiu de maneira correta • A pessoa mereceu. • Fiz isso porque minha amiga me magoou muito • Ele havia feito algo que me magoou • Sim, a pessoa tinha dado relaxoFiz, pois ela também fazia comigo. • A pessoa falou mal de mim e dos meus amigos pelas costas. • A pessoa falou mal de meio mundo e depois veio com graça. • Algumas pessoas não respeitam e não merecerem ser respeitadas. • Pela atitude errada da pessoa. • Já fiz isso com uma "amiga" que deu mancada. • Apenas revidei. • Esta determinada pessoa agiu de má fé também, então me interessei. 	<ul style="list-style-type: none"> • Sempre que eu o convidava ele nunca ia... então cansei de convidar. • Algumas atitudes estranhas do colega • Nunca ia quando chamado. • Por que ele estava me tratando diferente não sei porque. • Porque alguém não me gosta assim, eu entendo e faço o mesmo.. • Para desprezá-lo, por não concordar com algumas atitudes do mesmo.
---	--

- Sim, pois esse alguém fez algo que me magoou.
 - Porque pessoa merecia
 - Presença ou conversa chata
 - Raiva da pessoa pois havia feito algo que não gostei
 - Só quando a pessoa faz comentários que são maldosos ou está mentindo
- b) Não atendimento a uma demanda do agressor:**
- Falta de ajuda em trabalhos escolares.
 - Uma atitude que não gostei da pessoa.
 - Pois não foi nos eventos anteriores convidado.
 - Porque fez algo que não me agradou da ultima vez.
 - Sim, pois para sair com os amigos, ela dizia que não podia. Agora com o namorado podia...
 - Porque não me ajudou a fazer nada em provas
 - Por falta de compromisso em muitos eventos por parte dele/a.
 - Pois ele não ia quando chamado.
 - Disse, pois não concordava com determinadas atitudes.
 - Por já ter convidado muitas vezes e ele nunca aceitou.
 - Nunca ia em nada que era convidado.
 - A pessoa não fazia nada nos trabalhos.
 - Porque ele nunca comparecia.
 - Ele havia marcado e desmarcado muitas vezes
 - A pessoa não compartilhava dos mesmos gostos da turma.
 - Sim, pois para sair com os amigos, ela dizia que não podia. Agora com o namorado podia...
 - Toda vez que nós chamamos a pessoa não ia.
 - Algumas atitudes da qual não achava certo, porem sei que fiz errado agora
 - Ficava só no celular conversando com o namorado.
 - Porque a pessoa já tinha ido uma vez e desagradado a todos.
 - A pessoa não fazia nada nos trabalhos.
 - Ele sempre era convidado mas arruma

<p>desculpas sempre, aí paramos de chamar.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Pois a pessoa teve uma atitude que fez com que eu me afastasse. • Presença ou conversa chata • Raiva da pessoa pois havia feito algo que não gostei • Porque teve atitudes que me stressaram • Por não concordar com a forma de agir da pessoa. 	
--	--

9- Justificativas sem desengajamento ou com dados insuficientes

Trata-se de justificativas de comportamento com dados insuficientes nos quais não foram encontrados critérios que indicassem mecanismos de desengajamento moral, como os exemplos a seguir:

“questões escolares, como trabalhos e apresentações.”

“Por falta de afinidade”

“Me senti ameaçada com medo de perder meus amigos”

“Baixo nível de maturidade (quando criança).”

“Não há necessidade”

“Porque se ele não pode vou eu mesmo fazer”

“Vejo isso como atitude ridícula”

“Eu poderia fazer, a pessoa não é obrigada.”

“Porque seria uma coisa horrível.”

“Não vejo essas atitudes como necessárias”

“Nunca fiz isso.”

“Quando preciso de algo vou lá e faço.”

10- Comportamento sem justificativa

Ocorre quando o participante marcou a opção que indica que cometeu agressão social, porém não justificou a ação. Nestes casos a ausência de justificativa foi classificada como *missing* e categorizada pelo número 99.

11 – Missing

Essa categoria engloba questões nas quais não foi indicado pelo participante da pesquisa se o mesmo praticou ou não a agressão, ou se não lembra do ocorrido.